

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**MARCUS LEPESQUEUR FABIANO GOMES**

UMA ANÁLISE DA ESTRUTURA ARGUMENTAL NA CONSTRUÇÃO DE  
SIGNIFICADO DELIRANTE POR UMA PACIENTE COM ESQUIZOFRENIA

**Belo Horizonte**

**2012**



**Marcus Lepesqueur Fabiano Gomes**

UMA ANÁLISE DA ESTRUTURA ARGUMENTAL NA CONSTRUÇÃO DE  
SIGNIFICADO DELIRANTE POR UMA PACIENTE COM ESQUIZOFRENIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria Tenuta de Azevedo

**Belo Horizonte**  
**Faculdade de Letras da UFMG**  
**2012**



Dissertação intitulada *Uma análise da estrutura argumental na construção de significado delirante por uma paciente com esquizofrenia*, defendida por Marcus Lepesqueur Fabiano Gomes, em 20/07/2012 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:

---

Profa. Dra. Adriana Maria Tenuta de Azevedo – UFMG  
Orientadora

---

Profa. Dra. Sandra Maria Silva Cavalcante – PUC/MG

---

Prof. Dr. Mário Alberto Perini – UFMG



Para Tainah Miranda



## **Agradecimentos**

Agradeço a todos aqueles que contribuíram diretamente ou indiretamente para que eu pudesse chegar até aqui, minha família, meus amigos e professores. Especialmente agradeço à professora Adriana Maria Tenuta de Azevedo por acreditar no meu trabalho.



**“Tudo que é imaginário tem, existe, é.  
Sabia que tudo que é imaginário existe e é e tem? Pois é...”  
(Estamira, 2005)**



## Resumo

Este trabalho é uma análise das formas como eventos delirantes foram expressos linguisticamente por uma paciente com diagnóstico de esquizofrenia, baseado na hipótese de que existe uma relação entre o núcleo conceptual de um evento e a forma como ele é expresso em construções gramaticais. Pretendeu-se descrever as formas esquemáticas básicas ligadas a estes eventos delirantes, tendo como ponto de partida a sua expressão na estrutura argumental. O *corpus* foi obtido a partir da transcrição de entrevistas, narrativas orais e conversações espontâneas de uma paciente com esquizofrenia, registradas no documentário “Estamira”, de Marcos Prado. O estudo de caso conduzido neste trabalho aponta que um tipo esquemático de interação semiótica representa bem aspectos semânticos e sintáticos da expressão dos eventos que compõem os delírios de influencia e persecutório dessa paciente. Essa forma esquemática de interação semiótica (ou esquema cognitivo) compõe o núcleo de eventos delirantes na medida em que se relaciona a uma forma básica de interpretação e organização dos eventos da experiência. Parte do processo de significação delirante pode ser compreendida, portanto, através de processos de integração conceptual organizados por essas formas semióticas esquemáticas. Esses achados corroboram a hipótese de Brandt (2007) de uma organização básica da consciência em termos de interações semióticas e sugerem, ainda que de forma preliminar, a possibilidade da descrição de eventos delirantes em uma base linguística, o que ajudaria a compor critérios de descrição mais objetivos desses e outros sintomas psicopatológicos.

Palavras chave: Estrutura Argumental; Integração Conceptual; Esquizofrenia; Delírio; Semiótica Cognitiva.



## **Abstract**

This study is an analysis of how delusional events were expressed linguistically by a patient with schizophrenia, based on the assumption that there is a relation between the core concept of an event and how this event is expressed in grammatical constructions. The aim was to describe the basic schematic forms related to those delusional events, taking as a starting point their expression in the argument structure. The corpus was obtained from the transcript of interviews, oral narratives and spontaneous conversations of a patient with schizophrenia, recorded in the documentary called “Estamira”, by Marcos Prado. The case study conducted in this work suggests that a schematic kind of semiotic interaction represents well semantic and syntactic aspects of the expression of persecutory and influence delusions. This schematic form of semiotic interaction (or cognitive schema) composes the core of delusional events in so far as it relates to a basic form of interpretation and organization of the events in experience. Part of the delusional meaning can be understood, therefore, through processes of conceptual integration organized by these semiotic forms. These findings corroborate Brandt (2007)'s hypothesis of a basic organization of consciousness in terms of semiotic interactions and suggest, albeit preliminary, the possibility of describing delusional events in a linguistic basis, which would help make criteria for description of these and other psychopathological symptoms more objective.

**Keywords:** Argument Structure; Conceptual Integration; Schizophrenia; Delusion; Cognitive Semiotics.



## Sumário

1	Introdução .....	9
1.1	Esquizofrenia e Linguagem.....	9
1.2	Esquizofrenia e a Linguística Cognitiva: a investigação proposta.....	11
2	Fundamentação teórica .....	15
2.1	Esquemas cognitivos e estrutura argumental.....	15
2.2	A proposta da Semiótica Cognitiva.....	19
3	Metodologia .....	29
3.1	Análise de eventos delirantes.....	32
4	Composição do corpus .....	39
5	Análise dos dados.....	43
5.1	Estrutura argumental e eventos delirantes.....	43
5.2	Esquemas cognitivos e Cenário Básico de Consciência.....	52
5.3	Esquemas cognitivos e construção de significado delirante.....	63
5.3.1	Esquema de causalidade.....	73
5.4	Um mundo subjetivo.....	81
6	Conclusão.....	87
	Referências.....	91
	APÊNDICE A.....	97
	APÊNDICE B.....	101
	APÊNDICE C.....	103
	APÊNDICE D.....	105
	APÊNDICE E.....	107



## **1 Introdução**

Este trabalho pretende abordar a relação entre linguagem e cognição através da análise linguística da produção oral de uma paciente com diagnóstico de esquizofrenia. Pretende-se analisar a forma como eventos delirantes são expressos linguisticamente.

De forma geral, serão discutidos aspectos relevantes para uma articulação teórica e metodológica, em uma base linguística e semiótica, que permita descrever princípios cognitivos envolvidos em quadros psicopatológicos e, especialmente, subsidiar uma explicação sobre parte do processo de construção de significado delirante. Para isso, serão apresentados, nesta introdução, alguns aspectos da caracterização da esquizofrenia e sua relação com a linguagem.

A análise linguística do discurso produzido por uma paciente com esquizofrenia pode auxiliar na compreensão de aspectos específicos dessa patologia e contribuir para o processo terapêutico e de diagnóstico.

### **1.1 Esquizofrenia e Linguagem**

Conforme descrito pelas duas principais classificações diagnósticas em psiquiatria, o DSM-IV (4ª edição do Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais) e o CID-10 (10ª revisão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), a esquizofrenia caracteriza-se, entre outros sintomas, pela presença de delírios, alucinações e alterações nas funções da linguagem e pensamento. Historicamente, vários critérios diagnósticos foram desenvolvidos para a classificação da esquizofrenia e, embora esses sejam os sinais mais comumente aceitos como característicos do quadro, não existem sintomas específicos dessa psicopatologia.

Do ponto de vista médico, o ideal de diagnóstico seria encontrarem-se causas preferencialmente biológicas, bem como sintomas clínicos, que fossem indicativos exclusivos desse quadro clínico. No entanto, até o momento, não se tem uma etiologia clara da esquizofrenia, mesmo com os avanços das neuroimagens e das pesquisas em genética. Tampouco há sinais específicos ou tão bem definidos que sejam preditivos desse transtorno. Portanto, o diagnóstico da esquizofrenia é de natureza sindrômica e realizado a partir da prática clínica, pois “nenhum sintoma isolado é patognomônico da Esquizofrenia, cujo

diagnóstico implica no reconhecimento de uma constelação de sinais e sintomas vinculados a disfunções sociais e ocupacionais” (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2003, p. 304).

Atualmente, a esquizofrenia é diagnosticada principalmente através de entrevistas padronizadas e das definições operacionais dos manuais diagnósticos. Para Kelly e Murray (2005, p. 63), existe atualmente uma “Torre de Babel de definições operacionais diferentes, algumas das quais, como os critérios do DSM, são modificadas com regularidade desconcertante”. A essa variedade de definições acrescenta-se ainda o caráter algumas vezes arbitrário de certos critérios que, aliados à ausência de fatores etiológicos e patogênicos suficientemente esclarecidos, geram limites pouco nítidos e dificuldades de realização do diagnóstico. A esquizofrenia, portanto, confunde-se com outras categorias de psicoses e mesmo com quadros depressivos, retardo mental ou histerias graves. De forma geral, os critérios diagnósticos funcionam melhor com pacientes crônicos, já com o quadro bem instalado, e “definitivamente pior em casos de primeira internação” (PARNAS, 2005, p. 46).

Como saída para os impasses diagnósticos, Parnas (2005) sugere que é preciso distinguir-se os critérios que fazem parte da definição da esquizofrenia, dos sintomas, que podem estar presentes ou ausentes. Esse autor propõe que um dos critérios que caracterizam essa psicopatologia<sup>1</sup>, independentemente dos seus sintomas, é uma alteração na configuração do *Eu* e sua relação com o mundo. No entanto, estudar esse tipo de alteração requer, para o autor, uma metodologia adequada e uma modificação no modelo médico que possa levar em conta aspectos da subjetividade.

Apesar das alterações de linguagem em pacientes com quadro de esquizofrenia, alterações tanto semânticas quanto gramaticais, serem descritas desde Bleuler (1916/1985) na própria constituição da esquizofrenia como quadro nosológico, e serem amplamente reconhecidas em grande parte da bibliografia especializada, existe um extenso debate sobre a relevância dessas alterações para o processo de diagnóstico e compreensão dessa patologia.

Classicamente há uma diferença de interpretação da natureza dessas alterações de linguagem: por um lado, essas alterações podem ser compreendidas como evidências de um distúrbio da própria linguagem, seguindo um modelo mais próximo à definição de Kraepelin; por outro, podem ser tomadas como evidências de um distúrbio do pensamento, conforme definido por Bleuler. (MORICE; DON MCNICOL; 1986).

---

<sup>1</sup> O autor utiliza o termo “essência da esquizofrenia”.

Apesar da visão mais tradicional entender a esquizofrenia como um distúrbio de pensamento com efeitos na linguagem, atualmente a questão tem sido extensamente retomada, especialmente a partir das contribuições da linguística. Segundo DeLisi (2001), em uma revisão da literatura sobre o tema, há evidências de alteração da compreensão e da produção da linguagem em pacientes com esquizofrenia e evidências que sugerem que déficits referentes a aspectos da linguagem podem estar na base dessa patologia. Morice e Don Mcnicol (1986) confirmam a presença de mudanças mensuráveis na complexidade das estruturas linguísticas desses pacientes. Chaika e Lambe (1986) sugerem alterações no nível pragmático da língua e apontam a necessidade de se levarem em consideração as alterações na estrutura da linguagem antes de se fazerem inferências sobre o pensamento e a cognição. Para Harrod (1986), há evidência de que, na esquizofrenia, os distúrbios de pensamento e de composição linguística são secundários a um distúrbio no domínio semiótico (domínio da língua em uso, segundo o autor).

## **1.2 Esquizofrenia e a Linguística Cognitiva: a investigação proposta**

O presente trabalho parte da hipótese de que a Linguística Cognitiva, enquanto um quadro teórico que trabalha com ambas as noções de linguagem e de cognição, como entidades inseparáveis, pode oferecer operadores teóricos para se pensarem as alterações de linguagem desses pacientes e potencialmente ajudar a esclarecer aspectos do seu diagnóstico. Mais especificamente, propõe-se aqui que o quadro teórico da Semiótica Cognitiva de Per Aage Brandt, proposto em uma série de trabalhos apresentados nesta dissertação, pode auxiliar na compreensão de parte do processo de construção de significado de pacientes com diagnóstico de esquizofrenia.

Apesar de sua fundação relativamente recente, a Linguística Cognitiva trata de várias noções que são pertinentes ao campo da própria linguística e também da psicologia e psiquiatria. No geral, as noções da Linguística Cognitiva têm colaborado para pesquisas interdisciplinares, mostrando que a investigação de fenômenos linguísticos, sob essa perspectiva, pode ter grande relevância para outras áreas do conhecimento.

Conforme postulado pela Linguística Cognitiva, a utilização das formas linguísticas está inter-relacionada a processos cognitivos. Pode-se esperar, portanto, que condições psicopatológicas apresentem reflexos na produção linguística e o estudo de tais reflexos pode

contribuir tanto para a compreensão do processamento da linguagem, quanto para a compreensão das próprias psicopatologias.

De forma geral, sugere-se aqui que a investigação da produção linguística de pacientes com esquizofrenia pode revelar a existência de padrões conceituais relacionadas à forma como esses indivíduos estruturam o próprio *self* e seus sintomas. Pretende-se descrever como esses pacientes estão construindo os significados, muitas vezes delirantes, dos eventos de sua experiência, com base nesses padrões internalizados e recorrentes. Esses padrões são compreendidos a partir da noção de *frame* e aplicados ao modelo de Integração Conceptual proposto por Brandt e Brandt (2005) a fim de se subsidiarem explicações, no nível cognitivo, sobre o processo de construção do significado.

A Linguística Cognitiva tem caminhado no sentido de desenvolver uma metodologia, baseada principalmente na língua em uso, ligada aos estudos de fenômenos cognitivos e subjetivos. Nesse sentido, ela tem o potencial para auxiliar no desenvolvimento de novas metodologias para os estudos em psiquiatria e psicologia.

Além disso, como ressalta Kiang (2005), se as desordens psiquiátricas puderem ser descritas em termos de um modelo da Linguística Cognitiva, isso ajudaria a compor uma validade ecológica<sup>2</sup> para esse modelo, acrescentando um conhecimento empírico dos princípios que governam o fenômeno estudado.

Este trabalho representa uma tentativa de se estabelecer, conforme proposto por Vasconcelos (2002), uma interlocução entre diferentes campos epistemológicos e contribuir para a compreensão do assunto dentro da linguística e dos estudos clínicos. Partindo de um ponto de vista crítico, já presente nas propostas cognitivas mais recentes de análise da linguagem, este trabalho busca compreender as alterações de linguagem desses pacientes não como equívocos, mas como formas de linguagem cognitivamente motivadas. Nesta análise, portanto, tenta-se romper com a perspectiva normativa, presente tanto em algumas abordagens linguísticas, quando psiquiátricas, sobre o assunto, de que se trata, no caso da esquizofrenia, de uma linguagem deficitária ou incompleta. Busca-se analisar as alterações de linguagem presentes nestes quadros clínicos como formas significativas e cognitivamente relevantes de utilização da linguagem. Essa análise vai ao encontro dos movimentos de reforma psiquiátrica e, apesar de não negar as psicopatologias, em certo sentido, coloca “entre parêntesis a doença e o modo como foi classificada, para que possamos entrar em contato com o doente, em toda a

---

<sup>2</sup> Validade ecológica diz respeito à capacidade do modelo descrever fenômenos fora de ambientes controlados (laboratórios).

sua humanidade e singularidade” (VASCONCELOS 2002, p. 74). Esta é uma referência ao que Vasconcelos (2002, p. 37) considera uma condição necessária para o conceito de interdisciplinaridade: as estratégias epistemológicas de interdisciplinaridade devem constituir valores explícitos da teoria crítica e da agenda das lutas emancipatórias e antiopressivas “no sentido de se evitar não só a fragmentação das ciências instrumentais e a crise dos paradigmas totalizantes de cunho modernista, mas também a dispersão micropolítica das abordagens pós-modernas”.

É importante ressaltar aqui que não se pretende reduzir toda a complexidade dos fenômenos presentes em quadros de esquizofrenia a uma abordagem linguística, mas contribuir para a análise de alguns aspectos dessa psicopatologia e subsidiar a base para pesquisas mais amplas da relação entre linguagem e psicopatologias.

A Linguística Cognitiva é um empreendimento que pode ter impacto para a neurociência cognitiva e a psiquiatria, oferecendo uma perspectiva sobre a questão do desenvolvimento da linguagem, da mesma forma que a experiência clínica em psicopatologia pode ser necessária para o desenvolvimento da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1997 apud. EYNON, 2002).



## 2 Fundamentação teórica

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica das análises desenvolvidas nesta dissertação, especialmente o que se refere à relação entre estrutura argumental e esquemas cognitivos, assim como à noção de Domínios Semânticos e o modelo de Integração Conceptual.

As ocorrências de certos padrões linguísticos do *corpus* foram investigadas com base na análise da estrutura argumental utilizada na expressão de eventos delirantes. Partindo desta estrutura argumental, entendida como o conjunto de relações que um verbo mantém com seus argumentos<sup>3</sup>, foram descritos esquemas relevantes para o processo de significação, tendo como hipótese a existência de uma relação entre esquemas cognitivos e estrutura argumental.

Para efeito de análise, compreende-se evento delirante como acontecimento ou ação que expressa conteúdos tipicamente observados na prática clínica em quadros psicopatológicos, conforme tipologia de delírios de Dalgalarrodo (2000). Ou seja, foram considerados todos os casos de delírios sistematizados que se aproximam dos casos prototípicos descritos na literatura. Ainda que não exista um limite nítido para a definição e classificação do que constitui um evento delirante, é possível identificar interpretações de base mórbida, com certa segurança, a partir do conjunto de definições tradicionais e do contexto de sintomas da esquizofrenia. O tema será retomado mais detalhadamente na sessão 3.1.

### 2.1 Esquemas cognitivos e estrutura argumental

Especificamente, este trabalho visa a analisar o núcleo conceptual de eventos delirantes com o objetivo de se investigar a relação entre estes eventos e sua expressão em construções gramaticais. A hipótese é a de que eventos delirantes são expressos na língua por estruturas argumentais e temáticas específicas, uma vez que estão em jogo, nesses casos, esquemas conceptuais específicos.

A fim de se abordar a relação entre esquemas cognitivos e estrutura argumental, buscamos definir o termo *esquema* dentro do quadro conceitual da Linguística Cognitiva e seus efeitos na compreensão de aspectos linguísticos.

---

<sup>3</sup> Considerando-se tanto o número de argumentos quanto os papéis semânticos a eles relacionados.

Uma revisão completa da utilização desse termo seria extensa demais para os propósitos deste trabalho, já que as referências vêm desde a filosofia grega, passando por Kant, até trabalhos em antropologia e psicologia (OAKLEY, 2007). Nas ciências cognitivas, o termo foi utilizado inicialmente para se descreverem aspectos de como o conhecimento é representado, armazenado e organizado na memória. Nos estudos linguísticos, o termo é classicamente compreendido como uma estrutura flexível, não linguística, que representa um conceito genérico, subjacente a um objeto, situação ou evento, e que estabelece uma rede de inter-relações entre seus constituintes (RUMELHART & ORTONY, 1976).

Neste último contexto, uma terminologia diversificada foi utilizada com significados mais ou menos próximos, tais como *frames*, *definition*, *script*, *plan*, *scene* e *scenario*, que ajudam na descrição de diversos fenômenos linguísticos tais como valência verbal, polissemia, categorização e estrutura argumental. (OAKLEY, 2007; RUMELHART & ORTONY, 1976; CIENKI, 2007).

Especialmente no âmbito da Linguística Cognitiva, a noção de esquema é compreendida como o resultado de uma capacidade cognitiva humana geral de realizar abstrações e reconhecer um núcleo comum de aspectos da experiência corpórea e social. Contrariamente à visão clássica que compreende os conceitos como representações de estados de um mundo objetivo e, portanto, não sujeitos à experiência subjetiva, estudos empíricos têm mostrado que os conceitos são definidos e compreendidos dentro de um quadro conceitual que depende da natureza da experiência humana (JOHNSON, 1987). Esta concepção denominada de *actuação* ou *corporeidade*<sup>4</sup> foi especialmente tratada por Johnson (1987) e por Varela et al. (1991), dentro das Ciências Cognitivas, e se resume na afirmação de que a cognição não pode ser compreendida fora de nossa história social e de ações corporalizadas. Por ação corporalizada, entende-se, primeiro, que a nossa cognição é inseparável da forma como experienciamos processos sensoriais e motores (percepção e ação) decorrentes de termos um corpo como o nosso e, segundo, que essa experiência encontra-se mergulhada em um contexto biológico, psicológico e cultural mais abrangente. (VARELA et al., 1991)

Para Johnson (1987), as experiências sensório-motoras (movimento, manipulação de objetos e percepção) são básicas na constituição de certas estruturas cognitivas esquemáticas. Para o autor, a experiência envolve padrões recorrentes ou *gestalts*, no sentido de uma

---

<sup>4</sup> Os termos originais em inglês são *enaction* e *embodiment*.

organização coerente da experiência, que são fundamentais para o processo de significação e estão na origem de certos tipos de *Esquemas Imagéticos*.

Em resumo, os *Esquemas Imagéticos* são abstrações baseadas em padrões recorrentes de interações sensório-motoras, que servem de base para a estrutura conceptual. Os *Esquemas Imagéticos* são, portanto, fundamentalmente ligados à experiência, mais especificamente a padrões de interações que estabelecemos com nosso corpo. Para Johnson (1987), a significação está relacionada à projeção da estrutura desses esquemas para outras experiências em um processo considerado metafórico. Assim, o corpo físico torna-se o domínio fonte de metáforas conceptuais para a compreensão de aspectos mais abstratos, tais como experiência social ou emocional.

A referência à metáfora compreendida como um processo cognitivo vem de um trabalho anterior publicado em parceria com Lakoff, em 1980. Nesse trabalho, os autores analisam padrões gramaticais (sintáticos e lexicais) presentes em construções utilizadas em campos semânticos distintos e inferem uma rede conceptual estruturada metaforicamente. Os autores sugerem que tais padrões ocorrem porque certos domínios de experiência são estruturados metaforicamente, ou seja, são compreendidos em termos de outros domínios mais básico.

Um exemplo utilizado pelos autores para explicar esse processo é a metáfora conceptual envolvendo tempo e espaço, onde noções de orientação e movimentos espaciais são utilizadas na compreensão de noções temporais. Para os autores, essa metáfora conceptual não apenas permitiria construções nas quais aspectos do tempo, como o passado e o futuro, são expressos a partir de noções espaciais, tais como frente, trás, ir e vir (como em “In the weeks ahead of us”, “That’s all behind us now”, ou “The time will come when...”), como também estão relacionadas à forma com agimos e pensamos a respeito do tempo (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 101). O termo Metáfora Conceptual<sup>5</sup> define esse mapeamento de entidades de um domínio-fonte (ou origem) para um domínio-alvo, estabelecendo correspondências ontológicas entre essas entidades e lhes atribuindo um sentido.

Por outro lado, Jackendoff (2002), lida com a questão dos padrões gramaticais em termos de um paralelismo sintático e lexical de padrões conceptuais que podem ser aplicados em diferentes campos semânticos. Para este autor, o uso de uma mesma estrutura ou de um mesmo termo em campos semânticos distintos não é pensado como projeção, mas como a

---

<sup>5</sup> O tipo de notação utilizada pelos autores consiste em DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE, por exemplo, TEMPO É OBJETO EM MOVIMENTO.

instanciação de um esquema mais abstrato, esquema esse não relacionado especificamente a um determinado campo semântico. Apesar das controvérsias, no geral, é consenso que o paralelismo linguístico reflete um paralelismo conceitual e revela uma organização fundamental do nosso sistema conceptual (JACKENDOFF, 2005). Para além desta discussão, o conceito de esquema constitui-se como um ponto de interseção central para se pensar a relação entre estrutura linguística, em especial a estrutura argumental, e processos cognitivos.

Fillmore, citado por Cienki (2007), em uma série de trabalhos de importância central sobre a relação entre estrutura argumental e esquemas cognitivos, percebeu que certos grupos de palavras pressupõem uma esquematização de um conjunto de relações interpessoais, cenários culturais, institucionais e experiências corpóreas. Utilizou então o conceito de *frame* para denominar qualquer sistema de escolhas linguísticas associadas a instanciações de cenas prototípicas. Ainda que o conceito de *frame* inicialmente descrevesse apenas o nível linguístico, Fillmore posteriormente estendeu seu uso para caracterizar parte da estrutura do nosso conhecimento de mundo, ligando a análise linguística aos estudos de fenômenos cognitivos. A ideia central apontada por esse autor de que a forma “tipo *frame*” de organização do conhecimento reflete parte da estrutura da língua, levou a uma espécie de “semântica de *frames*”, presente em trabalhos como a Gramática de Construções de Goldberg, a Gramática de Palavras de Hudson e a Gramática Cognitiva de Langacker (CIENKI, 2007).

Essa é uma posição muito próxima a adotada por Radden e Dirven (2007) ao considerarem que existe uma relação entre um núcleo conceptual de uma situação - compreendida como a relação entre duas ou mais entidades conceituais - e a sua expressão em construções gramaticais. Para estes autores, diferentes esquemas de eventos, ligados a diferentes tipos de experiência, são expressos na língua por diferentes padrões gramaticais que possuem constituintes e funções sintáticas específicas. Por exemplo, experiências subjetivas tais como emoções, percepções ou pensamento, estariam na base de certos esquemas cognitivos e esses se relacionam a certos valores semânticos e construções gramáticas. Apesar da relação entre esquemas cognitivos e padrões sentenciais não ser uma correspondência um-a-um, ela também não parece ser completamente arbitrária.

De forma semelhante, Perini (2008), citando Jackendoff, também considera a distinção entre a estrutura conceptual e a estrutura argumental. Por um lado temos a estrutura conceptual que é cognitiva, e, por outro, uma estrutura argumental, que é linguística. Esta

estrutura conceptual<sup>6</sup> é codificada na língua de forma esquemática pelos papéis temático. Os papéis temáticos são, portanto, unidades gramaticalmente relevantes com valores semanticamente esquemáticos, elaborados em cada frase individual, sempre mantendo traços comuns. Para esse autor, as formas sintáticas da língua codificam valores semânticos esquemáticos que são eventualmente elaboradas pelo falante em situações concretas, a partir de outros conhecimentos linguísticos e não linguísticos.

Ao contrário de Radden e Dirven (2007), no entanto, Perini (2008) não trata explicitamente desses valores semanticamente esquemáticos (os papéis temáticos) na perspectiva da *corporeidade*, ou seja, em termos de experiências básicas que estabelecemos com o nosso corpo. Ainda assim, o autor considera que os papéis temáticos podem ser entendidos em termos cognitivos e podem ser definidos dentro de esquemas mais gerais: “o caráter não primitivo dos papéis temáticos mais esquemáticos (Tema, Agente) pode ser entendido em termos cognitivos; ou seja, um papel temático como Meta é definido dentro do esquema Trajetória (Path).” (PERINI, em fase de elaboração)<sup>7</sup>. Ainda que alguns desses esquemas, como o de Trajetória, sejam classicamente descritos na perspectiva da *corporeidade*, resta saber se os demais valores semânticos codificados na estrutura argumental, tais como Agente e Paciente, podem também ser compreendidos nessa perspectiva, o que ajudaria a compor uma validade cognitiva para esse tipo de descrição linguística.

A fim de abordar a questão da relação entre *corporeidade* e estrutura argumental, apresentamos, a seguir, a proposta da Semiótica Cognitiva de Per Aage Brandt.

## 2.2 A proposta da Semiótica Cognitiva

Pretendemos apresentar, nesta sessão, duas noções fundamentais para a compreensão das análises realizadas nesta dissertação: o conceito de Domínios Semânticos e o de Modelo de Integração Conceptual.

No âmbito dos estudos da Linguística Cognitiva, o termo *domínios* foi tratado, de uma forma que nos interessa especialmente nesta dissertação, por Lakoff e Johnson (1980), na compreensão de que nosso sistema conceptual ancora-se em domínios experienciais básicos.

---

<sup>6</sup> Perini trata especificamente das relações conceptuais temáticas, ou seja, dos participantes e das relações estabelecidas no evento expresso em cada oração.

<sup>7</sup> PERINI, M. *O papel temático: relação cognitiva e instrumento de descrição*.

Nesse contexto, domínios são compreendidos como *gestalts* experienciais (*experiential gestalts*), ou seja, como unidades estruturadas a partir de experiências humanas recorrentes, que servem de base para a construção de significado.

São considerados domínios básicos da experiência aqueles que representam uma organização coerente de experiências humanas naturais - para utilizar os termos dos próprios autores - produzidas por nosso corpo (com seu respectivo sistema sensório-motor, capacidades mentais, emoções), por nossa interação com o ambiente (mover, manipular objetos, comer) e por nossa interação com outras pessoas (em termos culturais, políticos, sociais, religiosos etc.).

Apesar dessa utilização do conceito de *domínio* por aqueles autores, não houve esforços para se elaborar uma lista não-etcetera ou uma descrição dos domínios relevantes para o processo de conceptualização. Tal listagem seria essencial para a própria compreensão de noções como domínios fonte e alvo, que se apresentam organizados em termos de domínios mais básicos ou concretos até níveis mais complexos ou abstratos (BRANDT, 2004b).

Em um trabalho intitulado *The Architecture of Semantic Domains*, Brandt (2004b) busca definir e descrever os domínios semânticos básicos para a constituição de nosso sistema conceptual, ampliando as noções de *esquemas imagéticos* de Johnson (1987). Para Brandt domínios de experiência são igualmente domínios semânticos, pois as formas linguísticas (ou semióticas) são compreendidas e interpretadas em relação à algum domínio da experiência. Portanto, o processo de conceptualização ocorre em termos de domínios específicos, a partir de esquemas especializados.

Os domínios semânticos são, portanto, para Brandt, tipos de realidades constituídos com base na experiência humana, compreendida não apenas no sentido da experiência sensório-motora, mas da experiência humana como um todo, em suas variadas possibilidades.

“Semantic domains are constituted by human experience in the richest possible phenomenological sense; languages, cultures, and human semiotics in general are based on experiences and practices in a life-world constituted as a whole, and though it is perfectly possible to divide this whole arbitrarily into comparable segments — a task regularly assumed by natural philosophies and religions — it is also possible to identify genuine parts of it that remain stable under cultural variation. If such parts are identified, they qualify as universally given semantic domains. A domain filled differently by different cultures will still be the same

domain, if we can find evidence of its staying the same notional and practical 'kind of reality', characterized by the sort of things humans do in it. Humans do not live in separated 'kinds of life-worlds, we suppose, but rather in one human life-world with a cognitively necessary set of subworlds or domains that integrate into a phenomenological whole. This is the assumption we will elaborate further here. The essential question will be how to grasp and model the composition of this phenomenological whole.” (BRANDT, 2004b, p. 37)

Essa análise compõe uma Fenomenologia Estrutural, compreendida como um projeto de se explorarem as regularidades do significado experienciável, partindo do pressuposto de que a experiência pode ser dividida em partes mais ou menos estáveis e comuns a diferentes culturas e pode ser analisada e interpretada estruturalmente a partir da linguagem (BRANDT, 2004a).

Como primeiro passo para se estabelecer uma visão dos domínios semânticos, Brandt retoma a análise de Sweetser, reconsiderando a proposta de que a polissemia de expressões modais é indicativa da existência de uma distinção conceptual importante que pode ser explicada a partir da distinção entre domínios semânticos. Para Brandt, valores narrativos, deônticos, epistêmicos e performativos de unidades modais, como o *must* do inglês, expressam a dinâmica de diferentes domínios semânticos, a saber, domínio físico (D1), social (D2), mental (D3) e domínio de ato de fala ou empático<sup>8</sup> (D4). No entanto, Brandt não considera, como Sweetser, que estes diferentes valores modais são decorrentes de um processo de extensão metafórica do domínio físico (físico/social) para um abstrato (mental/expressivo). Isso porque, para o autor, não é necessário se postular uma hierarquia entre esses domínios, pois se trata de âmbitos da experiência distintos e ontogeneticamente diferenciados por uma criança como dimensões básicas para a significação.

Estes quatro domínios semânticos são considerados como domínios experienciais na medida em que se referem “a tipos de realidade” nos quais os sujeitos humanos interagem: um ambiente físico, material e gravitacional; um mundo formado por coletividades humanas em práticas simbólicas; um mundo de experiências subjetivas; um mundo de relações e trocas expressivas. São considerados ontológicos, no sentido de que constituem estruturas comuns, mais ou menos estáveis entre diferentes culturas, das “regiões” básicas da experiência humana que um bebê humano é capaz de distinguir: o domínio social (D2) se distingue do físico (D1)

---

<sup>8</sup> O termo de Domínio Empático foi utilizado em um trabalho de 2007 desde mesmo autor. Nessa dissertação utilizarei esta denominação no lugar de Domínio de Atos de Fala, como é apresenta no trabalho de 2004b.

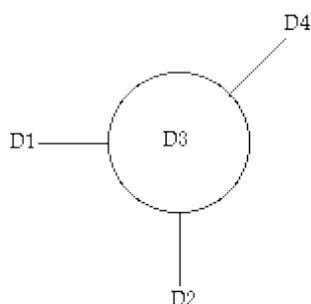
tão logo percebemos a diferença entre pessoas e coisas. Também somos capazes de distinguir em nós mesmos experiências subjetivas (sentimentos, memória, pensamento) (D3) e podemos reconhecer em outras pessoas sinais expressivos destes estados emocionais (D4). (BRANDT, 2007).

Nessa perspectiva, a *corporeidade* é compreendida a partir de um mundo causal, de objetos movendo-se de acordo com uma dinâmica de forças (D1), mas também em um mundo de experiências sociais, com seres animados e intencionais (D2); em um mundo de experiências e imagens mentais (sonhos, recordações, desejos, medos, sensações e emoções) (D3); e em um mundo de trocas expressivas em uma relação face-a-face (D4). A gestualidade é tomada como exemplar nessa distinção, sendo igualmente vivida nessas diversas dimensões. Nas palavras do autor, “Moving around (D1), doing things with other people (D2), waiting and expecting (D3), and smiling and crying (D4) are distinct gestural activities and yield distinct sorts of perception for everyone however young” (BRANDT, 2004b, p. 44).

Esses tipos básicos de experiência são compreendidos semioticamente, ou seja, em cada um destes domínios, os sujeitos podem perceber *gestalts* que manifestam a presença de um objeto. Compreendendo essas *gestalts* como significantes e os objetos como significados, o autor identifica um arranjo de signos relacionados às experiências de cada domínio semântico, que a mente humana parece universalmente capaz de reconhecer: signos físico-causais ou indexicais em D1, sócio-convencionais ou simbólicos em D2, mentais ou conceituais em D3, empáticos ou icônicos em D4. (BRANDT, 2007)

A Figura 1 é a representação proposta pelo autor desses quatro domínios semânticos básicos:

Figura 1 – Domínios Semânticos Básicos



(BRANDT, 2004b, p. 41)

Na figura, o círculo representa o sujeito e os traços indicam diferentes tipos de interação que esse sujeito pode estabelecer em cada domínio semântico. Destas interações, decorrem esquemas cognitivos, compreendidos como padrões dinâmicos da experiência, abstraídos pelo sujeito em sua corporeidade (BRANDT, 2004a). Para esse autor, portanto, mesmo experiências básicas como da causalidade, temporalidade e espacialidade, classicamente descritas apenas como experiências físicas, são vivenciadas de formas distintas em cada domínio semântico e dessas diversas formas de experiência são abstraídos diferentes esquemas envolvidos na representação de como os eventos acontecem no tempo e no espaço. (BRANDT 2004b).

Trata-se aqui de uma importante reconsideração da experiência semiótica e comunicativa na constituição do sistema conceptual. Apesar do amplo reconhecimento da importância dessas experiências na constituição da própria subjetividade e na utilização da linguagem, as teorias clássicas da metáfora conceptual e dos esquemas imagéticos, no geral, enfatizam um tipo de relação bastante específico, fora de um contexto subjetivo, social e comunicativo, constituindo a base do sistema conceptual humano.

Essa noção dos domínios semânticos tem impactos importantes na compreensão dos processos de integração conceptual e levou Brandt, em uma série de trabalhos, a reformular também a proposta das redes de Integração Conceptual ou Mesclagem, de Fauconnier & Turner (1996; 1998).

De forma semelhante à compreensão da natureza dos esquemas cognitivos, também os processos de integração conceptual, para Brandt (2004b), não podem ser compreendidos fora da perspectiva dos domínios semânticos. Ainda que para a Teoria da Mesclagem Conceptual a hipótese da diferença entre domínios não seja considerada crucial - pois tais processos seriam descritos em termos de uma integração entre espaços mentais e não entre domínios semânticos - para Brandt, a noção de domínios semânticos é necessária, uma vez que a integração conceptual ocorre entre espaços mentais de naturezas e domínios distintos, e isto teria influência sobre a prevalência de determinados *frames* sobre outros no processo de integração conceptual.

Para Fauconnier e Turner (1998), a Integração Conceptual é uma operação cognitiva básica, que atua em diferentes níveis de abstração e sob diferentes circunstâncias contextuais. Tal processo consiste basicamente de mapeamento e projeções estruturais entre conteúdos

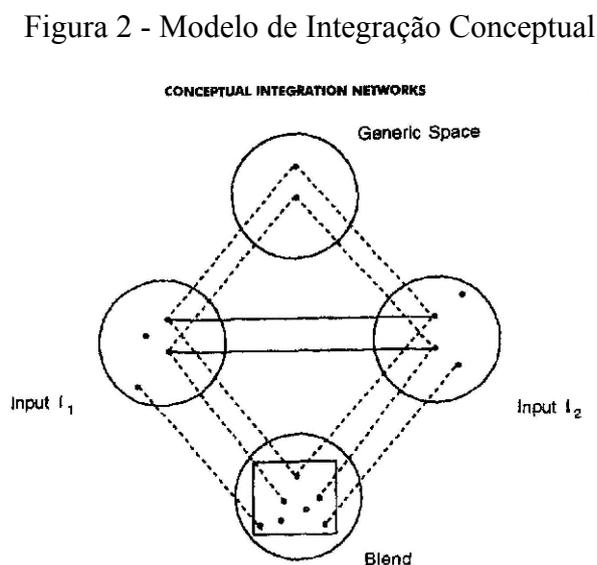
conceptuais, representados em espaços mentais, que possibilitam a construção de significados emergentes.

Nesse modelo, as estruturas que compõem a rede de integração conceptual são espaços mentais. Espaços mentais são compreendidos como pequenos pacotes de informação conceptuais construídos à medida que pensamos e conversamos. Eles são estruturados por *frames* e se interconectam à medida que produzimos discursos.

Classicamente, a integração conceptual é compreendida como um processo envolvendo quatro espaços mentais. Em dois espaços *input* ocorre um mapeamento mutuo. O Espaço Genérico contém a estrutura comum dos *inputs* e define a forma como ocorre o mapeamento dos elementos desses espaços, conectando contrapartes em cada um deles. Por fim, um quarto espaço, a mescla propriamente, compõe-se dos diferentes elementos que foram projetados para lá a partir dos *inputs*. Essa projeção ocorre seletivamente, de forma parcial, e permite estruturas de significado emergentes: a partir de determinadas propriedades e princípios sob os quais a integração conceptual opera. A composição dos elementos dos *inputs* torna disponíveis relações que não existiam anteriormente.

A integração conceptual constitui-se em uma alternativa não-composicional do significado, uma vez que o resultado final do processo não é previsto unicamente a partir da estrutura dos *inputs*, ainda que sejam motivadas por tais estruturas e compatíveis com nossas experiências individuais e com a estrutura contextual.

A figura a seguir, proposta por Fauconnier e Turner (1998), é uma representação genérica deste processo:



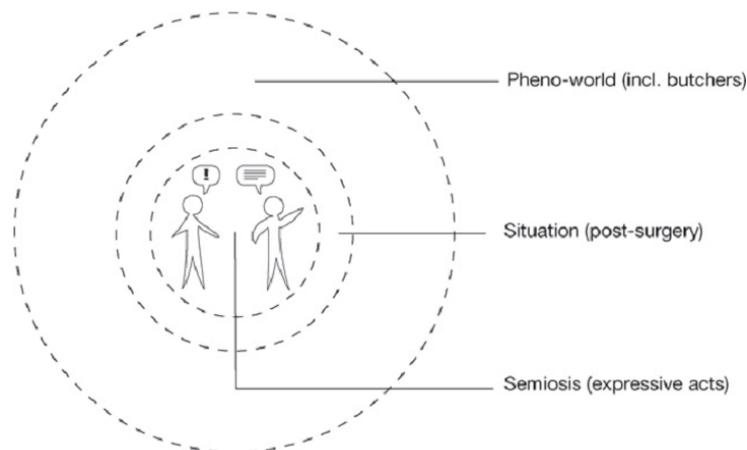
(FAUCONNIER e TURNER, 1998, p. 143)

A fim de se descrever a integração conceptual em situações comunicativas, Brandt e Brandt (2005) propõem um diagrama mais complexo. Para estes autores, diferentes esquemas ou *frames* de Relevância, estruturados de acordo com domínios semânticos e com base no contexto não linguístico, representado em um Espaço Semiótico, funcionam como elementos organizadores do processo de integração conceptual.

O Espaço Semiótico representa a relação discursiva no ato de construção de significado. Ele contém a representação das circunstâncias do ato comunicativo propriamente, do seu respectivo contexto, conforme estruturado pelos participantes, e a própria representação de um mundo fenomenológico.

A figura a seguir, proposta pelos autores, representa a estrutura do Espaço Semiótico em uma análise da metáfora *This surgeon is a butcher*. Trata-se de uma metáfora analisada também por Fauconnier e Turner (1998), aqui, considerada como enunciada em um contexto pós-cirúrgico por uma mulher insatisfeita com a aparência da cicatriz resultante de uma cirurgia.

Figura 3 - Espaço Semiótico



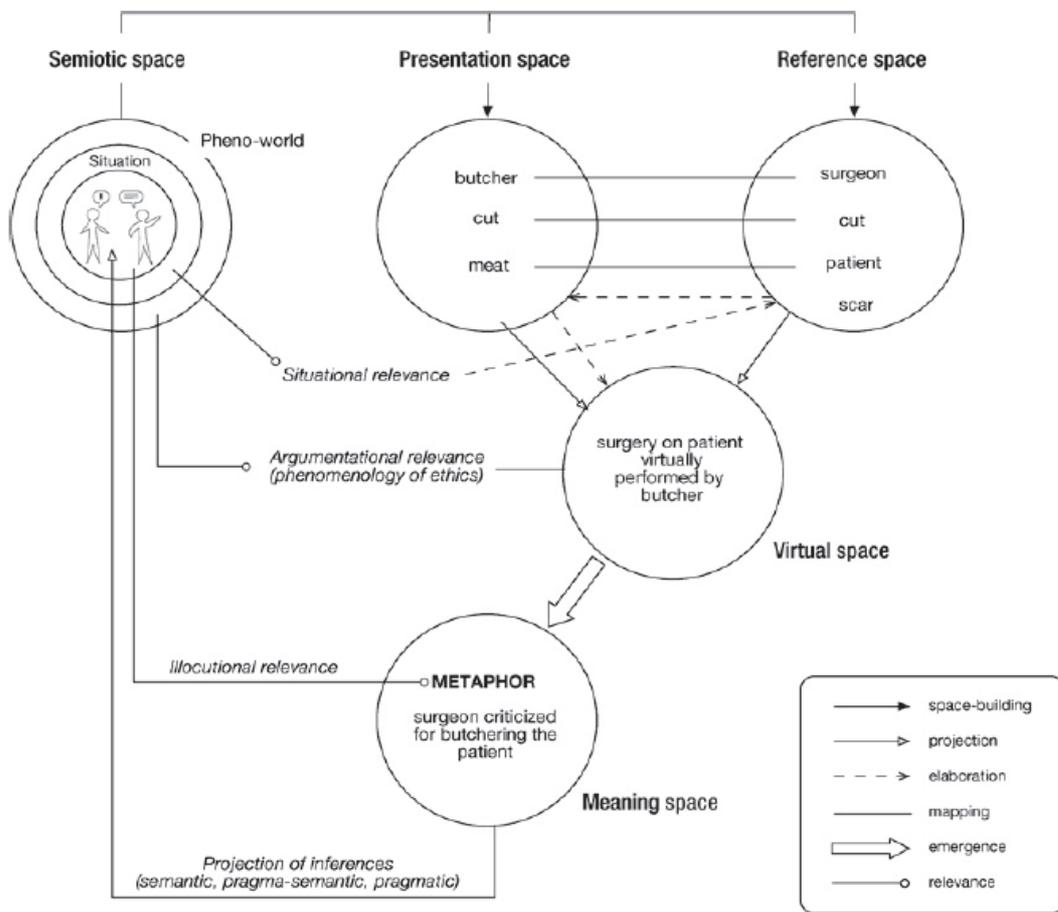
(BRANDT e BRANDT, 2005, p. 226)

O Espaço Semiótico consiste de três tipos de determinação do processo de integração conceptual, representadas através dos três círculos concêntricos. A construção de sentido opera, primeiro, em um contexto situacional mais amplo, representado na figura pela esfera mais externa, que inclui a representação compartilhada de características, regularidades e restrições do mundo fenomenológico. No enunciado analisado, ele inclui, por exemplo, a noção de açougueiro, cirurgião e como ambos podem ou devem agir. Em um contexto mais

restrito, representado pelo segundo círculo da figura, existem as circunstâncias que caracterizam uma situação comunicativa específica, na forma como é organizada pelos interlocutores. Essa situação inclui os aspectos relevantes do contexto imediato e tudo aquilo, do passado ou do futuro, que tem consequências para o presente da enunciação. No exemplo analisado, incluem-se o contexto pós-cirúrgico, a cicatriz, a situação de recuperação do paciente e tudo aquilo que se estrutura como relevante para o falante e o ouvinte na situação comunicativa. Por fim, na esfera mais interior da figura estão representados aspectos da situação comunicativa propriamente dita, incluindo a noção, por exemplo, de que se trata, no enunciado em questão, de um ato expressivo (BRANDT, 2005).

Com base neste Espaço Semiótico, diferentes *frames* de Relevância são responsáveis por organizarem o processo da mesclagem. A figura 4 é o diagrama completo proposto por Brandt e Brandt (2005) para representar o processo de integração conceitual:

Figura 4 - Modelo de Integração Conceitual



(BRANDT e BRANDT, 2005, p. 239)

Na figura, estão representados os dois espaços *Input* classicamente considerados na Teoria da Mesclagem, renomeados de Espaço de Apresentação (*Presentation Space*) e Espaço de Referência (*Reference Space*). O Espaço de Apresentação é comparado, nos termos da teoria da Metáfora Conceitual, à noção de domínio-fonte e o Espaço de Referência, em conjunto com o *frame* de Relevância, à noção de domínio-alvo. Os autores não incluem em seu modelo a noção de Espaço Genérico, baseados na crítica de que não existe uma estrutura comum, *a priori*, entre os espaços *Input*, mas sim *frames* que determinam em que termos uma entidade é compreendida a partir de outra quando ocorre um processo de integração conceptual. Assim, diferentes *frames* de Relevância (Relevância Situacional, Argumentativa e Ilocucional) com base no Espaço Semiótico, funcionarão como o elemento organizador do processo.

No exemplo da metáfora *This surgeon is a butcher*, analisada, a expressão dêitica *This surgeon* instaura um Espaço de Referência em contraste com um Espaço de Apresentação, instaurado pela expressão predicadora *is a butcher*. Esse Espaço de Apresentação representa a forma como os interlocutores representam e constroem discursivamente um dado referente. Nesta dada situação enunciativa, os elementos situacionais, assim como os conhecimentos do mundo fenomenológico e a própria situação de interação comunicativa, organizaram o processo de integração conceptual.

Inicialmente, um *frame* de Relevância Situacional, evocado a partir de elementos colocados em foco no Espaço Semiótico, tais como contexto pós-cirúrgico e a cicatriz, estrutura a mescla em um Espaço Virtual. Ou seja, é um *frame* da relação entre actantes semânticos (cirurgião-paciente), com nossa atenção voltada para o que aconteceu ao paciente. Esse *frame* organiza o Espaço de Referência (cirurgião age sobre paciente) e o Espaço da Apresentação (açougueiro age sobre uma peça de carne). O espaço virtual integra os elementos dos Espaços de Apresentação e Referência. Nele, o agente é simultaneamente um açougueiro e um cirurgião; o paciente é simultaneamente uma peça de carne e uma pessoa sob atendimentos médicos (BRANDT, 2004b).

Em um segundo momento, há a evocação de *frames* de Relevância Argumentativa, com base em conhecimentos esquemáticos envolvidos na avaliação “ética” da situação e dos atos humanos. Por fim, uma Relevância Ilocucional, determinada pelo que acontece na situação de comunicação propriamente dita, permite-nos uma interpretação pragmática do ato enunciativo como um ato expressivo e um pedido de confirmação da situação.

Esse conjunto teórico proposto por Per Aage Brandt em uma série de trabalhos que compõem a proposta da Semiótica Cognitiva oferece um importante arsenal para se abordar o fenômeno das psicopatologias. Propõe-se aqui que as noções de Espaço Semiótico e *frame* de Relevância poderiam oferecer alguns elementos para se explicarem os processos de significação delirante. Essa hipótese pode ser corroborada por Harrod (1986), que destaca que alguns sintomas da esquizofrenia são exemplares para se pensar essa psicopatologia como um distúrbio semiótico. Em suas palavras:

Other symptoms taken to be differential for schizophrenia, such as thought insertion, thought broadcasting, thought withdrawal, and running commentary provide further examples of a disordering of the semiotic structure. Conversely, these symptoms do not reflect some sort of linguistic composition disorder; nor do they reflect some sort of “thought” disorder, if by “thought” one means, e.g., logic, reflection on intentionality, evaluation of social performance, etc. (HARROD, 1986, p. 13)

O modelo de Brandt (2005) traz justamente contribuições semióticas às teorias semânticas dos Esquemas Imagéticos e da Teoria da Mesclagem e, conseqüentemente, pode auxiliar a compreender, através do *frame* de Relevância e do Espaço Semiótico, como se dá a seleção e organização desse processo de mesclagem.

### 3 Metodologia

Alguns aspectos da linguagem podem ser conscientemente percebidos, diretamente, pelos usuários da língua. Mais especificamente, aspectos particulares da língua podem emergir, espontaneamente ou serem evocados, na consciência do falante ou ouvinte, de forma mais ou menos clara. Esses aspectos podem ainda ser tomados, eles mesmos, como o próprio objeto de investigação linguística. (TALMY, 2006).

A acessibilidade desses aspectos à consciência, através da direção da atenção, via introspecção, depende de diversos fatores tais como diferenças individuais, a situação de ocorrência, condições de atenção e a própria categoria do objeto analisado. Considerando todas essas variáveis, uma das categorias mais claras à consciência e estáveis quando observada isoladamente via metodologia de introspecção é o significado, entendido como um conteúdo conceptual ligado a uma representação linguística. Além de o significado ser um dos aspectos linguísticos mais acessíveis à introspecção, esta metodologia parece ser a única que permite um acesso direto ao conteúdo do significado consciente (TALMY, 2006).

Uma das críticas mais contundentes aos trabalhos que se utilizam desse método refere-se à falta de dados objetivos e replicáveis, importantes para as metodologias experimentais. Apesar desta e outras críticas, essa metodologia tem sido uma importante ferramenta para a produção de conhecimento, desde a Antiguidade Clássica até as teorias mais modernas da Linguística Cognitiva (CAVALCANTE, 2009).

A reflexão teórica introspectiva sobre um determinado fenômeno linguístico é uma estratégia metodológica necessária e válida para a realização de diferentes tipos de análise linguística, e, em especial, para a análise semântica. Se assim não fosse, teríamos de desconsiderar a importância e o valor científico de resultados de pesquisa alcançados por, por exemplo, Leonard Talmy (2003a, 2003,b), George Lakoff e Mark Johnson (1980,1999), Ronald Langacker (200, 2002, 2004), Gilles Fauconnier (1994 [1984]), Mark Turner (1996, 2001, 2006), Per Aage Brandt (2004), Per Aage Brandt e Line Brandt (2005), e centenas de outros pesquisadores que, atuando em centros de excelência acadêmica de várias partes do mundo, orientam seu trabalho de pesquisa com base na reflexão teórica introspectiva e não na utilização de métodos experimentais. (CAVALCANTE, 2009, p. 101).

Apesar das limitações da metodologia introspectiva, ela parece ser um dos instrumentos mais relevantes para pesquisas em semântica. Mesmo que os pesquisadores adotem outros tipos de metodologia, em algum nível ele terá que lidar com a análise introspectiva do significado evocado. Como ressalta Perini (em fase de elaboração), uma

análise estritamente formal deixa a desejar, já que permanece inteiramente em aberto o problema da relação conceito/imagem acústica, sendo esta tarefa, já apontada por Saussure, como fundamental da linguística. Neste sentido, para Perini, o significado deve ser tomado como um *fato* perceptível pelos falantes, tal como a estrutura fonológica, a fim de se estabelecerem relações simbólicas entre significante e significado.

Com o objetivo de se investigar o núcleo conceptual de eventos delirantes, parte-se de uma análise semântica do elemento verbal e sua respectiva estrutura argumental, por se admitir que o elemento verbo especifica grande parte do evento ou estado denotado, e a sua estrutura de argumentos é responsável pela definição dos participantes, circunstâncias e qualidades ligadas a esse evento.

Para tal análise, este trabalho utiliza, como ponto de partida, a noção de Relações Conceptuais Temáticas (RCTs), conforme definida por Perini (2008), compreendida como uma relação conceptual maximamente especificada estabelecidas entre o elemento verbal e o seu complemento. As RCTs são o resultado de um processo de elaboração cognitiva que se inicia através de um sinal linguístico, mas depende de outros aspectos, como o contexto de ocorrência, memória e conhecimentos não linguísticos.

Para efeito de exemplificação, segue abaixo um trecho retirado do *corpus* em análise:

Exemplo 1 - “O Trocadilo... amaldiçoado, excomungado... hipócrita, safado, canalha... indigno, incompetente sabe o que que ele fez?  
Mentir pros homem,  
soduzir os homem,  
cegar os homem,  
soduzir os homem  
infetivar os homem  
e depois jogar no abismo” (Apêndice E, p. 107-108)<sup>9</sup>

Em cada unidade oracional entendemos diferentes tipos de ação do “Trocadilo”. Em “Menti pros homem”, o “trocadilo” está necessariamente envolvido em uma atividade comunicativa. Já em “Soduzi os homem” ele provoca uma mudança interna no homem que se torna encantado ou fascinado. Em “cegar os homem”, o esquema evocado envolve uma

---

<sup>9</sup> Os dados foram transcritos respeitando-se aspectos da pronuncia original. A paciente utiliza termos mais ou menos próximos a palavras existentes da língua. Em alguns casos é possível afirmar que seja uma alteração fonética de um termo existente, como em “Soduzi” parece ser seduzir. Já “Infetivá” parece ser um neologismo da paciente.

alteração causada na percepção e, em um sentido metafórico, uma alteração na capacidade de entendimento<sup>10</sup>.

Em nível maximamente elaborado, o conjunto das características dos verbos, informações lexicais dos sintagmas a eles relacionados, a construção em que ocorrem e conhecimentos pragmáticos, evocam, na interpretação da oração, uma relação conceptual temática (RCTs) bastante específica. No exemplo em análise, as diferenças em cada uma das unidades oracionais vêm de esquemas distintos evocados pelo elemento verbal em questão, enquanto os argumentos permanecem constantes.

A análise das RCTs coloca-nos, conforme observação de Perini (em fase de elaboração), em um nível de análise bastante concreto, muito diretamente ligado a fatos perceptíveis pelos falantes mediante introspecção. Por outro lado, distancia-se de uma análise linguística, na medida em que trata de relações cognitivas e não linguísticas propriamente.

Para se chegar a uma análise linguística de fato, as unidades oracionais do *corpus* em questão foram avaliadas tematicamente. Essa análise tem como objetivo auxiliar na separação das unidades oracionais de acordo com semelhanças semânticas e sintáticas, bem como auxiliar na definição de aspectos dos esquemas cognitivos subjacentes às unidades oracionais.

Retomando o exemplo (1), em um nível mais esquemático, existem os papéis temáticos, compreendidos com um conjunto de RCTs que podem aparecer em orações diferentes mas que se identificam em termos de sua relevância gramatical: em todos os casos “o Trocadilo” é um Agente anaforicamente recuperado. Em “soduzi os homem” e “cegá os homem”, o sintagma “os homem” é Paciente dessa ação. Nesse caso, as noções esquemáticas de Agente e Paciente são importantes na descrição gramatical e revelam aspectos de um esquema geral elaborado em cada oração individual.

As análises realizadas nesta dissertação partem da compreensão de que 1) os papéis temáticos podem ser compreendidos em termos cognitivos, como parte de esquemas mais gerais e 2) há uma relação significativa entre estes esquemas, na perspectiva da *corporeidade*, e a estrutura argumental. A hipótese levantada é a de que alterações nesses esquemas cognitivos, presentes em quadros patológicos, apresentem reflexos na estrutura linguística e possam ser analisadas linguisticamente.

Em resumo, propõem-se aqui os seguintes procedimentos de análise de um *corpus* composto de relatos orais de uma paciente com esquizofrenia:

---

<sup>10</sup> A expressão não parece fazer referência a uma crença de que os homens estejam literalmente cegos, mas sim à seu estado de desconhecimento e ignorância.

- a) Separação do *copus* em unidades oracionais;
- b) A partir das Relações Conceptuais Temáticas, identificação da distribuição temática dessas unidades oracionais;
- c) Separação das unidades oracionais que descrevem eventos que compõem o delírio da paciente em questão;
- d) Identificação de padrões comuns de distribuição temática e argumental das orações que compõem eventos delirantes;
- e) A partir da distribuição temática, definição de esquemas cognitivos gerais subjacentes ao conjunto de relações conceptuais presentes no *corpus* e relacionados à estrutura semântica e argumental;
- f) Aplicação desses esquemas cognitivos ao modelo de Integração Conceptual proposto por Brandt e Brandt (2005), a fim de se verificar se esses esquemas podem ser compreendidos como *frames* organizadores da produção delirante dessa paciente.

### 3.1 Análise de eventos delirantes

Com o intuito de se observar a relação específica entre estrutura argumental e esquemas de eventos envolvidos na significação delirante, foram separadas todas as unidades oracionais que compõem aspectos do delírio da paciente em questão.

O termo delírio refere-se a alterações de base mórbida, presentes em mais de um quadro psicopatológico. Trata-se de um dos elementos mais importantes na clínica e no diagnóstico psiquiátrico da esquizofrenia.

Embora o delírio tenha sido um fenômeno amplamente estudado nos últimos dois séculos e retomado, particularmente, na última década, por modelos das ciências cognitivas, continua sendo um tema bastante controverso. De forma geral, a descrição dos processos cognitivos envolvidos nas construções delirantes permanece sendo um desafio para as teorias das psicopatologias (DALGALARRONDO et. al., 2003; KIRAN e CHAUDHURY, 2009).

Dalgarrondo (2000), retomando a proposta fenomenológica de Jasper, define o delírio como juízos patologicamente falseados, com três características essenciais: a presença de uma convicção extraordinária por parte do paciente com relação a ele, ou seja, o paciente

não admite alternativas possíveis de interpretação ao evento; não é passível sua refutação por provas da realidade ou por argumentos lógicos; possui um conteúdo impossível, não pertencente ao plano cultural do paciente.

Apesar de essa ser a definição tradicionalmente aceita e mais comumente utilizada na identificação do delírio, tais critérios foram alvos de críticas e reflexões. Dalgalarrondo aponta que as características jasperianas, mesmo sendo úteis para a identificação semiológica do delírio, muitas vezes não correspondem exatamente àquilo que encontramos na prática clínica (DALGALARRONDO et. al., 2003). O próprio Jasper considera que apenas essa definição dá-nos uma resposta superficial e incorreta do problema (KIRAN e CHAUDHURY, 2009) e falha em diferenciar o delírio de outras formas de crenças presentes em quadros patológicos ou não. Além disso, muitos conteúdos delirantes não podem ser postos à prova, especialmente aqueles de conteúdo místico e religioso. Outros possuem ainda conteúdos bastante realísticos. No geral, as características definidas por Jasper são pensadas como um *continuum* que, em conjunto com a presença de repostas emocionais intensas, disfunções sociais e ocupacionais, ajudam na classificação do que seja ou não um delírio.

Rodrigues e Banzato (2010) argumentam que o delírio é uma classe de fenômenos não discreta que pode ser mais bem compreendida dentro de um modelo de definições prototípicas. Assim, as definições tradicionais descrevem o caso prototípico da classe, enquanto os casos particulares precisam de outras referências para ser identificados. O delírio é, então, compreendido a partir de formulações teóricas, de achados empíricos, da prática clínica e, especialmente, a partir do conjunto de outros sinais e sintomas que compõem o quadro clínico do paciente.

Apesar das controvérsias, pacientes com quadros de esquizofrenia já bem instalados apresentam ideações delirantes muito próximas às definições tradicionais. O estudo de tais casos prototípicos parece ser o caminho mais fácil para se identificarem os processos cognitivos envolvidos na significação delirante. No caso em análise, é possível, a partir dos critérios discutidos anteriormente e de todo o contexto de sintomas, identificarem-se, com segurança, as orações que expressam eventos dos delírios da paciente. Trata-se dos dois tipos mais comuns de ideação delirante na esquizofrenia: a ideação paranoide (ou seja, delírios de conteúdo persecutório) e os delírios de influência (que se refere à sensação ou crença comumente presente nesses pacientes, de que eles estão sendo influenciados, controlados ou comandados por um agente externo). É importante ressaltar que o delírio paranoide parece ser

o tipo mais frequente de ideação delirante e o de influência um dos mais importantes para a classificação da esquizofrenia. Um terceiro conjunto de eventos analisados, classificado na tipologia de Dalgarrondo (2000) como sendo delírio místico ou religioso, refere-se à crença do paciente de que ele seja ou esteja em comunhão com Deus ou com alguma entidade transcendental. O paciente sente que tem poderes místicos, que tem uma missão religiosa ou é portador de uma mensagem religiosa fundamental.

Assim, foram separadas as unidades oracionais que apresentam, em seu conteúdo, as entidades que compõem os delírios da paciente. Foram excluídas, no entanto, por não serem relacionadas a esquemas de eventos propriamente dito, orações estativas, que expressam uma condição, ou que definem uma entidade como sendo algo ou como estando em um determinado estado (incluem os papeis temáticos de possuidor/possuído, qualificando/qualidade e alfa referencial)

Este conjunto de orações do *corpus* foi, então, avaliado de acordo com semelhanças semânticas e sintáticas, através da estrutura argumental. Para tanto, as relações conceptuais e a estrutura argumental dos trechos analisados foram descritas a partir da notação proposta por Perini (2008) para a descrição das diáteses verbais. Tal notação representa de forma esquemática um conjunto de construções. Essa notação foi escolhida porque permite visualizar, com mais facilidade, padrões sintáticos e semânticos que sejam dependentes do elemento verbal, e, portanto, estejam relacionados ao núcleo conceptual do evento.

As construções são descritas, então, em termos dos seguintes elementos e características, com base em Perini (2008):

- a) Utiliza-se a notação “H” como uma variável representando o sufixo verbal de pessoa-número e/ou o sintagma nominal que possui uma relação especial com este sufixo. A notação expressa, portanto a desinência verbal ou o que é tradicionalmente identificado como sujeito, independentemente da posição que ocupa na oração. Assim, frases como “Uma chuva fortíssima caiu” e “Caiu um chuva fortíssima” “são consideradas realizações de uma mesma construção, a saber, a ergativa” (PERINI, 2008, p. 246) sendo ambas as orações representadas da seguinte forma:

<b>H</b>	<b>V</b>
Paciente	

- b) Os termos da oração são representados formalmente apenas pela sua posição na oração e não pela classe a que pertencem. Utiliza-se o símbolo de reticências [...] representando que uma determinada posição da estrutura de argumentos pode ser preenchida por diferentes classes gramaticais, como um Sintagma nominal (SN) ou Sintagma adjetivo (Sadj), desde que apresentem um potencial temático adequado. Assim, uma notação do tipo

H	V	...
Qualificando		Qualidade

representa esquematicamente estruturas em que o elemento pós-verbal é um sintagma adjetivo (como em “Meu tio é bonito”) e estruturas em que o elemento pós-verbal é um sintagma nominal com um potencial temático de ser qualidade (como em “Meu tio é uma fera)<sup>11</sup>.

- c) Construções clivadas, topicalizadas, negativas, interrogativas, sem sujeito e de sujeito posposto foram consideradas realizações de uma mesma estrutura argumental. Esse mesmo critério foi utilizado por Perini (2008) na definição das diáteses verbais, pois essas variações não são restritas a determinados verbos ou apresentam restrições que não têm relação com a subcategoria dos verbos, mas sim com o entorno sintático, semântico ou discursivo. Por exemplo, em uma construção topicalizada como “O filé eu vou comer mais tarde”, a topicalização “não é governada pelo verbo *comer*, porque qualquer que seja o verbo da oração, sempre será possível antepor o objeto direto” (PERINI, 2008 p. 275). Construções como essas são consideradas realizações de uma diátese transitiva do tipo H V SN, pois o sintagma nominal (SN) não se encontra na posição indicada, por outros motivos que não dependem do elemento verbal. Esse tipo de fenômeno não foi analisado neste trabalho pois interessam-nos aqui as variações que sejam decorrentes de uma variação do elemento verbal e, por consequência, tenham alguma relação com os esquemas cognitivos de eventos evocados por ele.

---

<sup>11</sup>Esse tipo de notação foi sugerida por Perini em comunicação pessoal como uma possibilidade de descrever as diáteses verbais

- d) Na notação, são representados apenas os papéis temáticos atribuídos pelo elemento verbal ou aqueles importantes para a descrição do esquema evocado por ele. Assim, orações como “O gato rasgou minha meia” e “Ontem o gato rasgou a minha meia no quintal” representam a realização da diátese transitiva definida formalmente como H V SN. Os “constituintes 'ontem' e 'no quintal' não têm representação na diátese, sendo considerados o que na terminologia tradicional se denomina de 'adjuntos’”. (PERINI 2008, p 247). Utiliza-se aqui a distinção sugerida por Perini (em fase de elaboração) entre os elementos que compõem uma RCT Nuclear (vinculados à definição básica do esquema evocado pelo elemento verbal e que, portanto, deveriam compor as diáteses verbais) e os elementos periféricos, circunstanciais, ou que não caracterizam o verbo frente a outros esquemas.

É importante esclarecer que, tratando-se de orações inseridas em um contexto discursivo mais amplo, algumas construções possuem o evento ou os argumentos recuperados anaforicamente. Isso significa que a estrutura argumental geralmente aparece reduzida, sendo recuperada do contexto discursivo. Tais orações reduzidas podem ser analisadas semanticamente em termos de sua estrutura plena e são invariavelmente identificáveis como estruturas sintáticas normais recuperadas suprassentencialmente (PERINI, 2008). Há, ainda, casos de papéis temáticos esquemáticos ou indeterminados, por exemplo, os casos denominados por Perini de construções transitivas de objeto elíptico e casos em que o papel temático é inferido do contexto discursivo<sup>12</sup>. Em ambos os casos, o papel temático não é representado lexicalmente, ainda que componha a estrutura argumental. O símbolo  $\emptyset$  refere-se aos casos de construção transitiva com objeto esquemático. Casos de argumentos inferidos no contexto discursivo foram igualmente agrupados em uma estrutura argumental típica do verbo em questão.

Para a análise temática, optou-se por adotar a lista provisória de papéis temáticos proposta por Perini (2008), justamente porque esse autor considera papéis temáticos como aspectos semanticamente esquemáticos codificados na estrutura sintática e ligados ao elemento verbal. Em outras palavras, é considerado um papel temático um determinado conjunto de relações conceptuais que possuem uma representação estrutural na língua, ou seja, que é distinguível pela sintaxe. Assim, a análise através das diáteses verbais, como proposta por Perini, permite visualizar com facilidade aspectos tanto semânticos quanto

---

<sup>12</sup> Por exemplo, em “O controle remoto atacou. Em desde manhã.”. Ainda que não seja explicitado por um item lexical, o papel temático de Paciente, fica claro. Nesse contexto discursivo, é a Estamira o alvo do “ataque”.

sintáticos ligados às unidades oracionais e relacionados ao evento expresso pelo elemento verbal.

A análise de padrões temáticos e argumentais tem como objetivo investigar a presença de esquemas cognitivos específicos envolvidos na significação delirante. Tal análise tem como base a proposta de Radden e Dirven (2007), apresentada na fundamentação teórica desta dissertação, de que existe uma relação entre um núcleo conceptual de uma determinada situação e a sua expressão em construções gramaticais. A hipótese é a de que eventos delirantes são expressos na língua por estruturas argumentais e temáticas específicas, uma vez que estão em jogo, nesses casos, esquemas de evento específicos.

Ao estabelecer a relação entre linguagem e cognição, o conjunto teórico apresentado permite, a partir de análises linguísticas, a inferência de estruturas no nível cognitivo. Esse tipo de análise pode revelar redes conceituais ligadas à maneira como pensamos e construímos significado. Especificamente, partindo dos relatos produzidos por uma paciente com diagnóstico de esquizofrenia, realizou-se um estudo de caso, entendendo que essa produção linguística, mesmo que singular, pode auxiliar na compreensão geral de aspectos tanto da descrição e processamento da linguagem, como da própria esquizofrenia.



#### 4 Composição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é composto de relatos orais produzidos pela personagem do documentário de Marcos Prado (2005), de nome Estamira, com o diagnóstico de esquizofrenia, conforme os critérios do Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR) e da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10). Tal documentário é composto, basicamente, da gravação de entrevistas e conversações espontâneas de Estamira, de 63 anos, que trabalha em um lixão na cidade do Rio de Janeiro<sup>13</sup>.

As transcrições foram realizadas usando-se as convenções ortográficas, sem, no entanto, atenção especial às questões fonéticas, uma vez que não possuem relevância para a pesquisa. Apesar disso, conforme proposto por Tenuta (2006), foram respeitados os padrões de pronúncia, em especial a ausência de morfema de plural e reduções como “tá”, para “está” e “cê” para “você”. Foram mantidos também aspectos da pronúncia que são marcas regionais ou que caracterizam neologismos frequentes no discurso da paciente. Foram retirados do *corpus* todos os trechos discursivos do documentário que não apresentam falas da paciente analisada. No entanto, foram transcritas as falas de outras pessoas quando essas estão em situação de interação com Estamira.

O *corpus* foi dividido em unidades oracionais, que foram analisadas tematicamente. Sempre que possível, os períodos compostos foram analisados separadamente. No entanto, no geral, as orações subordinadas foram analisadas junto às orações principais, uma vez que compõem argumentos destas últimas. Nesse caso, elas foram separadas por colchete e o seu papel temático, em relação à oração principal, vem sobrescrito à frente da estrutura subordinada. Também são apresentadas as análises temáticas referentes a essas orações subordinadas, especificamente. A transcrição e análise do material se encontram no Apêndice E.

Para a análise dos papéis temáticos, utiliza-se a lista proposta por Perini (2008). Este trabalho não pretende validar tal listagem de papéis temáticos, proposta por esse autor em caráter provisório. A análise temática aqui realizada tem como objetivo auxiliar na separação das unidades oracionais de acordo com semelhanças semânticas e sintáticas. Os argumentos que não encontram descrição na listagem usada foram analisados considerando-se aspectos

---

<sup>13</sup> Ainda que o sujeito em análise se constitua como uma personagem do documentário, ao interagir com as câmeras, Estamira explicita discursivamente eventos delirantes característicos do seu quadro clínico.

derivados das próprias Relações Conceptuais Temáticas (RCTs) nucleares dos verbos. Foram utilizados, então, esquemas especializados descritos pelo projeto FrameNet que mais se adequavam aos valores semânticos dos verbos em questão. Nesses casos, as categorias temáticas foram marcadas com um asterisco (\*), representando que se trata desses esquemas especializados e não de papéis temáticos propriamente ditos. A lista de esquemas do FrameNet utilizados nas análises encontra-se no Apêndice D. Especificamente o papel temático *Alfa Referencial* foi numerado, quando necessário, para auxiliar na identificação da sua correlação.

Foram considerados apenas os papéis temáticos atribuídos pelo elemento verbal ou aqueles papéis temáticos importantes para a descrição do esquema evocado pelo verbo. Ou seja, foram considerados apenas os sintagmas que são tematicamente opacos, sendo o elemento verbal o responsável pela atribuição temática ou aqueles que, tematicamente transparentes, são importantes para a definição do esquema evocado pelo verbo.

Os argumentos que compõem determinado esquema verbal, em cada oração, foram grifados separadamente e o verbo em análise foi negrito para facilitar a visualização. A desinência verbal foi sublinhada quando foi essencial na identificação do sujeito.

Não foram analisadas expressões idiomáticas, uma vez que são estruturas convencionalizadas, entrincheiradas na memória de longo prazo, e podem não representar, em sua decomposição, um processo de conceptualização. Conforme abordado por Perini (2008), expressões idiomáticas são sintaticamente inflexíveis e vinculam-se a itens lexicais específicos e “[...] as relações entre o verbo e seus eventuais complementos dentro dessas expressões precisa ser objeto de pesquisas específicas” (PERINI, 2008, p. 242).

Também não foram analisados (apenas marcados) elementos verbais que sejam puramente marcadores discursivos, ou seja, elementos que têm forma verbal, mas que não evocam um esquema de evento e possuem apenas funções discursivas (é...; né?; ó; tá.). Já marcadores discursivos que evocam um esquema de eventos (sabe; entendeu) foram analisados. Também foram desconsideradas expressões que, em decorrência do contexto anafórico, são excessivamente reduzidas, não apresentando claramente os papéis temáticos (Ex: “E é mesmo”).

Foram utilizadas as seguintes notações na transcrição: alguns casos em que não foram encontrados nem papéis temáticos, nem *frames* específicos, por se tratarem de neologismos, ou estruturas agramaticais, foram marcados com uma interrogação (ex: “Daqui, ele não é lá

no alto espaço, não”). Entre chaves ({}), estão observações do autor importantes para a compreensão da análise realizada ou do contexto da oração em questão. As interrupções na sequência discursiva decorrentes de cortes no áudio do documentário foram marcadas com o símbolo ([...]). Pausas prolongadas foram marcadas por reticências. Abandono de estruturas foram marcadas por um hífen (-).

Em relação à análise temática, foram consideradas como unidades verbais as perífrases aspectuais e modais, assim como construções compostas por verbos leves mais sintagmas nominais com objetos auxiliando na designação do evento.



## 5 Análise dos dados

Neste capítulo, serão apresentadas as estruturas temáticas utilizadas na expressão dos eventos delirantes que compõem o *corpus*. Buscamos também descrever, a partir do Cenário de Consciência proposto por Brandt (2007), esquemas cognitivos gerais subjacentes aos padrões gramaticais encontrados.

Além disso, pretendemos demonstrar que parte do processo de significação delirante pode ser descrito a partir de redes de integração conceptual, tal como apresentado por Brandt e Brandt (2005).

### 5.1 Estrutura argumental e eventos delirantes

Com base na hipótese de que existe uma relação entre o núcleo conceptual de eventos e sua expressão em construções gramaticais (BRANDT, 2004; RADDEN e DIRVEN, 2007), pretendeu-se observar a forma como eventos delirantes são expressos linguisticamente, a fim de se descreverem as formas conceptuais básicas desses eventos na perspectiva da *corporeidade*. A análise da estrutura argumental e temática de eventos delirantes visou à investigação, portanto, da presença de padrões conceptuais ligados aos processos de significação desses eventos.

A análise das estruturas oracionais do *corpus* permitiu serem identificados dois conjuntos de padrões temáticos específicos relacionados à expressão de eventos delirantes: o primeiro referente a eventos que compõem os delírios persecutórios e de influência; o segundo referente a eventos que compõem delírios, definidos em uma análise tradicional, como de conteúdo místico ou religioso. Foram considerados apenas delírios sistematizados, ou seja, que se mantêm organizados e constantes ao longo do discurso e que se aproximem das definições tradicionais e dos tipos mais comuns encontrados na literatura.

Tais eventos são prioritariamente codificados em certos padrões temáticos e argumentais. Começamos apresentando as unidades oracionais do *corpus* em que são expressos os delírios de influência e persecutórios. Esse primeiro grupo de eventos aparece em um conjunto de construções identificadas pela seguinte notação:



- (10) porque o controle remoto não **queima**,<sup>23</sup>  
AGENTE
- (11) **torce**.<sup>24</sup>  
AGENTE
- (12) mas depois **voltou a atacar**.<sup>25</sup>  
AGENTE
- (13) **Torce** assim, ó.<sup>26</sup>  
AGENTE
- (14) **É o controle remoto** <sup>27</sup>  
AGENTE
- (15) **é a força...**<sup>28</sup>  
AGENTE
- (16) A câmara artifici- é... natural, não me faz mal <sup>29</sup>  
AGENTE PACIENTE
- (17) O controle remoto atacou.<sup>30</sup>  
AGENTE
- (18) A noite inteira **perturbando**. Os astros negativo, ofensível<sup>31</sup>  
AGENTE
- (19) Eles tá pelejando pra ver se atinge uma coisa que se chamam de coração, meu<sup>32</sup>  
AGENTE PACIENTE
- (20) O hipócrita, o safado, traidor, mentiroso, manjado, desmascarado que se mete com a  
minha carne visível, com a minha camisa sanguina, carnífica.<sup>33</sup>  
AGENTE PACIENTE
- (21) Era os astros que atentava ela. <sup>34</sup>  
AGENTE PACIENTE
- (22) Os astros... ofensível, negativo que atentava ela<sup>35</sup>  
AGENTE PACIENTE
- (23) As doutrina errada, trocada... ridicularizou os homem<sup>36</sup>  
AGENTE PACIENTE
- (24) Porque eles, os astros negativo, ofensível suja os espaço<sup>37</sup>  
AGENTE PACIENTE
- (25) e **suja tudo**.<sup>38</sup>  
PACIENTE
- (26) que **ele não deveria procurar uma carcaça como a minha**<sup>39</sup>  
AGENTE PACIENTE

<sup>23</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 112.

<sup>24</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p.112.

<sup>25</sup> Paciente (Estamira) recuperado no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.)

<sup>26</sup> Paciente (Estamira) recuperado no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.)

<sup>27</sup> Estrutura enfática: “é o controle remoto que torce”. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.)

<sup>28</sup> Estrutura enfática: “é a força que torce”. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.)

<sup>29</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.

<sup>30</sup> Paciente (Estamira) inferido no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 107.)

<sup>31</sup> Paciente (Estamira) inferido no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 124.)

<sup>32</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 124.

<sup>33</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 124.

<sup>34</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 141.

<sup>35</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 141.

<sup>36</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 116.

<sup>37</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 110.

<sup>38</sup> Agente (astros negativos) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 110.)

<sup>39</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 133.)

- (27) Ele entra...<sup>40</sup>  
AGENTE
- (28) pra cegar os home...<sup>41</sup>  
PACIENTE
- (29) É a artificial que faz mal pra carne.<sup>42</sup>  
AGENTE PACIENTE
- (30) Aí, ó, foi na cabeça!<sup>43</sup>  
PACIENTE
- (31) ele mandou<sup>44</sup>  
AGENTE
- (32) o da quadrilha dele manda<sup>45</sup>  
AGENTE
- (33) Quer me desafiar?<sup>46</sup>  
AGENTE PACIENTE  
EXP.
- (34) ele vê aonde ele conseguiu...<sup>47</sup>  
EXP. CIRCUNSTÂNCIA\*
- (35) Trocadilo que não respeita mãe<sup>48</sup>  
EXPERIENCIADOR CAUSADOR DE EXP.
- (36) que não respeita pai?<sup>49</sup>  
CAUSADOR DE EXP.
- (37) que eu CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA, até depois de a carne, venha desse jeito, feia desse jeito, boba desse jeito, ele EXPERIENCIADOR ainda quer mais.<sup>50</sup>
- (38) e quer-me...<sup>51</sup>  
CAUSADOR DE EXP.
- (39) Quer-me<sup>52</sup>  
CAUSADOR DE EXP.

Em todos esses casos (1 a 39) foram encontrados dois conjuntos de papéis temáticos ocupados por actantes semânticos específicos: 1) a presença da entidade delirante na posição de sujeito sintático com papel temático de Agente (Antagonista) e 2) a Estamira (ou outros

<sup>40</sup> Apesar de *entrar* não possuir em sua valência o argumento de Paciente, no contexto discursivo em questão, refere-se ao “controle remoto” que entra provocando uma mudança fisiológica em Estamira. Este caso em particular será analisado mais adiante, à luz da teoria da integração conceptual. Ver sessão 5.3.1 (Trecho localizado em Apêndice E , p. 120.)

<sup>41</sup> Agente (Quadrilha da armação) recuperado anaforicamente (Trecho localizado em Apêndice E , p. 130.)

<sup>42</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.

<sup>43</sup> Não é claro qual o evento (o que “foi na cabeça”). Foi considerado na análise o evento *fez mal* recuperado anaforicamente (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.)

<sup>44</sup> Aqui, o sentido é de dar uma ordem. Esta foi considerado uma estrutura argumental de “Mandar em alguém”, com o Paciente (“alguém”) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 122.)

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> O evento analisado foi *querer desafiar*. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.)

<sup>47</sup> Causador de Experiência inferido (Trecho localizado em Apêndice E , p. 112.)

<sup>48</sup> Cançado (2002) classifica o verbo “respeitar” como um tipos de verbos psicológicos que possui sujeito experienciador. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 138.)

<sup>49</sup> Agente (o trocadilo) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 138.)

<sup>50</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.

<sup>51</sup> Recuperação anafórica do Experienciador (astros negativos). (Trecho localizado em Apêndice E , p. 110.)

<sup>52</sup> Recuperação anafórica do Experienciador (astros negativos). (Trecho localizado em Apêndice E , p. 110.)

semelhantes a ela) na posição de objeto sintático com papel temático de Paciente ou Causador de Experiência<sup>53</sup>.

Ainda que o valor semântico de Antagonista não componha a descrição temática de Perini (2008), tal rotulo foi utilizado pois esse conjunto de orações apresenta o valor de Antagonista muito bem marcado, sendo relevante na descrição do esquema cognitivo envolvido na significação delirante. Talmy (2000) considera que Agonista e Antagonista são papéis semânticos tão importantes na descrição semântica quanto o papel de Agente. Perini, em comunicação pessoal, sugere que tais valores podem nos ajudar a entender melhor as noções de Agente e Paciente, assim como outras que se codificam da mesma maneira, mas são semanticamente distintas. O tema será retomado na sessão a seguir.

Algumas considerações importantes a seguir, referem-se a aparentes exceções<sup>54</sup>, também utilizadas na expressão destes eventos delirantes:

(40) e depois **jogar no abismo!**<sup>55</sup>

META

(41) **Fez do homem pior do que um quadrúpus.**<sup>56</sup>

AGENTE      PACIENTE      META

(42) Então que **deixaste os homens** [como fosse antes de **ser revelado** o único condicional.] FONTE 57

AGENTE      PACIENTE

As orações (40) a (42) são construções de um esquema de trajetória (Fonte-Tema-Meta) com o sentido de uma mudança de estado do Tema (homem) acompanhado de um

<sup>53</sup>Em duas ocorrências de eventos delirantes são descritas as relações entre duas entidades delirantes. São elas: “A constelação... Todo o meio... eles ficou com raiva do cometa.” e “Eles tá com raiva do cometa”. Ainda assim, é mantida a mesma distribuição temática descrita. Oito ocorrências de inversão dos papéis temáticos (Estamira como agente ou experienciador e entidades delirantes na posição de paciente ou causador de experiência) serão descritas posteriormente, à luz da análise do Cenário de Consciência de Brandt (2007).

<sup>54</sup>Foram encontradas apenas duas ocorrências que apareceram com uma distribuição temática distinta: a ocorrência de Cognocente\*, em “porque o cometa achava que ele não deveria procurar uma carcaça como a minha”, e a ocorrência de Destinatário\* em “**mentiu pros homens**”. No entanto, é preciso considerar que “o cometa” aparece apenas em um trecho do discurso de Estamira, não compondo um delírio sistematizado como é o caso de “o trocadilo”. Em relação à oração com o verbo *mentir*, o sintagma “pros homens” foi marcado como Destinatário\*. No entanto, “mentir” é um verbo com uma semântica bastante complexa. Wierzbicka (1996) define mentir como “X diz alguma coisa à Y; X sabe que isso não é verdade; X diz isso porque X quer que Y pense que isso é verdade” (p. 152, tradução do autor). Verbos como “mandar” e “mentir”, (as duas únicas ocorrências de verbos *dicendi* neste conjunto de orações) possivelmente podem ter sua distribuição temática mais bem descrita a partir de processos de integração conceptual entre diferentes eventos, cada qual com distribuição temática específica. Uma proposta semelhante é sugerida por Perini (em elaboração) ao analisar o verbo “perdir” como um verbo complexo que inclui dois eventos: Dizer e Dar. Se isso se aplicar ao caso de “mentir”, é possível que não seja realmente uma exceção.

<sup>55</sup>Paciente (os homens) recuperado anaforicamente. Caso analisado como uma expressão metafórica. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.)

<sup>56</sup>Trecho localizado em Apêndice E , p. 116.

<sup>57</sup>Trecho localizado em Apêndice E , p. 116.

movimento virtual realizado (ou não realizado). Em todos os casos, portanto, o elemento correspondente ao Tema foi marcado como Paciente e as estruturas apresentam a mesma relação de actantes semânticos: Agente (Antagonista) preenchido pelo elemento delirante, de um lado, e o Paciente (sempre correspondendo ao Tema) preenchido por “homem” (categoria superordenada à qual Estamira pertence). Especificamente, a oração (38) foi analisada como uma expressão metafórica, uma vez que Estamira não parece crer que os homens foram realmente jogados no abismo, mas trata-se da representação de uma mudança de estado. Este caso e outros semelhantes foram analisados a partir da teoria da Integração Conceptual na seção 5.3, como o resultado de uma mescla entre dois esquemas distintos.

Outro caso particular refere-se às orações (43) a (48), a seguir, que envolvem especificamente o verbo “fazer” em construções causativas contendo dois eventos, sendo um deles identificado em um dos argumentos.

- (43) Foi isso que ele fez.<sup>58</sup>  
EFEITO\*      AGENTE
- (44) O trocadilo amaldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente, sabe o que que ele fez?<sup>59</sup>  
EFEITO\*      AGENTE
- (45) É o Trocadilo que **fez** isso com as pessoas.<sup>60</sup>  
AGENTE      EFEITO\*      PACIENTE
- (46) Mas o trocadilo **fez** [com que me separasse até dos meus parentes ]<sup>EFEITO\*61</sup>  
AGENTE      PACIENTE 1      PACIENTE 2
- (47) **Fez** [o homem **expor ao ridículo** pra eles]<sup>EFEITO\*62</sup>  
AGENTE      PACIENTE
- (48) O trocadilo **fez** duma tal maneira  
AGENTE      MODO\*
- [que quanto menos as pessoas **têm**, mais eles **menosprezam**, mais eles **jogam fora** ]<sup>EFEITO\*63</sup>  
POSSUIDOR      AGENTE      AGENTE

Essas orações foram analisadas também a partir de relações conceptuais temáticas derivadas do esquema de *causation* (FrameNet), uma vez que não há papel temático adequado para essa classificação na listagem de Perini (2008). Em todos os casos, o evento denotado (marcado com o papel semântico de Efeito\*) também inclui uma relação Agente-Paciente semelhante à descrita anteriormente. Em relação a oração (46), considerando-se apenas o contexto da oração subordinada, o argumento “eles” é marcado com o papel temático de

<sup>58</sup> Trecho localizado em Apêndice E, p. 108.

<sup>59</sup> Trecho localizado em Apêndice E, p. 107.

<sup>60</sup> Trecho localizado em Apêndice E, p. 135.

<sup>61</sup> Trecho localizado em Apêndice E, p. 144.

<sup>62</sup> Trecho localizado em Apêndice E, p. 116.

<sup>63</sup> Trecho localizado em Apêndice E, p. 109.

Agente. No entanto, existe uma relação de causalidade entre a oração principal e a subordinada; o Agente de “fazer” (Trocadilo), na oração principal, afeta o Agente de “menosprezar” (eles).

A especificidade temática do conjunto de orações apresentadas até aqui fica mais bem marcada quando comparada a um segundo conjunto de orações, a seguir, orações estas que fazem referência também a uma entidade imaginária, mas que não compõem delírios de influência ou persecutórios. Ainda que este segundo grupo, em uma análise tradicional, possa ser classificado como a expressão de um tipo de delírio, não o analiso aqui como uma ideação delirante, uma vez que a entidade imaginária dele constante aproxima-se a uma noção tradicional de Deus e não parece estar relacionada a disfunções sociais, mas pelo contrário, parece ser um ponto de estabilização da doença. Para além da controvérsia, que não nos interessa aqui, o essencial é que os dois conjuntos de orações possuem estruturas temáticas e argumentais específicas e distintas.

Este segundo conjunto de orações ocorre em construções representadas da seguinte forma:

<b>H</b> Agente (Adjuvante)	<b>V</b>	<b>... ou Ø</b> Meta/Beneficiário ou Destinatário*	<b>... ou Ø</b> Habilidade* ou Mensagem* ou Conteúdo* ou Tema
<b>H</b> PRS	<b>V</b>	<b>prep. SN</b> PRS	

Tais orações foram separadas no apêndice B de acordo com o tipo de estrutura argumental. São elas:

- (49) Quem revelou o homem como único condicional **ensinou** ele conservar as coisas. <sup>64</sup>  
AGENTE META/BENEFICIÁRIO HABILIDADE\*
- (50) Não **ensinou** homilhar. <sup>65</sup>  
HABILIDADE\*
- (51) Não **ensinou** tirar <sup>66</sup>  
HABILIDADE\*

<sup>64</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 109.

<sup>65</sup> Agente (quem revelou o homem como único condicional) recuperado anaforicamente e Beneficiário esquemático. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 109.)

<sup>66</sup> Idem.

- (52) Ensinou ajudar.<sup>67</sup>  
HABILIDADE\*
- (53) Quem revelou o homem como único condicional... não ensinou a trair.<sup>68</sup>  
AGENTE HABILIDADE\*
- (54) Mas a igualdade é a ordenança que deu quem revelou o homem o único condicional.<sup>69</sup>  
TEMA AGENTE
- (55) A Terra disse-<sup>70</sup>  
AGENTE
- (56) ela falava,<sup>71</sup>  
AGENTE
- (57) e falei pra ela que até que ela provasse o contrário.<sup>72</sup>  
AGENTE DESTINATÁRIO MENSAGEM\*
- (58) até que ela provasse o contrário.<sup>73</sup>  
AGENTE CONTEÚDO\*
- (59) Ela me provou o contrário. A Terra<sup>74</sup>  
AGENTE DESTINATÁRIO\* CONTEÚDO\*
- (60) Ela me provou o contrário,<sup>75</sup>  
AGENTE DESTINATÁRIO\* CONTEÚDO\*
- (61) Ela disse que então ela não seria... testemunha de nada.<sup>76</sup>  
AGENTE MENSAGEM\*
- (62) Do qual, antes de ontem, eu dei uma briga com meu próprio pai... astral!<sup>77</sup>  
PRS / AGENTE PRS
- (63) Eu estava brigando!<sup>78</sup>  
AGENTE/PRS
- (64) Eu! Estava brigando com meu pai astral!<sup>79</sup>  
Agente/PRS PRS
- (65) Eu fiquei de mal com ela uma porção de tempo.<sup>80</sup>  
PRS/AGENTE PRS

Na descrição e análise dessas estruturas, foi utilizado o rótulo de Beneficiário\*, não utilizado no conjunto de papéis temáticos apresentados por Perini (2008). Tal rótulo foi utilizado com o objetivo de marcar melhor as especificidades semânticas desses argumentos no que se refere ao valor simbólico das trocas envolvidas, o que se perderia em uma generalização locativa, tal como utilizado por Perini (reduzido Beneficiário\* ao papel temático do tipo Meta em um esquema de trajetória). Portanto, utiliza-se esse rótulo como um

<sup>67</sup> Idem.

<sup>68</sup> Beneficiário (homem) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 109.)

<sup>69</sup> Beneficiário esquemático. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 136.)

<sup>70</sup> Estrutura abandonada. (Trecho localizado em Apêndice E, p. 144.)

<sup>71</sup> Mensagem esquemática. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 144.)

<sup>72</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 145.)

<sup>73</sup> Destinatário (Estamira) inferido no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 145.)

<sup>74</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 145.

<sup>75</sup> Idem

<sup>76</sup> Destinatário (Estamira) inferido no contexto discursivo (Trecho localizado em Apêndice E , p. 145.)

<sup>77</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 120.

<sup>78</sup> Participante de Relação Social (Pai astral) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 120)

<sup>79</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 120.

<sup>80</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 120.

valor apenas descritivo, não sendo pretensão deste trabalho argumentar sobre seu valor como papel temático específico.

Foram utilizados, também com valor apenas descritivo, os rótulos derivados diretamente das relações conceptuais temáticas, tais como Habilidade\*, Destinatário\*, Mensagem\* (que igualmente representam valores semânticos de trocas simbólicas), porque a lista provisória adotada por Perini (2008) não apresenta papéis temáticos para argumentos desses tipos. Essa mesma estratégia de adoção de esquemas especializados é proposta por Perini (em fase de elaboração), ao sugerir que, em alguns casos, seja possível que aspectos específicos do esquema evocado pelo elemento verbal possam estar diretamente ligados aos argumentos, sem a necessidade de se definir um papel temático.

Casos como (62) a (65) foram analisados como PRS (Participante de Relação Social). Apesar desses casos não constituírem relações dos tipos exemplificados por Perini (2008), tais como namorar, casar, noivar etc., eles possuem o mesmo tipo de construção e comportamento sintático<sup>81</sup>.

Esse tipo de estruturação temática acima descrita pode ser compreendido com base na proposta de Radden e Dirven (2007) de um Esquema de Transferência (*transfer schema*). Para esses autores, construções como essas envolvem um esquema de evento no qual um agente passa algo a um recipiente. Essa transferência pode ocorrer em um nível concreto ou simbólico: “In act of showing, teaching and communication, abstract things are transferred: percepts, knowledge and ideas.” (p. 295). Tais eventos são compostos de relações sociais recíprocas, eventos de trocas concretas (representados por papéis temáticos do tipo Tema-Fonte-Meta) e eventos de trocas simbólicas (com papéis semânticos de Destinatário\*, Mensagem\*, Habilidade\* etc.).

Distinguimos, portanto, dois conjuntos de estruturas temáticas e argumentais, cada qual relacionado a aspectos distintos do discurso de Estamira. O primeiro deles, relacionado a eventos dos delírios persecutórios ou de influencia, apresenta o padrão Agente (Antagonista)-Paciente (ou Agente-Paciente-Meta), ocupado por actantes semânticos específicos. Em contraste, o segundo grupo de relações temáticas não apresenta o valor semântico de Antagonista, e, em oposição, foi denominado de Adjuvante. Mesmo havendo semelhança com

<sup>81</sup> Não há construção do tipo “H V com SN”, em que o “com SN” seja Paciente (a não ser com os verbos aspectuais, ex. terminar; acabar; começar com a festa, e alguns poucos verbos do tipo sumir e desaparecer. (Exemplos de Perini, 2008) Além disso, há um certo paralelismo entre essas estruturas como “Helena casou com Paulo” / “Helena e Paulo casaram” ; “Helena brigou com Paulo / Helena e Paulo brigaram”, o que não acontece no caso de verbos como “sumir” e “desaparecer” (onde não ocorre o sentido de reciprocidade: “Helena sumiu com a carteira” não corresponde a “Helena e a carteira sumiram”).

o primeiro grupo no que se refere à ocorrência de um esquema de trajetória (Fonte-Tema-Meta), tal esquema não é utilizado, neste segundo conjunto, para exprimir uma mudança de estado do Tema, como ocorre no primeiro. Ao contrário do primeiro grupo, no segundo, Estamira ocupa sempre o papel de temático de Beneficiário\*/Meta, e nunca de Paciente/Tema.

A diferença na forma como esses dois grupos são expressos linguisticamente corrobora a hipótese de que sejam eventos cognitivamente estruturados de formas diferentes.

Obviamente, os padrões temáticos e argumentais apresentados até aqui ocorrem igualmente em orações que não compõem o discurso delirante de Estamira. O que é notável é que os eventos delirantes sejam expressos prioritariamente em tipos específicos de construções. Em outras palavras, ainda que Estamira estabeleça relações de troca simbólica ou concreta com entidades reais e “imaginárias”, ela não estabelece tal tipo de relação com aquelas entidades conceptuais que compõem os delírios persecutórios ou de influência.

Tais padrões temáticos e argumentais corroboram a hipótese de que existem esquemas cognitivos específicos envolvidos na significação desses eventos e aponta uma relação entre o evento delirante e padrões argumentais que pode nos ajudar a identificar aspectos relevantes do processamento cognitivo.

## **5.2 Esquemas cognitivos e Cenário Básico de Consciência.**

Sustentando a hipótese de que padrões argumentais sejam reflexos de padrões conceituais esquemáticos, busco, a seguir, descrever, na perspectiva da *corporeidade* e em uma abordagem semiótica, a forma básica dos esquemas conceituais ligados aos eventos delirantes analisados.

Radden e Dirven (2007) assumem que existe uma relação entre a estrutura argumental e diferentes esquemas cognitivos. Para esses autores, diferentes tipos de experiências são organizadas (*framed*) em esquemas cognitivos de eventos. Padrões sentenciais formam, então, uma “grade linguística” disponível para a expressão desses esquemas.

Ainda que “tipos de experiências” não tenham contornos bem definidos na teorização de Radden e Dirven (2007), esses autores propõem que esquemas de eventos ligados às construções gramaticais podem ser derivados de “mundos de experiências” distintos: um mundo de experiências materiais, que inclui processos, estados, coisas e pessoas; um mundo

de experiências psicológicas, que inclui sensações, emoções, percepção e pensamentos; e um mundo de dinâmica de forças, compreendido como um mundo externo de ações, forças, causas e efeitos.

A delimitação destes tipos básicos de experiências envolvidos na formação do sistema conceptual é melhor descrita por Brandt (2004b) através da noção de domínios semânticos, compreendidos em uma perspectiva semiótica, conforme apresentada na fundamentação teórica deste trabalho.

Para Brandt (2004a), nossas representações imagéticas são, mais ou menos, repetidas e estabilizadas por formas sintático-gramaticais e, justamente por isso, a linguagem pode nos informar a respeito da estrutura do pensamento. Padrões de experiência formam um repertório de esquemas no qual a linguagem deriva suas construções padrão. Assim, em uma determinada estrutura frasal, tanto o seu núcleo quanto os seus complementos, mantêm uma relação com esquemas cognitivos específicos. Para o estudo de tais relações, temos que encontrar formas de modelar o significado particular desses esquemas (BRANDT 2004a).

Aplicada ao estudo das psicopatologias, um tipo de análise como esta pode elucidar, através de uma análise linguística, aspectos de um núcleo conceptual esquemático presente em eventos delirantes. A hipótese é corroborada por Muscari (1979), que sugere que uma estrutura cognitiva imagética está ligada a noção do próprio ser do sujeito e considera que, aparentemente, pacientes esquizofrênicos não possuem “*imagistic scheme of self, others, and place that is either an ordered world in itself or a logically possible world for us*” (MUSCARI, p. 339). Para o autor, a lógica de tais esquemas imagéticos tem de ser condição necessária para qualquer consideração acerca da esquizofrenia.

Um conjunto particularmente interessante de modelagem desses esquemas foi proposto por Brandt em uma série de trabalhos, articulando a noção esquemas cognitivos, em uma perspectiva de Dinâmica de Forças, à noção de domínios semânticos/experienciais, em uma perspectiva semiótica.

A Dinâmica de Forças é uma categoria semântica desenvolvida por Leonard Talmy, que descreve como entidades conceptuais interagem em termos de relações de forças. Inicialmente aplicada em uma generalização da noção linguística de causativos, ela foi também utilizada na compreensão de aspectos gramaticais e discursivos (TALMY, 2000). Para Talmy, a língua utiliza-se dessa categoria para organizar e estruturar o significado de diferentes domínios, estendendo conceitos de força física para a expressão de estados

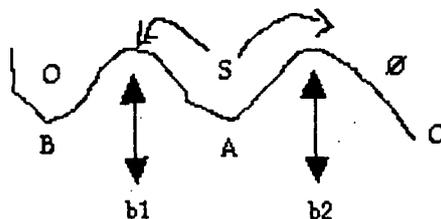
psicológicos, das dinâmicas de interação social ou discursiva. Talmy considera que essa categoria semântica emerge como um sistema nocional fundamental para a cognição humana.

Nesse sistema, a linguagem distingue entre duas entidades, nomeadas por Talmy de Agonista e Antagonista. Esse dois elementos diferenciam-se pelo papel que desempenham: enquanto o primeiro manifesta uma determinada tendência para ação ou para o repouso, o segundo é compreendido a partir dos efeitos de oposição que pode ter sobre o primeiro.

Partindo de noções como essas, Brandt (2004a) sugere que é possível a integração de significados esquemáticos relacionados às construções gramaticais a partir de um esquema superordenado contendo valores prototípicos de animacidade, intencionalidade, estados, processos, mudanças de estados e, especialmente, representando um sujeito e um espaço topográfico no qual ele se situa (um cenário).

A figura a seguir é uma representação inicial proposta pelo autor desse esquema:

Figura 5 – Esquema Superordenado

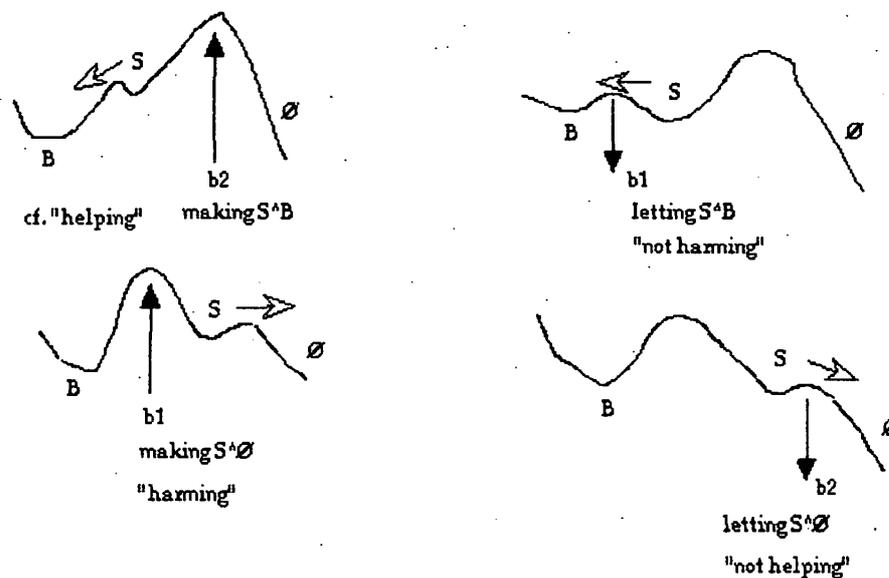


(BRANDT 2004a, p. 8)

Nesse esquema, um sujeito (S) é atraído para um determinado estado de coisas, tipicamente para um objeto (O). O sujeito então tem a intenção de sair de um local A para um local B, a fim de acessar ou se unir a esse objeto, mas é separado por uma barreira b1. Além disso, S é separado da aniquilação em C (Ø), por uma barreira b2. S e O são sistemas determinados pelos “atratores” ou estados de A e B; O é estático em B e S é móvel em A. Um evento corresponde a uma mudança desejada de S (A para B) ou indesejada (A para C). Tal mudança pode ser provocada por um ato de S ou de um agente capaz de modificar a barreira b1 ou b2, ajudando ou prejudicando o sujeito, ao impedi-lo ou levá-lo à posição de O (objeto) ou de Ø (aniquilação).

A figura a seguir representa, através de um diagrama desse tipo, as diferenças semânticas envolvidas nas formas básicas de causação presentes em “fazer” e “deixar”, apresentados na seguinte ordem: fazer ajudando, deixar não prejudicando, fazer prejudicando e deixar não ajudando (BRANDT, 2004).

Figura 6 – Esquemas envolvidos nos valores de fazer e deixar



(BRANT 2004a, p. 8)

Ainda que não haja uma relação unívoca entre construções semânticas (por exemplo, os papéis temáticos) e esses *construal* semânticos (esquemas dinâmicos), há ao menos uma relação significativa entre eles. Agentes são comumente entidades conceptuais com uma presença limitada (b1; b2); o conteúdo fixo de O corresponde à qualidade ou a propriedades e um valor adverbial realiza uma conexão entre diferentes cenários como esses (BRANDT, 2004a).

Um conjunto de relações semelhantes é mais bem desenvolvido em um trabalho posterior, no qual Brandt (2007) propõe um Cenário Básico de Consciência. Ainda que não haja uma referência explícita em Brandt (2007) ao esquema descrito anteriormente, existe uma semelhança entre as categorias de tal esquema (S; O; agente de b1 e b2), apresentadas em 2004a, e as categorias de objetos do Cenário de Consciência (S, O1, O2 e O3), descritos a seguir.

Brandt (2007) propõe um modelo de constituição da subjetividade e do sistema conceptual a partir de um conjunto de relações semióticas, primariamente presentes na consciência. Para esse autor, em nossa experiência, somos capazes de reconhecer signos característicos das relações estabelecidas em cada um dos domínios semânticos: signos físico-causais ou indexicais em D1, signos sócio-convencionais ou simbólicos em D2, signos mentais ou conceptuais em D3 e signos empáticos ou icônicos em D4. Partindo dessa distinção, Brandt propõe um Cenário Básico de Consciência a partir de um drama multisubjetivo que envolve essas diferentes formas de interação semiótica entre o sujeito e outras subjetividades. Esse drama constitui-se de três tipos básicos de relações esquematicamente representadas: uma relação entre o sujeito e um atrator (S-O1), via atração indexical; outra relação entre o sujeito e um antagonista (S-O2), em uma relação icônica; e uma relação entre o sujeito e um adjuvante (S-O3), em uma relação simbólica. O autor irá, então, descrever os esquemas básicos para a consciência em termos dessas categorias e desses tipos de interação.

Apesar de a relação entre esse Cenário Básico da Consciência e os Domínios Semânticos não ser explicitamente tratada, o próprio autor considera, em sua conclusão, que a proposta de estudo do *self* através do Cenário de Consciência contém, ao menos como embrião, a integração dos domínios semânticos. Parte da natureza dessa relação baseia-se nas interpretações semióticas<sup>82</sup> identificadas tanto nos domínios semânticos, quanto estabelecidas entre o sujeito e os objetos do cenário de consciência. A hipótese relevante aqui é a de que as relações apresentadas no Cenário de Consciência são uma parte das relações que compõem os domínios semânticos e podem esclarecer aspectos específicos e distintos desses domínios.

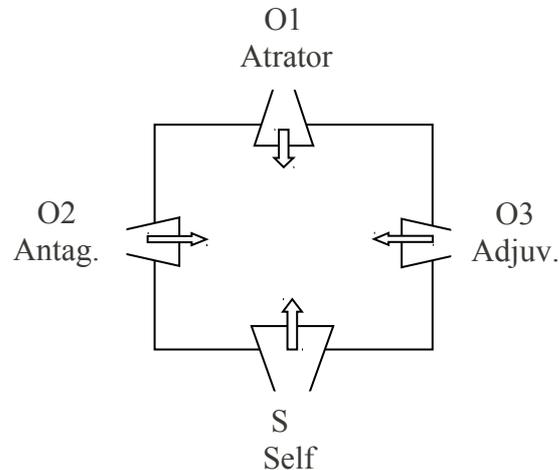
A figura a seguir é uma representação, proposta pelo autor, desse conjunto primário de interações estabelecidas na consciência do sujeito em seu encontro com diferentes categorias de objetos ou alteridades.<sup>83</sup>

---

<sup>82</sup> Relações indexicais, simbólicas, conceptuais e icônicas.

<sup>83</sup> Brandt pensa essas relações semióticas do Cenário Básico de Consciência em termos de uma “animal consciousness”, que inclui a relação entre sujeito, presa, predador e um companheiro. Utilizaremos aqui a nomenclatura, também proposta pelo autor, mais próxima às relações humanas, de Sujeito/Agonista, Atrator, Antagonista e Adjuvante. Apresentaremos, no entanto, a maneira como o autor concebe essas relações em termos de uma consciência animal, para posteriormente discutirmos como tais categorias e relações parecem ter uma plausibilidade psicológica em uma teoria cognitiva.

Figura 7: Cenário Básico de Consciência



(BRANDT, 2007, p. 3)

Neste drama semiótico e subjetivo, o sujeito estabelece tipos básicos de interação com diferentes categorias de objetos. Brandt (2007) reconhece que deve haver outras categorias de objetos no espaço da consciência, mas acredita que há razões para supor que essas sejam categorias fundamentais, exercendo uma função indispensável para uma semântica do pensamento.

Tais categorias são reconhecidas (*cognized*) pelo sujeito como alteridades: intencionados, conscientes, capazes de perceber e se locomover, ou seja, como co-sujeitos. Tais características e as próprias relações estabelecidas no cenário de consciência parecem se ancorar em distinções próprias aos domínios semânticos (D1, D2, D3 e D4).

Primeiro, o sujeito estabelece uma interação com um objeto (S-O1), através de uma relação indexical em que o sujeito percebe traços ou índices da presença de um atrator (O1) que ele deseja. O esquema típico da relação de S-O1 seria de acessar, tomar, incorporar e associa-se à própria interpretação via atração indexical, em uma relação de detectar, acessar ou se apoderar de um objeto. Aqui, Brandt faz uma comparação com um animal capaz de perceber índices da presença de uma presa.

A relação que o sujeito estabelece com um antagonista (S-O2) é caracterizada como icônica, porque representa iconicamente a mesma relação entre S-O1: ocorre um mapeamento conceptual, onde os elementos da relação O2-S são interpretados a partir da relação entre S-O1. Fenomenologicamente, isso significa que o sujeito é capaz de perceber que o mesmo

desejo que ele tem em relação ao objeto, um antagonista pode ter em relação a ele mesmo ou a outro objeto (O1). Nesse nível, em uma relação empática, o sujeito interpreta uma ação volitiva do outro. Configura-se aqui um primeiro tipo de interação empática, face-a-face, através de gestos expressivos que, iconicamente, representam para o outro a vontade ou desejo que os motivaram. Nas palavras do autor:

the manifestation of an antagonistic being prompts for an image of (S-O1) (= ‘I want to eat this one’), in which S maps onto O2 and O1 maps onto S (yielding the chiasmus S:O1 :: O2:S = ‘I want to eat this one, but [...] an antagonist-predator wants to eat me’), or else in which S maps onto O2 and O1 onto itself (S:O1 :: O2:O1 = ‘I want to eat this one, but the antagonist wants to snap him from me’). The gesture of O2 toward S will therefore iconically represent S-O1 either in one or in the other direction. Again, such an object relation is semiotic, albeit by force of a different semiotic dimension, here what we could call agonistic iconicity. (BRANDT, 2007, p. 4-5)

Por fim, o sujeito estabelece um tipo de interação simbólica: O3 pode interpretar a situação de S e, da mesma forma e inversamente, S sabe que O3 é capaz de tal interpretação. Estabelece-se entre O3 e S, então, uma relação de trocas simbólicas. Gestos interrogativos, afirmativos e negativos constituem os tipos elementares dessa interação. Neste nível, é possível o reconhecimento de intenções compartilhadas<sup>84</sup> entre O3 e S.

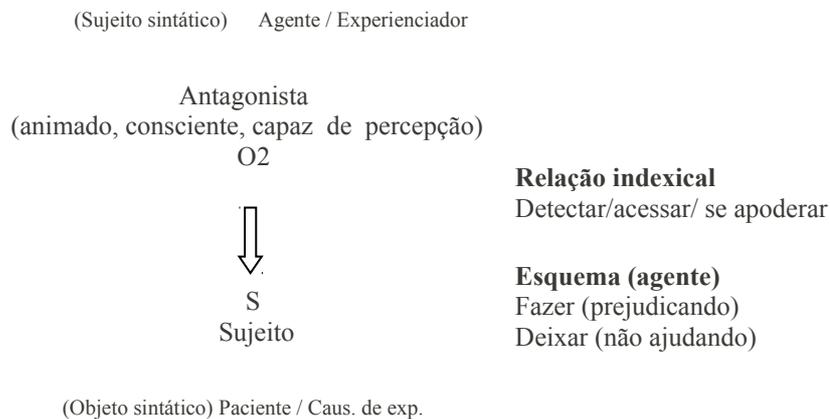
Propomos, aqui, que esse conjunto apresentado como uma forma básica da consciência pode ser pensado em termos de esquemas cognitivos dinâmicos, semelhantes ao da figura 5, envolvidos na significação de eventos delirantes e em sua expressão em construções gramaticais.

<sup>84</sup> Ainda que todas as categorias de objeto sejam reconhecidas como intencionais, uma diferenciação aqui se faz importante: os signos icônicos (de D4), em uma relação empática (S-O2), são apresentados como intencionais, no sentido de serem motivados e de serem “negociados” em uma relação face-a-face de atos expressivos (Brandt denomina de enunciação de primeira-segunda pessoa). Distintamente, esses signos não representam atos simbólicos, que, através de símbolos sócio-convencionais, são unicamente direcionados a uma segunda pessoa (como ocorre em D2). A distinção utilizada por Brandt (2004b) entre intenção e vontade, referenciados cada um desses valores semânticos em domínios distintos, D2 e D4, respectivamente, ajuda na compreensão da diferença entre estes domínios semânticos. Em D2, “there is a intentional world of collective acts that we atunne to when participating in some doing”; em D4, há “a person in front of us that we react by empathic and volitional mechanisms.” (BRANDT 2000, p. 42). Em D2, estão presentes os gestos instrumentais e os signos sócio-convencionais compartilhados e endereçados a um sujeito - trata-se, portanto, de sujeitos com uma intenção compartilhada entre si. Distintamente, em D4, encontram-se os gestos expressivos que, iconicamente, representam para o outro a vontade ou desejo que os motivaram, sendo, portanto compreendidos empaticamente (exemplos do autor são os atos de chorar ou sorrir).

Se o conteúdo semântico e formal desses eventos puder ser descrito em termos deste drama subjetivo S-O1-O2-O3 no Cenário Básico de Consciência, isso corrobora a hipótese da existência dessa forma de organização da consciência, ao menos em quadros psicopatológicos.

A fim de se representar, ao mesmo tempo, o núcleo conceptual dos eventos delirantes e a forma como são expressas linguisticamente, propomos uma sobreposição entre a estrutura temática analisada neste trabalho e o esquema descrito por Brandt (2007) em seu Cenário Básico de Consciência<sup>85</sup>. Começamos pela relação icônica O2-S, análoga a S-O1.

Figura 8 – Esquema O2 – S



O esquema cognitivo O2-S representa, esquematicamente, diversos aspectos da relação expressa no *corpus* entre as entidades delirantes e Estamira. O tipo de relação indexical, definida por Brandt (2007) como “detectar”; “acessar” e “se apoderar”, descreve bem as relações estabelecidas entre pacientes e entidades delirantes em sintomas clássicos da esquizofrenia. Sintomas como roubo de pensamento, inserção de pensamento, irradiação de pensamento<sup>86</sup>, comumente presentes em delírios de influência, são exemplos clássicos de sintomas que se caracterizam pela crença na intenção ou capacidade de um agente externo em acessar e se apoderar de diversos aspectos do sujeito. Delírios persecutórios são mais bem caracterizados pela capacidade de alguém detectar o sujeito e a tentativa deste de impedir.

<sup>85</sup> Não foram levadas em conta aqui a presença ou a ausência de preposições na estrutura sintática, pois essas parecem estar mais relacionadas a exigências individuais dos verbos do que a um esquema de evento, dada a diversidade de possibilidades encontrada.

<sup>86</sup> Roubo e Inserção de Pensamentos referem-se à sensação de que pensamentos estão sendo retirados ou colocados no paciente através de forças externas; Irradiação do pensamento refere-se à sensação de que os pensamentos do paciente são acessíveis a outras pessoas.

Especificamente, no caso do *corpus* em análise, os elementos verbais utilizados na expressão de eventos delirantes mostram os valores de oposição de antagonista (ex. atacar; ridicularizar; sujar; fazer mal) aliados a uma capacidade ou intenção de detectar (ex. ver; procurar), acessar seu corpo (ex. torcer, cegar, atentar, perturbar; queimar; fazer) e de se apoderar dele (controlar; seduzir).

Esse tipo de articulação das relações S-O1-O2 lança luz à questão da proeminência universal dos conteúdos persecutórios em quadros de psicoses. Dalgarrondo (2003), tentando responder sobre a origem deste tipo de conteúdo, sugere que tal proeminência poderia estar relacionada a aspectos recorrentes do psiquismo humano, tais como o sentimento de vulnerabilidade, desamparo e perigo diante do mundo. No entanto, o autor não explicita a natureza dessa relação e considera que tal fenômeno tenha que ser mais bem estudado. As relações S-O1-O2 em uma base semiótica, descritas por Brandt (2007), ajudam a esclarecer a origem, na ontogenia humana, de esquemas de antagonismo em uma relação indexical.

Além disso, características como de animacidade, consciência e capacidade de percepção, atribuídos no esquema a O2, correspondem à descrição das entidades que compõem o delírio analisado. Em todos os casos, trata-se de uma entidade consciente, intencional, e que se opõe a Estamira, na forma de um antagonismo.<sup>87</sup>

A figura 8 evidencia também aspectos semânticos e sintáticos dos eventos delirantes descritos no corpus. Sintaticamente, a figura expressa a forma como o esquema cognitivo do tipo O2-S é codificado formalmente na língua, no eixo sujeito-objeto sintático (O2 como sujeito sintático e S como objeto sintático). Semanticamente, os papéis temáticos de Agente/Antagonista, Experienciador, Paciente e Causador de Experiência expressam valores de O2 e S.

---

<sup>87</sup>Uma vez que os valores de animacidade e consciência não são codificados formalmente na estrutura argumental do português, o tipo de análise realizada neste trabalho não permite afirmar que as entidades que compõem eventos delirantes apresentam estas características. Ou seja, se no português do Brasil houvesse marcações formais de animacidade, poderíamos verificar sua presença no discurso e afirmar ou não, por uma questão sintática, que se trata de uma entidade animada. Os valores de animacidade e consciência podem ser verificados apenas introspectivamente e, como ouvintes, parece que de fato estas entidades conceptuais são conscientes e animadas. Além disso, são utilizados pela paciente verbos que exigem, prototipicamente, por restrição semântica, agentes animados (como em controlar e seduzir). Por outra lado, a noção de “capacidade de percepção” é expressa através do papel temático de experienciador. Perini (2008) argumenta que os critérios de diferença semântica justificam a análise de Experienciador e Agente como papéis temáticos distintos. Analisando dessa forma, Estamira utiliza construções nas quais tais entidades são de fato experienciadoras (ou capazes de algum tipo de experiência mental).

Esta forma de interação O2-S, permite-nos descrever diversos aspectos da sintomatologia presente no corpus, com uma base linguística e semiótica articulada. Oito ocorrências, transcritas a seguir, em que há inversões dos actantes semânticos, onde Estamira aparece como sujeito sintático (agente/experienciador) e as entidades que compõem seus delírios, como objeto sintático (paciente/causador de experiência), parecem ser previsíveis pela estrutura de mapeamentos desse drama triangular S-O1-O2.

- (66) **Desmascarar** ele com a quadrilha dele todinha!<sup>88</sup>  
PACIENTE
- (67) **E dirrubo!**<sup>89</sup>  
AGENTE
- (68) **Dirrubo!**<sup>90</sup>  
AGENTE
- (69) falo que eu dirrubo!<sup>91</sup>  
AGENTE
- (70) porque eu dirrubo mesmo.<sup>92</sup>  
AGENTE
- (71) Eu tenho raiva sabe do quê? Do Trocadilo, do esperto ao contrário, do mentiroso, do traidor.<sup>93</sup>  
EXPERIENCIADOR CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA
- (72) Desse é que eu tenho raiva, ódio, nojo!<sup>94</sup>  
CAUSADOR DE EXP EXPERIENCIADOR
- (73) pra **querer Deus.** Deus farsário!<sup>95</sup>  
CAUSADOR DE EXP

As orações (66) a (73) apresentam o mesmo tipo de relação e a mesma distribuição temática dos eventos delirantes analisados, mas com a inversão dos actantes semânticos. Ou seja, Estamira expressa, nessas orações, um tipo de interação S-O2 icônica à relação O2-S. Conforme destaca Brandt (2007, p.5), parece haver uma ambiguidade no mapeamento conceitual da relação S-O1 para a relação O2-O1. “The ambiguity of the mapping is an essential aspect of the triangular drama S–O1–O2. The Subject may mimic O2’s attitude, for example by staging a mock attack to scare O2 away; or else, S may mimic O1’s attitude by fleeing.”

Um segundo esquema, no qual se estabelecem relações de trocas concretas ou simbólicas entre o sujeito e uma alteridade (S-O3), representa o segundo conjunto de unidades

<sup>88</sup> Agente (Estamira) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.)

<sup>89</sup> Paciente (Trocadilo) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.)

<sup>90</sup> *Idem.*

<sup>91</sup> *Idem.*

<sup>92</sup> *Idem.*

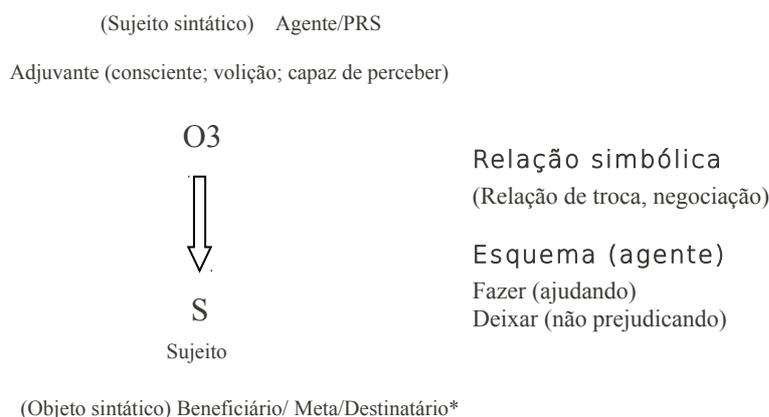
<sup>93</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 114.

<sup>94</sup> *Idem.*

<sup>95</sup> Experienciador (Os homens) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 130.)

oracionais analisadas no discurso de Estamira. No *corpus*, diversos elementos verbais expressam esse tipo de relação (ex. ensinar, dar, dizer, falar, provar) e a estrutura temática codifica os valores básicos com o papéis temáticos de Agente (Adjuvante), Meta/Beneficiário e PRS, ou *frames* específicos como Destinatário\*.

Figura 9 – Esquema O3 - S



A figura 9 expressa a forma como o esquema da relação S-O3 (de trocas concretas ou simbólicas) foi expresso formalmente nas posições de sujeito e objeto sintático e semanticamente através de papéis temáticos.

É importante ressaltar que as entidades delirantes que compõem os delírios de influência e persecutórios, transcritas no primeiro grupo de orações, ocorrem apenas nas formas semântico/sintáticas apresentadas no primeiro esquema<sup>96</sup>. Inversamente, as entidades que compõem o segundo grupo de orações aparecem apenas nas formas descritas por este segundo esquema.

Considerando as reformulações teóricas de Brandt no que se refere a sua noção de domínios semânticos, esses esquemas são compreendidos na perspectiva cognitiva da *corporeidade*, uma vez que se estabelecem a partir de tipos de experiência semióticas ancoradas nos diversos domínios semânticos. Tanto a teoria dos domínios semânticos, quanto a proposta do Cenário de Consciência, descrevem um leque de interações básicas que uma criança é capaz de estabelecer, explicitando a relação entre esquemas cognitivos e interações semióticas.<sup>97</sup>

<sup>96</sup>As únicas exceções foram uma construção com o verbo *mentir* e uma com o verbo *achar*. Considerações sobre estes dois casos ver nota de rodapé 52.

<sup>97</sup> Ainda que a descrição de Brandt (2007) para o conjunto do Cenário de Consciência apoie-se em uma perspectiva de uma consciência animal, existe uma plausibilidade psicológica em uma teoria do

É preciso esclarecer ainda como esses esquemas estão envolvidos na significação delirante e se estão presentes em quadros não patológicos. Além disso, se o conjunto de relações descritas no Cenário de Consciência realmente compuser aspectos importantes do nosso sistema conceptual, eles podem ainda esclarecer sobre aspectos da estrutura argumental, nas línguas de uma forma geral, na medida em que representam parte do que é codificado linguisticamente.

### 5.3 Esquemas cognitivos e construção de significado delirante

Analiso, aqui, alguns exemplos de como esses esquemas de interação semiótica podem estar relacionados à produção de significado delirante.

Em uma descrição de um delírio do tipo paranoide, sintoma também presente em quadros de esquizofrenia, Kiang (2005) sugere que tal tipo de delírio pode ser compreendido, a partir da Teoria da Mesclagem Conceptual de Fauconnier & Turner (1996). Kiang (2005) considera que os delírios estariam relacionados não a uma incapacidade de se realizarem construções de mesclas conceptuais, mas sim a uma seleção inapropriada de *inputs* para os processos de integração conceptual. Para esse autor, portanto, o delírio pode ser compreendido como o produto do mesmo tipo de integração conceptual presente em outras capacidades cognitivas, tais como analogia e criatividade.

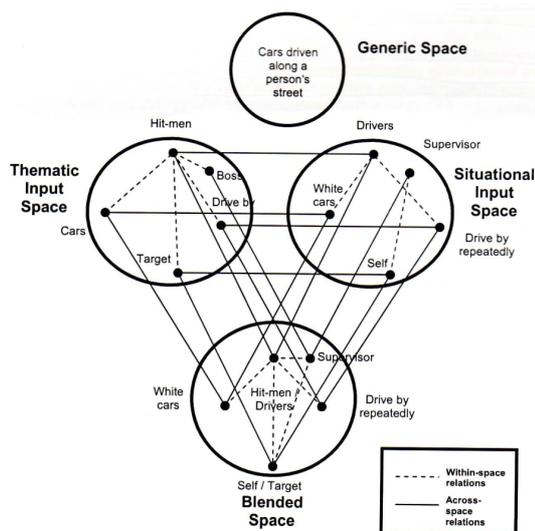
A figura 10, proposta pelo autor, ilustra esquematicamente a integração conceptual do delírio analisado no trabalho citado. Trata-se de uma análise do discurso de um paciente de 42 anos de idade, casado, sem histórico de transtornos psiquiátricos, que, após ser demitido de

---

desenvolvimento infantil. É interessante notar que especialmente a relação semiótica S-O1 e seu posterior mapeamento para O2-S possui um correlato dentro de uma teoria da sexualidade infantil e da psicose de cunho psicanalítico. Semelhante à uma relação indexical, Freud (1905), em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, considerou que a primeira forma de organização sexual é oral e consiste na incorporação ou assimilação do objeto de desejo da criança e, portanto, o seu aniquilamento. Para Freud, essa relação desempenha um papel psíquico importante, permanecendo como um modelo para a criança. Em *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud (1915) reconhece que a incorporação ou assimilação é um tipo de relação compatível com a abolição da existência do objeto e que, portanto, pode ser descrita como ambivalente (amor/ódio). Freud irá considerar, então, que parte do processo de formação delirante na paranoia e na esquizofrenia está relacionada à projeção de aspectos desses afetos, ou pulsões agressivas, para o exterior. Também, de forma semelhante, guardada as diferenças entre psicoses e neuroses, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (1926) analisa um caso clínico de fobia a partir de uma projeção em que a agressividade por parte do paciente para com o pai surge como agressividade por parte do pai para com o paciente, em uma projeção claramente icônica. Obviamente, não quero aqui igualar a proposição de Cenário de Consciência de Brandt à teoria freudiana de desenvolvimento da sexualidade e das psicopatologias, uma vez que os termos psicanalíticos de organização sexual oral e projeção possuem outras especificidades. Ainda assim, as semelhanças são perceptíveis. Na realidade, a noção da constituição da subjetividade a partir de um “drama subjetivo” encontra um forte correlato no drama edípico psicanalítico.

um trabalho, começa a apresentar comportamento persecutório. Seu delírio consiste, em resumo, da crença de que carros brancos que repentinamente passavam na sua rua continham atiradores com a intenção de matá-lo, a mando de seu supervisor.

Figura 10 - Modelo de Integração Conceptual de um delírio paranoide



(KIANG, 2005, p. 16)

Para Kiang (2005), a significação delirante realizada pelo paciente está relacionada a um processo de integração conceptual entre um Espaço Temático (*Thematic Input Space*), contendo um *frame* com a estrutura do delírio, e um Espaço Situacional (*Situational Input Space*), que contém elementos da experiência desse paciente.

No delírio analisado, o Espaço Temático contém o esquema de um atirador, com intenção de matar uma vítima, a mando do seu chefe, dirigindo na avenida onde vive essa vítima. No Espaço Situacional, existem os elementos da própria experiência do paciente: ele mesmo, seu supervisor e os carros vistos na rua em que vive. As relações dessa estrutura delirante seriam então projetadas em um espaço mescla, ajudando a construir erroneamente o significado dos elementos da experiência do paciente.

Kiang (2005) não conseguiu, no entanto, a partir da teoria clássica da Mesclagem Conceptual, explicar porque determinados elementos são selecionados na organização da mescla e aponta que trabalhos futuros podem elucidar como fatores biológicos, psicológicos e culturais estariam relacionados a esses *frames* organizadores ativados em uma determinada desordem psiquiátrica.

Parte dos impasses teóricos desse autor deve-se ao fato de que, para a Teoria da Mesclagem clássica, é a estrutura comum aos dois espaços *input* que organiza o processo de integração conceptual. Em sua análise, portanto, Kiang precisou pressupor um *frame* temático específico, representado no Espaço Temático, que contivesse necessariamente a mesma estrutura da experiência do paciente, representada no Espaço Situacional, o que permitiria, assim, o processo de integração conceptual.

Na perspectiva de Kiang e da teoria clássica da Mesclagem Conceptual, é necessário postularem-se *frames* específicos, contendo a mesma estrutura dos elementos da experiência do paciente, envolvidos em cada significação delirante. Esses *frames* são exclusivos a uma determinada instanciação do delírio e possuem, por sua especificidade, pouca possibilidade de generalização. Assim, seria necessário, por exemplo, outro Espaço Temático na análise do delírio do mesmo paciente, caso esse passasse a acreditar que o mesmo supervisor estava colocando veneno em sua comida, ao invés de enviar atiradores.

Proponho uma alternativa de investigação do fenômeno da significação delirante, discutindo como as reformulações teóricas apresentadas por Brandt e Brandt (2005) e Brandt (2004b; 2007), da Semiótica Cognitiva, podem ajudar a descrever esse processo de significação de forma mais ampla.

Ao contrário da proposta de Kiang (2005), partindo-se do modelo de Brandt, é possível pressupor a existência de um *frame* organizando a construção do significado delirante, sem que esse *frame* necessariamente possua, *a priori*, uma estrutura análoga aos eventos da experiência do paciente. Pelo contrário, seria um tipo de *frame* de Relevância o próprio responsável por parte da estrutura final do espaço mescla e, portanto, do significado delirante atribuído pelo paciente a sua experiência.

Apresentamos a seguir alguns trechos do *corpus* a serem analisados a partir do modelo de Integração Conceptual proposto por Brandt e Brandt (2005). Aqui, interessa-nos especialmente o processo de estruturação (*framing*) envolvido na integração conceptual.<sup>98</sup>

Brandt define esse processo de estruturação como *loop* de elaboração (*elaboration loop*): elaboração porque o tópico colocado em foco no Espaço Semiótico determina como o conteúdo dos espaços inputs será elaborado; *loop* porque se trata de um processo em aberto e recíproco.

---

<sup>98</sup> Portanto não foram analisadas as Relevâncias Argumentativa e Illocucionais dos enunciados.

Nesse contexto, a Relevância Situacional<sup>99</sup> distingue-se das demais justamente porque tem efeitos nessa estruturação. Primeiro, o tópico colocado no foco da atenção, de acordo com a situação contextual, determina a organização do Espaço de Referência, que, por sua vez, organiza o conteúdo do Espaço de Apresentação. Retomando o exemplo discutido na fundamentação teórica desta dissertação e analisado por Brandt e Brandt (2005), no caso da enunciação da expressão *This surgeon is a butcher*, uma vez que a relação entre os actantes semânticos (agente atuando sobre um paciente, com nossa atenção voltada para o que aconteceu com o paciente) é colocada em foco, essa mesma relação organiza o conteúdo do Espaço de Referência e Apresentação<sup>100</sup>.

Analisemos o trecho a seguir:

Exemplo 2 - “Agora é o seguinte, no homem, na carne e no sangue tem os nervos. Os nervos da carne sanguínea vêm a ser os fio elétrico. Agora, os deuses que são os cientistas, técnico, eles controla. Ele vê aonde ele conseguiu. Os cientistas, determinados trocadilos, ele consegue. Porque o controle remoto ele não queima, torce. Os cientistas têm o medidor que controla. Igual ao ferro ali. Aquele que tem os números, tem pra lâ, tem pra... é... tão simples né?” (Apêndice E, p. 112)

Neste trecho, Estamira explica ao entrevistador como os “deuses” ou “cientistas” (uma entidade delirante) consegue afetar o seu corpo e o de outras pessoas. Estamira faz então uma comparação entre o corpo humano (com nervos) e uma máquina (com fios elétricos). Para ela, assim como um medidor pode controlar o ferro de passar roupas (presente no Espaço Semiótico) os cientistas possuem um medidor capaz de controlar o corpo humano.

Nos termos da teoria da Metáfora Conceptual, trata-se aqui de um mapeamento comum entre máquina e corpo, onde os elementos do domínio conceitual de máquinas são mapeados a elementos de um domínio conceitual de corpo, formando, nos termos de Lakoff e Johnson, uma metáfora conceitual do tipo COPRO É MÁQUINA. Esse se trata de um tipo de

<sup>99</sup> Brandt (2004b) não trata de *frames* de Relevância, mas sim de Espaço de Relevância. No trabalho de 2005, o autor adota o termo *frame* de Relevância e utiliza o termo espaço apenas quando ele pretende descrever o seu conteúdo, exibindo a sua forma esquemática.

<sup>100</sup> Ainda que a relação entre domínios semânticos e o processo de integração conceptual não seja tratada neste texto de 2005, é importante salientar que Brandt (2004b) considera que o Espaço de Referência e os Espaços (ou os *frames*) de Relevância ancoram-se no mesmo domínio semântico. Para ele, o Espaço de Relevância especifica o domínio no qual o referente é conceptualizado: “The relevance space, whether implicitly or explicitly given by the linguistic or pictorial manifestation of the metaphor, will therefore specify the domain from which the referent is seen in the first blend of the metaphor.”. Portanto, o Espaço de Referência e o *frame* de Relevância pertencem ao mesmo domínio de origem. Em uma metáfora como *This Surgeon is a Butcher*, o referente é apresentado como um agente de um domínio prático, executando uma atividade de um domínio complexo, e, portanto, esse agente pode ser culpado por um erro (BRANDT, 2004b).

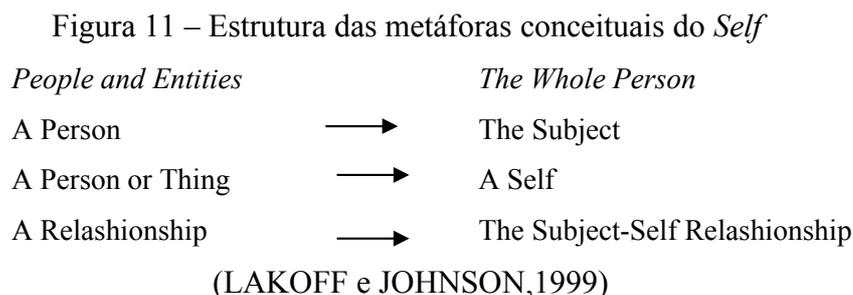
mapeamento conceptual, presente em expressões do dia-a-dia e, também, para citar alguns exemplos, na descrição do corpo humano no âmbito das ciências médicas, na filosofia de Descartes e na psicodinâmica de Freud. Propomos analisá-lo aqui como um processo de integração conceptual do *self*, entendendo o corpo como uma das partes que compõe esse *self*.

Lakoff e Johnson, em *Philosophy in the flesh*, apresentam uma distinção entre *self* e *subject*, como parte do nosso sistema conceptual. *Subject* refere-se ao aspecto da nossa subjetividade que experiencia e monitora conscientemente o mundo à nossa volta. *Self* (*ou selves*) é compreendido como nossos corpos, nossas emoções e ações. Nas palavras dos autores:

The subject is the locus of consciousness, subjective experience, reason, will and our ‘essence’, everything that makes us who we uniquely are. There is at least one Self and possibly more. The selves consist of everything else about us – our bodies, our social roles, our histories, and son on (LAKOFF E JOHNSON, 1999, p. 268).

Essa divisão entre *subject* e *self* não é compreendida aqui em uma perspectiva ontológica, mas como uma construção do nosso sistema conceptual para compreender aspectos da nossa experiência. Para Kövecses, a imposição de uma estrutura bifurcada (i.e sujeito e *self* ou *selves*) é um ato de conceptualização: “em outras palavras, nós dividimos a pessoa, que é um todo, a fim de sermos capazes de entender como o todo funciona”<sup>101</sup> (KÖVECSES, 2005, p. 54). É importante notar que essa forma ordinária de conceptualização vai na contramão de como a perspectiva da *corporeidade* compreende a cognição humana, como intrinsecamente relacionada ao corpo. Para o nosso sistema conceptual, existe um sujeito experienciador que tem uma existência independente do próprio corpo.

A fim de explicar a natureza dessa forma de conceptualização, Lakoff e Johnson (1999) propõem a seguinte estrutura de mapeamentos:

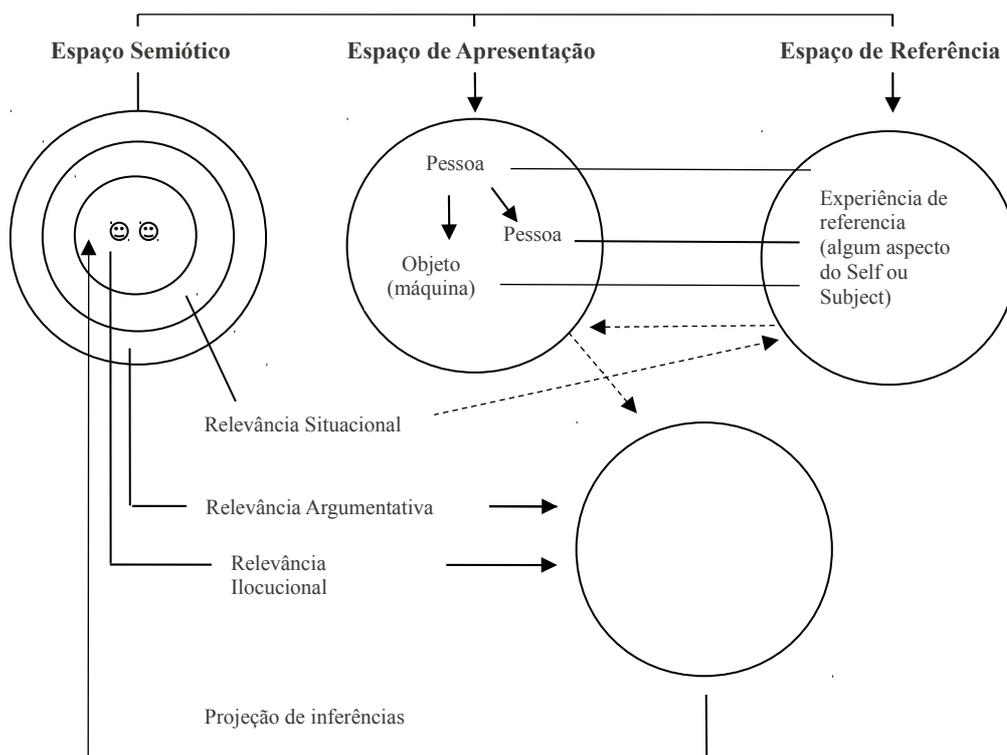


<sup>101</sup>In other words, we divide up the person, who is a whole, in order to be able to understand how that whole works.

Trata-se aqui de uma estrutura geral em que as relações entre *self* e *subject* são compreendidas como relações entre pessoas e coisas ou como relações sociais. Em níveis mais específicos, diferentes domínios-fonte, que incluem as relações espaciais, dinâmicas de forças, posse e relações sociais (de amizade, de servidão, de interação comunicativa etc.) serão utilizados como base para a compreensão da relação entre *subject* e *self* (LAKOFF e JOHNSON, 1999). Em outras palavras, não há uma única relação que serve de parâmetro, mas diversos tipos de interação estão na base desse tipo de mapeamento.

No modelo de Brandt e Brandt (2005), um diagrama esquemático do processo de organização da integração conceitual do *self*, de forma genérica, poderia ser representado da seguinte forma:

Figura 12 – Integração Conceitual do *Self*



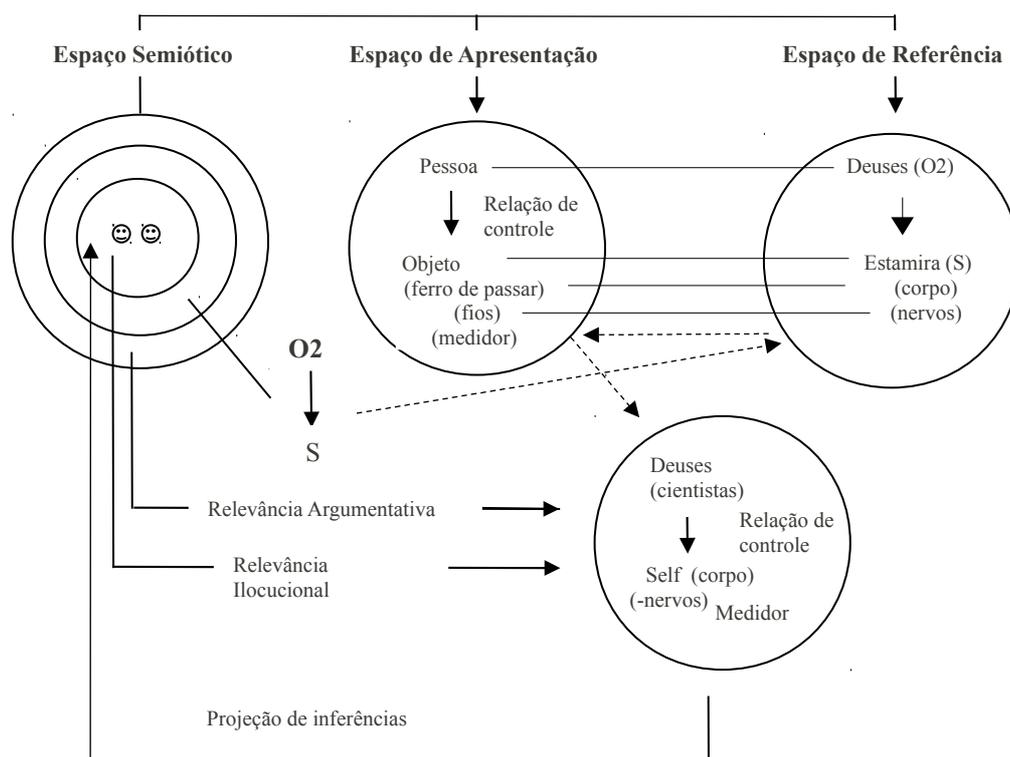
Trata-se aqui de um modelo simplificado, pois será analisado apenas o processo de organização (*framing*) dos espaços e não sua relevância argumentativa e ilocucional. Note que se trata, no diagrama, não de domínios fonte e alvo, como na teoria da Metáfora Conceptual, mas sim de espaços mentais utilizados em um processo de integração conceitual específico. Nesse diagrama, o processo de integração conceitual é organizado por um determinado *frame* (Relevância Situacional) relacionado ao domínio semântico no qual a experiência de

referência (no Espaço de Referência) é compreendida. Ou seja, a forma como um elemento da experiência (representado no Espaço de Referência) será apresentado metaforicamente (a partir do Espaço da Apresentação) depende da forma como essa dada situação da experiência é compreendida no Espaço Semiótico.

Voltemos ao exemplo em análise:

Exemplo 2 - “Agora é o seguinte, no homem, na carne e no sangue tem os nervos. Os nervos da carne sanguínea vêm a ser os fio elétrico. Agora, os deuses que são os cientistas, técnico, eles controla. Ele vê aonde ele conseguiu. Os cientistas, determinados trocadilhos, ele consegue. Porque o controle remoto ele não queima, torce. Os cientistas têm o medidor que controla. Igual ao ferro ali. Aquele que tem os números, tem pra lá, tem pra... é... tão simples né?” (Apêndice E, p. 112)

Figura 13 – Integração Conceptual do Exemplo 2



No enunciado em questão, Estamira explica ao documentarista que “os deuses”, ou “cientistas técnicos”, são capazes de controlar seu corpo e que esse processo ocorre porque eles possuem um medidor igual àquele medidor utilizado para o controle das funções de seu ferro de passar roupa.

Nesse caso, Estamira representa, em um processo de Integração Conceptual, a relação focalizada no Espaço Semiótico entre ela e os deuses. Trata-se de uma relação que é interpretada como um evento de um domínio empático (D4), ou seja, a relação Deuses-Estamira é compreendida por ela como um tipo de relação icônica que se organiza em termos de O2-S e não, por exemplo, em um tipo de interação de trocas simbólicas (S-O3) em D2.

Será esse *frame* O2-S, presente na interpretação do evento no Espaço Semiótico, que organizará os elementos do Espaço de Referência e Apresentação. No Espaço de Referência a relação entre os deuses e Estamira aparece organizada em actantes semânticos O2-S.

Em seguida, o espaço da Apresentação também se organiza em termos de O2-S. A relação entre os Deuses (O2) e Estamira (S) pode ser compreendida e descrita através de um mapeamento com a uma relação de uma pessoa controlando uma máquina. É nesse contexto que os nervos são comparados a fios elétricos e o medidor que controla o ferro de passar roupas (ao qual Estamira faz referência no discurso) torna-se relevante no espaço semiótico, passando a fazer parte da mescla: assim como existe um medidor que controla as funções do ferro de passar, o cientista tem um medidor que controla o corpo da Estamira.

A forma como o evento é colocado em foco no espaço semiótico pode ser considerado primário no processo de integração conceptual por sua consequência para a forma de organização da mescla. Trata-se de uma relação que aparece no espaço semiótico de Estamira, seja por motivos patológicos ou não, e que vem a ser compreendida através de processos de integração conceptual.

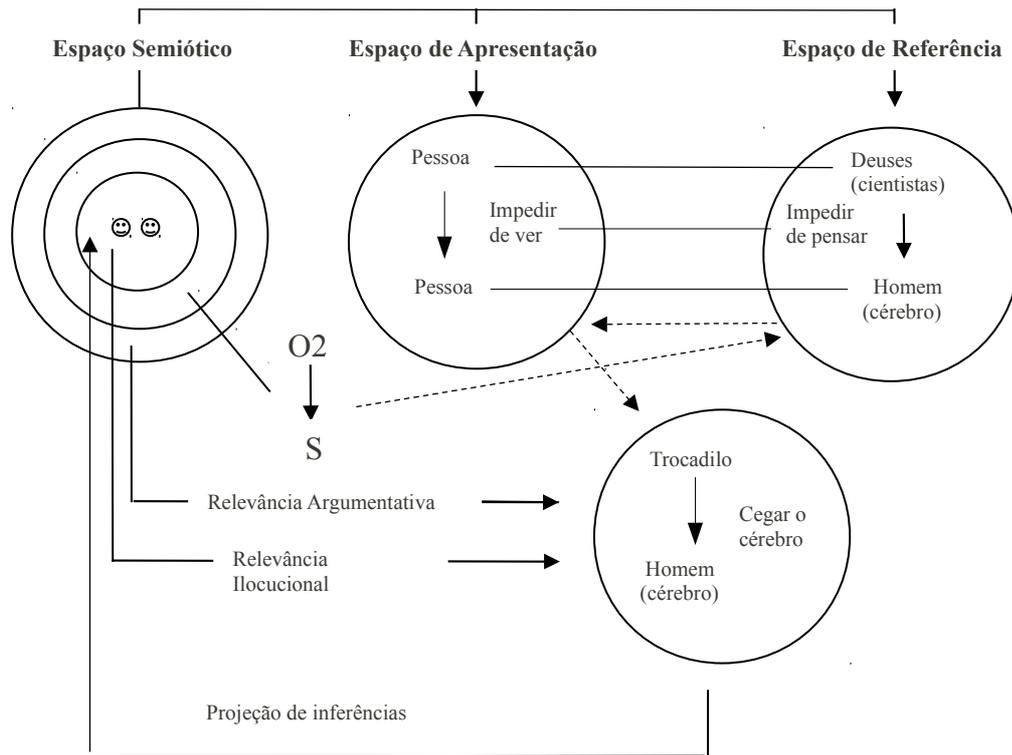
Por fim, nesse processo, partes dos elementos do espaço mescla são novamente projetados no espaço semiótico. No caso em análise, o “medidor” retorna para o espaço semiótico, passando a constituir um elemento do seu mundo fenomenológico. Assim, Estamira cria uma compreensão para como se dá a relação entre os deuses (O2) e ela (S): tal relação é possível porque O2 possui um medidor que controla. Dessa mesma forma, é provável que outros elementos comuns no seu discurso, por exemplo, o “controle remoto”, que exerce uma função semelhante à do “medidor”, tenha origem nesse tipo de conceptualização.

Um processo de integração conceptual como esse, da forma como é utilizado por Estamira no trecho em análise, pode ser compreendido como uma construção de significado sobre o *self*, que vem na tentativa responder ou elaborar uma explicação sobre o seu funcionamento.

Analiseemos outros exemplos:

Exemplo 3 - “Eles cegaram o cérebro... o gravador sanguino de vocês [...]” (Apêndice E, p. 107)

Figura 14 – Integração conceitual do Exemplo 3



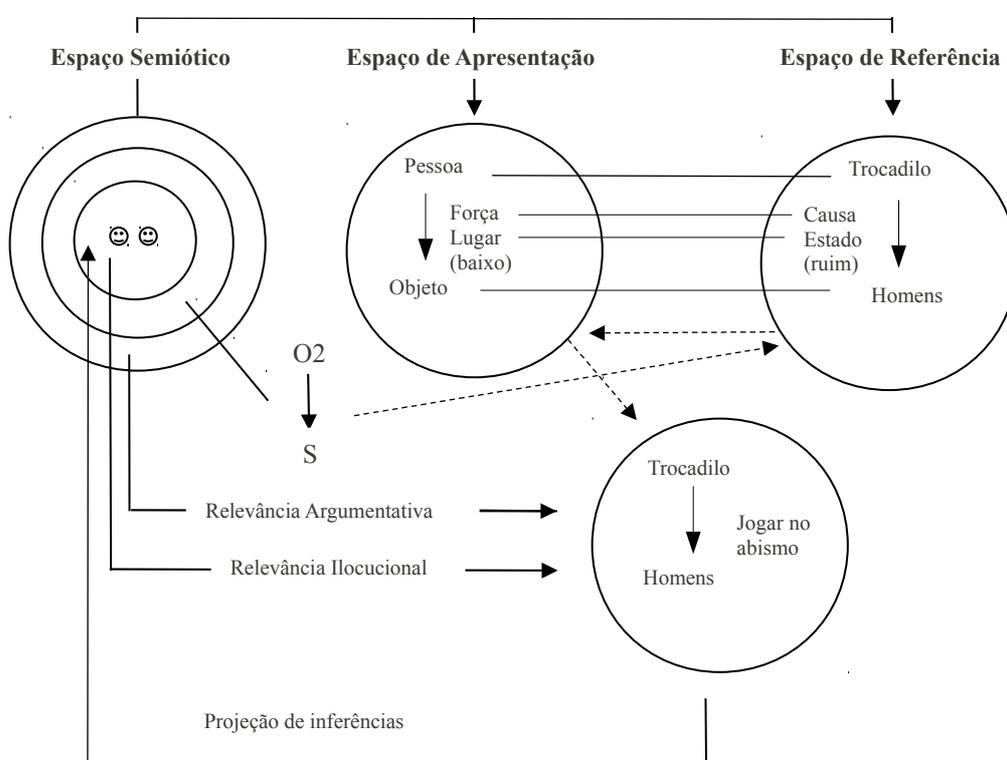
Nesse exemplo, uma dada situação de desconhecimento e ignorância dos homens<sup>102</sup>, identificada no Espaço Semiótico por Estamira, é compreendida através de um esquema O2-S onde existe um agente causador dessa ignorância no sujeito (e não, por exemplo, as próprias escolhas feitas pelos homens). O evento no Espaço de Referência, dos Deuses (O2) impedirem os homens (S) de pensar, é conceptualizado a partir de uma metáfora típica, semelhante ao tipo conceptual de PENSAR é PERCEBER, como descrita por Lakoff e Johnson (1999, p. 238), onde impedir de pensar pode ser conceptualizado como impedir de ver ou cegar. A expressão “cegar o cérebro” mostra claramente a presença desse processo de

<sup>102</sup> Estamira utiliza o termo “cegar” em outros contextos, também com sentido metafórico, por exemplo em “o trocadilo amaldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente, sabe que que ele fez? [...] cegar os homem”. O contexto de ocorrência das expressões não faz crer que Estamira acredite que os homens estejam literalmente cegos, mas faz sim uma referência a seu estado de desconhecimento e ignorância.

integração conceptual envolvendo dois campos semânticos distintos (percepção e pensamento).

Exemplo 4 - O trocadilo amaldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente, sabe o que que ele fez? Mentir pros homem, soduzir os homem, cegar os homem, é soduzir os homem, infetivar os homem, depois **jogar no abismo!** (Apêndice E, p. 107)

Figura 15 – Integração Conceptual do Exemplo 4



Nesse exemplo, Estamira utiliza a expressão “jogar no abismo” de forma metafórica, expressando o mal que o “Trocadilo” provoca aos homens<sup>103</sup>. De forma semelhante, uma mudança de estado causada pelo “Trocadilo” nos “homens” é conceptualizada em termos de um movimento forçado de jogar. Um processo como esse envolve o mesmo tipo de organização O2-S dos Espaços de Referência e Apresentação, em conjunto com mapeamentos conceptuais tais como ESTADOS SÃO LOCAIS; CAUSA É FORÇA; MUDANÇA É MOVIMENTO; RUIM É EMBAIXO etc.

Ainda outros exemplos desse mesmo processo são:

<sup>103</sup>Nada faz crer que Estamira acredite que os homens foram literalmente jogados em um abismo.

Exemplo 5 - Desmascarar ele com a quadrilha dele todinha! E **dirrubo**. **Dirrubo**, falo que eu **dirrubo** porque eu **dirrubo** mesmo. (Apêndice E, p. 108)

Exemplo 6 - Porque eles, os astros negativo, ofensível... **suja**... os espaço... e quer me... quer-me e **suja** tudo. (Apêndice E, p. 110)

Em (5), vencer o Trocadilo (isto é inibir a relação entre O2-S) é conceptualizada em termos de um movimento descendente (derrubar) e inclui metáforas do tipo MUDANÇA É MOVIMENTO. Em (6), uma mudança de estado para algo ruim, causado pelos “astros negativos”, é conceptualizada como uma passagem de limpo para sujo.

Todos estes casos mostram a importância da forma como o evento é interpretado e focalizado no Espaço Semiótico e sua consequência, através de *frames* de Relevância, para o processo de construção de significado via integração conceptual. Em outras palavras, o processo de integração conceptual é determinado, em parte, pela situação contextual representada no Espaço Semiótico. A forma como a integração conceptual ocorre depende da forma como elementos são selecionados no Espaço Semiótico e, especialmente no caso de esquizofrenia, parece haver um tipo de organização sistemática.

### 5.3.1 Esquema de causalidade

Um tipo especial de integração conceptual, envolvendo esquemas de causalidade, merece uma descrição mais detalhada, pois permite perceber com maior clareza a importância da organização do Espaço de Referência através de *frames* de Relevância.

Em *Philosophy in the Flesh*, Lakoff e Johnson apresentam uma estrutura de como compreendemos eventos, estados e mudanças de estados, a partir de metáforas conceptuais. Para o autor, as estruturas de evento no nosso sistema conceptual são compostas por submapeamentos onde conceitos como estados e mudança de estados são compreendidos a partir de noções mais básicas de espaço e movimento. Ainda que a estrutura de evento proposta pelos autores seja basicamente composta por essas noções, a metáfora “CAUSING IS MAKING” aparece como um submapeamento menor, compondo uma segunda estrutura de eventos.

When you make something, you apply a direct force to an object, changing it to a new kind of object with a new significance. For example, “He *made* lead *into* gold”.  
When we conceptualize causation as making, we understand there being a causal

force directly applied to a person or a situation to change him or it into something of a different kind. That can be either a kind of thing the person wouldn't otherwise do, or a kind of situation that otherwise wouldn't occur. Examples include "I made him steal the money" and "the DNA tests made it clear that he committed the murder" (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p.208-209)

De fato, o verbo fazer, nos exemplos apresentados na citação, estabelece uma relação de causalidade entre um agente e um objeto ("He made lead into gold") e, para o autor, em um processo de extensão metafórica, também entre um agente e uma pessoa ("I made him steal the Money") ou um agente e um evento ("the DNA tests made it clear that he committed the murder"). Em todos os casos, o verbo contribui na construção de sentido com um conteúdo causativo.

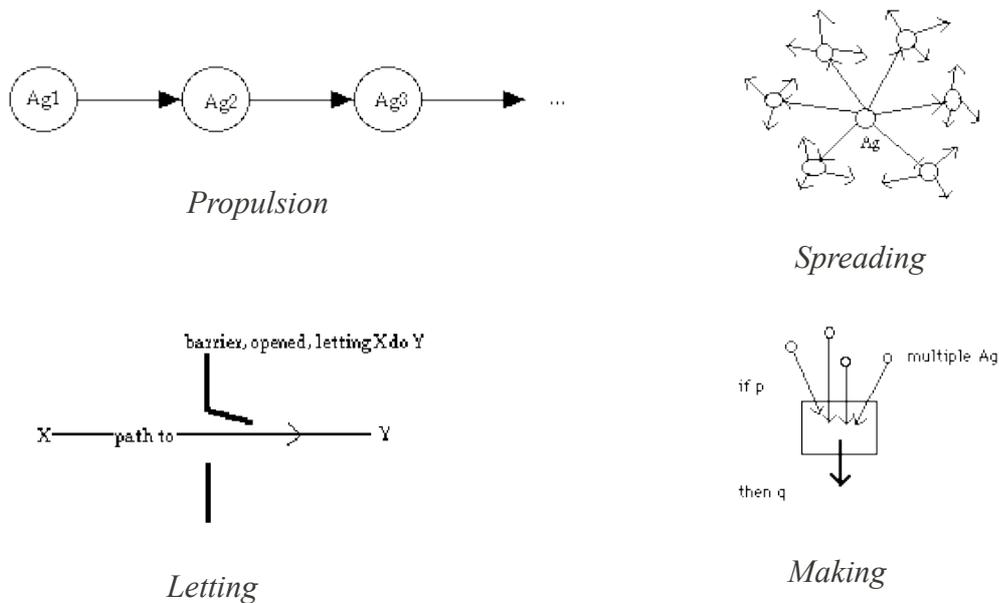
Brandt (2004b) propõe que as relações estabelecidas nos diferentes domínios semânticos são igualmente importantes para a configuração de esquemas de causalidade envolvidos na compreensão de um dado evento. Ou seja, as relações causais são compreendidas a partir de esquemas de causalidade constituídos a partir dos tipos de relações estabelecidos nos domínios semânticos.

causation is simply conceptualized differently with different contents; my claim is that the four causation types here mentioned [propelling, spreading, letting, making] are grounded in the four basic semantic domains, respectively. But any schema can in principle be applied to any scenario, irrespective of the schema's grounding domain and of the domain of the scenario. (BRANDT 2004b p. 15)

Assim, em um domínio físico D1, que inclui experiências de espaço e movimento, temos um esquema descrito por Brandt como *propulsion*, no qual um objeto afeta outro em uma cadeia de reações (*ex.* The ball hit the window and the sound of splintering glass scared the cat); em um esquema do tipo *spreading*, provavelmente relacionado à D2, a cadeia causal transmite-se radialmente, com uma dinâmica imprevisível, tal como notícias, pânico, rumores espalham-se entre as pessoas (*ex.* The disease contaminated the whole village); em D3, há um esquema de *making* onde um conjunto acumulado de *inputs* similares pode causar uma mudança de categoria (*ex.* They put articles in to make out a volume) e, por fim, um esquema de *letting*, que nos interessa particularmente, em D4, derivado de interações expressivas e intencionais, cuja causalidade relaciona-se a uma estrutura tripla com uma entidade afetada (agonista) com a tendência de ser ou fazer alguma coisa, uma barreira que se opõe

(antagonista) e a remoção desta barreira (o agente de deixar) (*ex.* Please let me kiss you). As figuras a seguir representam esses esquemas de causalidade propostas pelo autor:

Figura 16 – Esquemas de causalidade



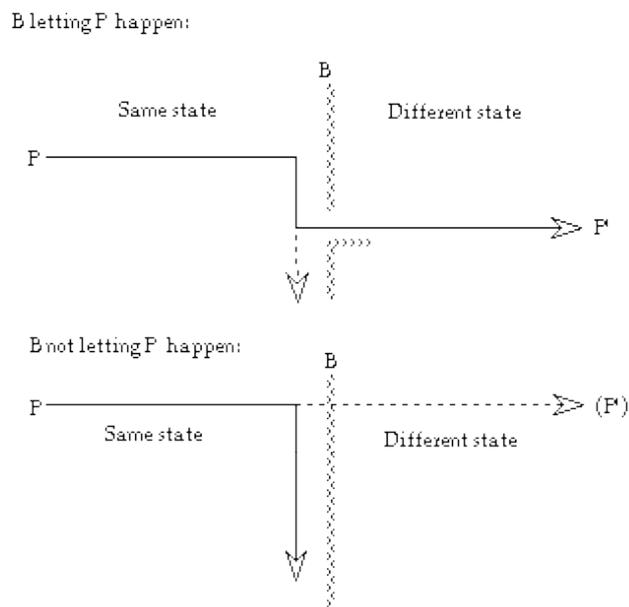
(BRANDT, 2004b, p.45-48)

Esse mesmo tema é retomado por Brandt em um pequeno artigo intitulado *Letting, Making, and the Dynamics of Causation*, no qual é discutida especificamente a causalidade envolvida nos conceitos de *making* e *letting* a partir de noções de dinâmica de forças. Ainda que para esse autor a dinâmica causativa de “fazer alguma coisa acontecer” esteja longe de ser clara, ambas as formas - *making* e *letting* - são formas básicas da cognição humana que deveriam ser estudadas com um cuidado especial.

Com base no modelo de dinâmica de forças de Talmy, Brandt (2009) propõe uma representação esquemática única para explicar a dinâmica causativa envolvida nos conceitos de *Letting* e *Making* (semelhante aos esquemas apresentado nas figuras 5 e 6). Tal esquema é composto por quatro elementos: a) uma instância P (agonista) que tende a um objetivo; b) um caminho flexível no espaço (ou tempo) que parte da posição inicial de P até seu objetivo; c) uma barreira B que se opõem a esse fazer ou ser (agente de deixar ou fazer) e d) uma linha que divide o espaço e cuja passagem representa uma mudança de estado.

Para o autor, existem quatro valores básicos de *letting* que devem ser levados em consideração em uma análise do tipo de dinâmicas de forças: *letting be – not letting be* e *letting do - not letting do*. Desses quatro, dois correspondem aos valores de *making*: *letting be*, que seria equivalente a *not making*; e *not letting be*, equivalente a *making*. Brandt (2009) propõe, então, os seguintes diagramas para a representação de tais valores:

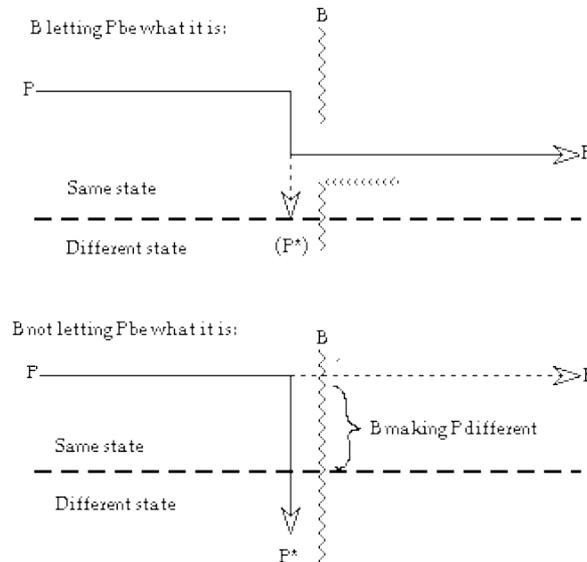
Figura 17: Causalidade de *letting do* e *not letting do*



(BRANDT, 2009, p. 4)

Nestes dois primeiros casos de causalidade de *letting*, P tende à uma mudança de estado e uma barreira coincide com a linha crítica dessa mudança. Em cada caso, uma barreira (B) permite ou não que ocorra essa mudança de P. Em contraste, nos esquemas de causalidade envolvidos nos valores de *making*, a seguir, a linha crítica de mudança de estado se encontra em paralelo com a barreira (B).

Figura 18: Causalidade de *letting be/not making* e *not letting be/making*



(BRANDT, 2009, p. 5)

Nestes dois últimos casos, a barreira permite ou não a permanência de P no mesmo estado. No primeiro, temos um agente de “deixar ser” ou “não fazer” P mudar de estado e, no segundo, uma intervenção ativa que determina a mudança de P para um estado diferente.

Esses esquemas de causalidade de *letting/making*<sup>104</sup> interessam-nos especialmente dada a sua prevalência no discurso delirante de Estamira. De forma geral, os eventos analisados são conceptualizados a partir de noções de causalidade como essas, envolvendo um agente de *making*.

Analisaremos a seguir a relação desses esquemas de causalidade e processos de integração conceptual a partir do trecho abaixo:

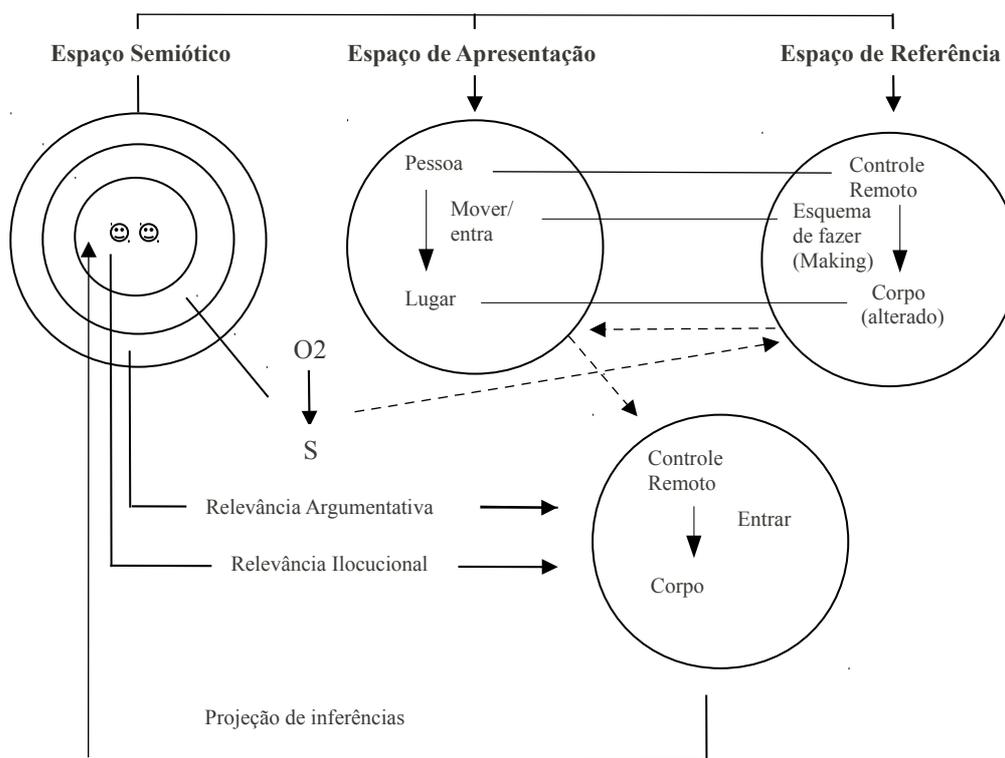
Exemplo 7: Tá dando controle remoto aqui... (arrote) Aí, tá vendo? Ele **entra**... (Apêndice E, p. 120)

<sup>104</sup> Para a análise a seguir, interessam-nos especificamente os esquemas de causalidade de *making/letting* apresentados no artigo *Letting, Making, and the Dynamics of Causation* e a forma semelhante apresentada apenas como *Letting* em *The Architecture of Semantic Domains*. Isso porque Brandt apresenta duas noções diferentes de *making*: em *Letting, Making, and the Dynamics of Causation*, o autor analisa os esquemas de *letting* e *making* a partir de noções semânticas derivadas de um esquema de dinâmica de forças único, semelhante àquele apresentado por Talmy, como uma instância afetada (agonista) com a tendência a fazer ou ser alguma coisa, um caminho, uma barreira e uma linha a partir da qual há uma mudança de estado. Em *The Architecture of Semantic Domains*, o autor apresenta o mesmo esquema citado anteriormente como um esquema para *letting*, em D4, e apresenta um segundo valor semântico de *making*, em D3, que ocorre em casos como “One swallow does not make a Summer”. Nesse caso, o autor descreve um segundo esquema de causalidade distinto.

Trata-se do enunciado de Estamira pronunciado no momento em que ela sente uma alteração fisiológica que lhe provoca um arrotos. A expressão “controle remoto” refere-se a um tipo de elemento delirante que influencia o seu corpo. Note que o evento da alteração fisiológica que provoca o arrotos não é conceptualizado como um acontecimento natural, ou seja, como um conjunto de desencadeamento de reações físicas do corpo (em um esquema de causalidade semelhante ao tipo *propulsion*), mas sim como um evento inserido em um esquema de causalidade do tipo *letting/making*, com os elementos de antagonista e agonista organizados em uma estrutura do tipo O2-S. Em outras palavras, para Estamira, alguém provocou as alterações no seu corpo.

Analisemos o diagrama a seguir, representando este processo de integração conceptual:

Figura 19 – Integração conceptual do Exemplo 7



Neste caso, uma mudança fisiológica que provoca um arrotos, presente no Espaço Semiótico, é interpretada em termos de um esquema O2-S, em uma forma de causalidade do tipo *making*. Nesse esquema de causalidade, os elementos O2 e S correspondem,

respectivamente, às instâncias de antagonista (agente de B) e agonista (P) do esquema de causalidade.

Essa estrutura, na qual alguém causa o evento da mudança fisiológica do seu corpo, irá constituir o Espaço de Referência, sendo essa ação atribuída a uma instância que já faz parte do espaço semiótico de Estamira (o “controle remoto”). No Espaço de Referência, o “controle remoto” causa a alteração fisiológica no seu corpo, provocando o arrote. Será essa organização do Espaço de Referência que será apresentada, em um processo de integração conceptual, como um movimento de entrar, através do Espaço de Apresentação. O resultado deste processo retorna para o Espaço Semiótico e, assim, Estamira cria uma compreensão para o evento da alteração fisiológica e sobre como o controle remoto pode afetar o seu corpo (entrando nele).

Não se trata esta de uma forma extraordinária de conceptualização, mas sim um processo que ocorre corriqueiramente. A fim de exemplificar este processo, fora de um contexto patológico, analisemos uma ocorrência semelhante: trata-se de um enunciado real, proferido em um congresso, quando o microfone da palestrante para de funcionar e ela diz, como uma piada: “estão querendo cortar a minha fala”.

Note que se trata de evento (o microfone parar de funcionar) que, de forma semelhante, é conceptualizado também a partir de um esquema de causalidade do tipo *letting/making*, em uma estrutura O2-S, causada por um Agente (Antagonista), e não como um evento de desencadeamento puramente físico. Distintamente do delírio analisado, no entanto, neste caso ocorre um processo metonímico de “desligar o microfone” para “cortar a fala”, no qual o efeito é tomado pela causa (cortar a fala passa de efeito para causa). Ainda que, neste caso, a mescla não tenha um caráter explicativo, ou seja, não retorna para o espaço semiótico como *frame* compartilhado, ela é compreensível e provoca a risada na forma de piada. A compreensibilidade dessa estrutura de causalidade mostra que essa é uma forma possível de conceptualização, mas que parece ser sistemática na esquizofrenia. O fato é que nunca teremos certeza se o microfone parou de funcionar por causa de um agente externo ou uma série de eventos naturais<sup>105</sup>. Da mesma forma, não sabemos se as sensações corporais de Estamira foram ou não causadas por um agente externo. Trata-se de uma interpretação sobre o domínio semântico de um dado evento no espaço semiótico. De qualquer forma, as metáforas

---

<sup>105</sup>E é a sistematicidade de um tipo de interpretação como está que, em partes, caracteriza um delírio persecutório.

ou metonímias conceptuais são possíveis tendo-se como ponto de partida o domínio no qual a situação é conceptualizada e a sua consequente organização no espaço de referência.

Outros exemplos do mesmo processo retirados do corpus mostram essa mesma estrutura de causalidade:

Exemplo 8: Eu tenho dó muito dele, ele é muito bom. Ele sabe ler e escrever muito. E, mesmo assim, acontece essas coisa. É o Trocadilo que **fez** isso com as pessoas. (Apêndice E, p. 135)

Exemplo 9: Mas o trocadilo **fez** com que... me separasse até dos meus parentes. (Apêndice E, p. 144)

Exemplo 10: O trocadilo **fez** duma tal maneira... que quanto menos as pessoas têm... mais eles menos-prezam, mais eles jogam fora. (Apêndice E, p. 109)

Em todos estes casos, um dado evento do espaço semiótico é conceptualizado em termos de um esquema de causalidade do tipo *letting/making*. Em (8), a situação de um amigo, que mesmo sendo bom, sabendo ler e escrever, encontra-se na miséria, é compreendida como sendo causada por um agente externo (Trocadilo). O mesmo ocorre em relação ao evento em (9), o de se separar dos pais. Em (10), o hábito de desperdício das pessoas é entendido não como um descaso destas mesmas pessoas, mas também como um efeito causado pelo Trocadilo.

A pressão cognitiva desse tipo de esquema O2-S, possivelmente, aplica-se ainda em uma análise do caso apresentado por Kiang (2005), já descrito neste trabalho. Aparentemente, trata-se, nesse caso, de um delírio persecutório de um quadro de paranoia. Possivelmente, o processo de categorização e causalidade ocorra de forma semelhante à apresentada até aqui e um esquema O2-S pode caracterizar a relação entre aquele paciente e seu supervisor no delírio descrito. Além disso, é possível que o mesmo tipo de esquema O2-S esteja envolvido também em outros tipos de delírios, tais como casos de delírio erotomaníaco, também comumente presente em quadros de esquizofrenia e paranoia. Isso porque, em uma relação icônica, O2 no esquema O2-S, pode ser tanto um inimigo, quanto alguém em uma relação de intimidade erótica, e, em ambos os casos, a sedução é crucial e a iconicidade é um modo semiótico predominante, como destaca Brandt (2007). Para esse autor, nos domínios D2 (simbólico) e D4 (icônico) intervêm dois tipos de alteridade com os quais o sujeito se confronta: “the 'fellows' and the 'significant other', as ennemy or other-in-erotic-intimacy” (BRANDT, 2007, p.22).

## 5.4 Um mundo subjetivo

O caso de esquizofrenia analisado neste trabalho evidência a presença de formas esquemáticas básicas de interação semiótica utilizadas nos processos de integração conceptual, corroborando a hipótese de que nosso corpo e as interações que estabelecemos com o ambiente, tanto sensório-motoras, quanto semióticas, formam a base de certos aspectos da construção de significado.

As formas de integração conceptual descritas até aqui levantam questões sobre a importância de aspectos da *corporeidade* na construção de significado delirante e nos levam a questionar qual diferença existe entre tais processos em quadros patológicos e não patológicos.

Um dos fenômenos marcantes da enunciação, que parece ser central para a compreensão da esquizofrenia, é o fato de podermos falar objetivamente de um estado de coisas, sem especificarmos nosso próprio envolvimento no fato como falantes em um processo cognitivo e interativo. Nesse fenômeno, denominado por Brandt (2007) de *olympic phenomenon* ou *linguistic consciousness*, podemos afirmar um evento ou estado, sem referência a nenhum ponto de vista particular.

Here the primordial, objective surround space itself apparently acquires a voice and speaks, using the core copula verb to be. Latin: ESSE. Language is apparently coextensive with the very space of presence; it can therefore speak, describe, predicate, evaluate, without signifying or specifying a speaker. Or rather, the sound of the space in which contents (states, events, acts) take place becomes language that affirms its objective content – and the actual speaker appears as an appendix to this voice of “spatial truth”, the unembodied voice of “what is”. (BRANDT 2007, p.15)

Desse fenômeno, Brandt (2007), então, lança algumas perguntas centrais para a nossa discussão: como a linguagem pode expressar a existência, os estados e a essência das coisas, sem uma referência à subjetividade na qual isso se ancora? Como desenvolvemos essa forma impessoal de consciência ou consciência *descorporificada* que, paradoxalmente é experienciada como a voz da verdade?

Essa questão faz parte do debate teórico levantado por diversos autores dentro das Ciências Cognitivas. Em oposição a uma tradição objetivista da filosofia e da ciência, de

acordo com a qual as coisas podem ser concebidas como independentes do sujeito cognocente (em uma perspectiva *descorporificada*), certo ramo das Ciências Cognitivas e a Linguística Cognitiva postulam que a nossa estrutura conceptual, e a própria cognição, é determinada por aspectos subjetivos que dependem dos tipos particulares de interação que os sujeitos humanos estabelecem em seu meio (uma perspectiva *corporificada*).

Ainda que a oposição entre objetivismo e corporeidade faça parte do núcleo de um debate teórico da Linguística Cognitivas, não é propriamente discutida, como o faz Brandt (2007), o objetivismo como uma capacidade cognitiva humana. Ou seja, o modo de consciência que nos permite falar em uma perspectiva olímpica ainda precisa ser compreendido como parte de nossa cognição que, possivelmente, como aponta Brandt, ou se trata de uma criação da linguagem, ou é aquilo mesmo que a cria.

Para Johnson (1987), o objetivismo, para além de um projeto filosófico, tem um papel importante como um aspecto culturalmente compartilhado, que se resume na crença de que o mundo consiste de objetos que possuem propriedades e estabelecem relações independentemente da compreensão humana. O objetivismo, portanto, suporta-se na afirmação epistemológica de que existe um “God’s-Eye-View”, um ponto de vista ou perspectiva transcendental sobre o qual o mundo se constitui como uma instância universal, independentemente da perspectiva e de crenças particulares. Em outras palavras, quando buscamos um tipo de conhecimento sistemático, tomamos como garantia que o mundo faz um sentido, não sendo uma coleção randômica de fenômenos individuais ou determinado por uma subjetividade. “It is not just determined by capricious whim of gods who are fickle, mischievous, and cruel, but, rather, it is a ‘cosmos’, a rationally structured whole.” (LAKOFF E JOHNSON, 1999, p. 346).

Essa é uma hipótese, formulada por Descartes (1940/1999) em sua terceira meditação, de que o mundo para ser cognoscível não pode ser determinado por uma subjetividade arbitrária, como um Deus enganador, mas pelo contrário, se sustentar em um fundamento veraz, ou perspectiva transcendental que garante sua universalidade.

E, como não tenho por certo nenhuma ocasião de julgar que há um Deus enganador, pois, até agora não sei sequer de modo suficiente se há algum Deus, a razão de duvidar que depende só dessa minha opinião é muito tênue e, por assim dizer metafísica. Mas para a eliminar ela também, tão logo a ocasião se apresente devo examinar se há um Deus e, se há, se ele pode ser

enganador. Pois, na ignorância disso, não parece que eu possa jamais estar completamente certo de nenhuma outra coisa. (DESCARTES 1904/1999, p. 67)

Para Lacan (1981), a formulação do Deus não-enganador de Descartes refere-se a um ato fundador presente na evolução do pensamento humano que possibilitou o tipo de racionalidade científica como a conhecemos.

É evidente para nós que a matéria não é trapaceira, que ela não faz deliberadamente com que nossas experiências se aniquilem e com que nossas máquinas voem pelos ares. Isso acontece, mas somos nós que nos enganamos, não se pode imaginar que ela nos engane. Esse passo não está em absoluto suficientemente amadurecido. É preciso nada menos que a tradição judaico-cristã, afim de que ele possa ser transposto de forma tão segura. [...] É a radicalidade do pensamento judaico-cristão sobre esse ponto que permitiu esse passo decisivo, em virtude do qual a expressão ato de fê não é descabida, consistindo em sustentar que há algo que é absolutamente não-enganador. Que esse passo seja reduzido a esse ato é uma coisa essencial. Reflitamos, porém no que aconteceria, no corre-corre em que se vai agora, se nós déssemos conta de que não há somente um próton, um méson etc. mas um elemento com o qual não se tinha contato, um membro a mais na mecânica atômica, um personagem que mentisse. Nesse momento, não se riria mais de modo algum. (LACAN, 1981, p. 79)

Esse pensamento não é, no entanto, apenas uma herança escolástica, mas uma posição subjetiva que situa a garantia da realidade em um ponto não-enganador. No entanto, como destaca Lacan, este ponto de garantia da realidade encontra-se, na psicose, em um jogo de enganos que o sujeito mantém com esse ser primeiro que garante o real.

O fenômeno do Deus enganador da psicose foi tratada por Lacan (1981) ao identificá-lo no caso de esquizofrenia do *Presidente Schreber*, analisado por Freud. Lacan aponta que o ponto-pivô da função da fala é a subjetividade do Outro e o fato de que essa alteridade, como o sujeito, é capaz de convencer e de mentir. O Deus de Schreber é um Deus vivo, como ele mesmo se exprime, e que, por uma série de meios, modifica o mundo e coloca Schreber em risco, ao mesmo tempo em que Schreber se constitui como uma ameaça para ele. O delírio de Schreber, como um termo polar da megalomania do próprio sujeito, como define Lacan, desenvolve-se em um Deus que, por ter querido captar as forças e fazer de Schreber objeto de

seus exercícios de destruição, coloca-se preso em um jogo de engano no qual o próprio Schreber pode ameaçá-lo. (LACAN, 1981)

O que é colocado em questão por Lacan nesse trecho é uma construção no qual o mundo não se constitui como uma instância universal, mas como uma instância particular, que mantém uma relação de dependência com o sujeito e com a subjetividade do outro no qual ele se ancora.

De forma semelhante, a realidade de Estamira torna-se subordinada à sua própria subjetividade e à subjetividade de uma alteridade que compõem seu delírio. A clareza como isso é exposto por ela no discurso dá o caráter filosófico à sua expressão.

Se o Trocadilo se constitui para Estamira, na interpretação dos eventos da sua experiência, como um elemento determinante da realidade, também, aplica-se uma fórmula correlata: a dependência que a realidade estabelece com a sua própria subjetividade.

Exemplo 11: A criação toda é abstrata. O espaço inteiro é abstrato. A água é abstrato. O fogo é abstrato. Tudo é abstrato. Estamira também é abstrato. (Apêndice E, p. 110)

Exemplo 12: Ninguém pode viver sem mim. Ninguém pode viver sem a Estamira. Eu me sinto orgulho e tristeza. (Apêndice E, p. 109)

Exemplo 13: Eu sô a beira, eu tô lá, eu tô cá, eu tô em tudo quanto é lugar. E todos dependem de mim. Todos dependem de mim, de Estamira. (Apêndice E, p. 123)

Exemplo 14: O morro, as serras, as montanhas, paisagem e Estamira. Este mar, esta serra, Estamira está em tudo quanto é canto. Tudo quanto é lado. Até meu sentimento mesmo vêem. Todo mundo vê a Estamira. (Apêndice E, p. 108)

Exemplo 15: Escuto, Sr. Dauola. Trovão. E é mesmo. Invém relâmpago. Lá em casa, ele sai debaixo da cama. (Apêndice E, p. 114)

Exemplo 16: Do qual, antes de ontem, eu dei uma briga com meu próprio pai astral. O senhor ouviu? O senhor ouviu o toró? O senhor sabe o que é um toró? Eu estava brigando. Eu. Estava brigando com o meu pai astral. (Apêndice E, p. 120)

Cabe-nos então voltar à pergunta que inicia esta sessão: como desenvolvemos uma forma impessoal de consciência ou consciência *descorporificada*, que não faz referência a uma subjetividade na qual ela se ancora? A esquizofrenia parece ser exemplar para mostrar o

lado inverso dessa fórmula, ao expor uma realidade que se ancora, desde o início, em uma subjetividade.

Essa questão diz respeito diretamente às reflexões de Lakoff e Johnson (1980, p. 87; 1999, p. 212) sobre o processo no qual interpretamos fenômenos naturais conceptualizando-os como agentes humanos, i.e as metáforas conceptuais envolvidas na compreensão de fenômenos não humanos em termos de motivações, características e atividades humanas. Para Lakoff e Johnson (1999, p. 225), a mitologia grega seria um exemplo desse processo metafórico. Para Brandt (2007), um processo como esse seria a repersonalização do impessoal, no qual “It rains” torna-se “Tlaloc<sup>106</sup> rains”.

No entanto, a pergunta que nos interessa aqui é anterior: como passamos a conceber fenômenos naturais em um mundo objetivo? Nós não sabemos em que medida os deuses gregos são a personificação de um tipo metáfora no qual se compreende fenômenos naturais em termos humanos ou se para eles, assim como para Estamira, os fenômenos naturais simplesmente se constituem sobre um pano de fundo de um sistema subjetivo. Como destaca Dodds (1988), para Homero e, de um modo geral, para o pensamento primitivo, não há acidentes: os personagens da Odisseia caracterizam-se por atribuírem todas as espécies de acontecimentos mentais e físicos à intervenção de uma divindade. As formas de intervenção psíquica mais comuns em Homero podem ser resumidas dizendo:

que qualquer afastamento do comportamento humano normal, cujas causas não são imediatamente perceptíveis, seja pela consciência do próprio assunto, seja pela observação de outros, é atribuída a um agente sobrenatural, tal como qualquer afastamento de um comportamento normal do tempo ou do comportamento normal da corda de um arco. Esta descoberta não surpreenderá o antropólogo clássico: poderá bem fornecer imediatamente numerosos exemplos semelhantes, de Bornéu ou da África central. (Dodds, 1988 p. 21)

Se assim for, a conceptualização de fenômenos naturais como agentes humanos pode ser mais complexa do que a apontada por Lakoff e Johnson. Ainda é preciso entender melhor como o subjetivo pode tornar-se objetivo, como passamos a compreender entidades sem lhes atribuir motivações e características humanas, ou seja, como passamos a compreender um mundo com leis próprias e naturais, considerando que nossa experiência tem por base essencialmente as relações humanas e subjetivas. Como destaca Brandt (2004), é provável

<sup>106</sup> Deus Asteca da chuva. (Brandt (2007)

que, na base, a cognição humana conceptualize actantes como entidades conscientes, tal como o próprio conceptualizador, e, apenas mais tarde, aprenda a eliminar essa animacidade e a pensar de forma mais “científica”.

O fenômeno da visão olímpica, nos termos de Brandt, parece ser uma capacidade cognitiva altamente elaborada. Em certo sentido, podemos entender, em uma perspectiva assumida pela própria Linguística Cognitiva, como a realidade ancora-se em aspectos da cognição corporificada. Ainda não nos é claro, no entanto, como conseguimos abandonar essa perspectiva na direção de uma cognição *descorporificada*.

Não apenas o processo cognitivo de constituição de uma realidade exterior independente, mas outros processos correlatos, como a noção de unidade do *self* e racionalidade autônoma, podem nos ajudar a esclarecer a natureza de determinados sintomas da esquizofrenia. Talvez não seja óbvio, como sugere Kövecses<sup>107</sup>, que sejamos uma entidade unitária (dividida apenas metaforicamente entre *self* e *subject*). É possível que a constituição do sujeito como unidade independente e autônoma, correlata da própria constituição de uma realidade exterior, seja uma aquisição cognitiva tardia. A divisão entre *self* e *subject*, sugerida por Lakoff e Johnson (1999), pode ser mais que um ato metafórico para a compreensão do “todo” do organismo, mas uma conceptualização importante que oferece os fundamentos para a própria ideia de organismo e racionalidade autônomos. Fundamento este que é, no entanto, questionado no próprio debate filosófico<sup>108</sup> e colocado em evidência pela esquizofrenia, na medida em que expõe, de forma radical, um *self* heterônomo, sujeito à uma alteridade exterior.

---

<sup>107</sup> “Obviously, a person is a unitary entity, a whole, so the imposition on this unitary entity of a (minimally) bifurcated structure (i.e., subject vs. self, or selves) is a metaphoric act by us as conceptualizers” (KÖVECSES, 2005, p. 54).

<sup>108</sup> “The traditional notion of rationality, together with Kant’s idea of autonomy, gave rise to the view of human being as autonomous rational actors, with complete freedom of the will and transcendent rationality that allows them to think anything at all and to freely choose their purpose and beliefs. This view is false” (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p. 536).

## 6 Conclusão

Este trabalho teve a intenção de formular diretrizes metodológicas que permitissem analisar aspectos da construção de significado relevantes na descrição de quadros psicopatológicos. Nesse contexto, a articulação entre Cenário de Consciência, Domínios Semânticos e processos de integração conceptual pode ser fundamental para os estudos das psicopatologias, na medida em que oferece instrumental necessário para uma análise da subjetividade através dos estudos linguísticos.

Buscou-se, portanto, analisar a forma como eventos delirantes são expressos linguisticamente, com base na hipótese de que existe uma relação entre o núcleo conceptual de um evento e a forma como ele é expresso em construções gramaticais. Pretendeu-se descrever as formas conceptuais básicas ligadas a esses eventos delirantes, tendo como ponto de partida a sua expressão na estrutura argumental.

O caso de esquizofrenia analisado neste trabalho evidenciou que um tipo esquemático de interação icônica, estruturada em termos de O2-S, conforme definição de Brandt (2007), descreve bem aspectos semânticos e sintáticos da expressão dos eventos que compõem os delírios de influência e persecutório. Essa forma esquemática de interação semiótica (ou esquema cognitivo) compõe o núcleo de eventos delirantes na medida em que se relaciona a uma forma básica de interpretação e organização do Espaço Semiótico. Essa forma de organização dos eventos da experiência pode ser compreendida como um *frame* de Relevância que organiza os processos de integração conceptual de eventos delirantes. Neste sentido o delírio passa ser compreendido não apenas como um sintoma, mas como um processo de construção de significados de aspectos da experiência do sujeito em questão.

Esses achados corroboram a hipótese de Brandt (2007) de uma organização básica da consciência em termos de interações semióticas e sugerem, ainda que de forma preliminar, a possibilidade da descrição de eventos delirantes em uma base linguística, o que ajudaria a compor critérios mais objetivos de descrição desses e outros sintomas psicopatológicos.

Um tipo de esquematização como essa, envolvendo um drama semiótico, aponta para a importância da alteridade social em uma relação subjetiva e comunicativa, na constituição de esquemas imagéticos. Especificamente, a análise do *corpus* mostra a proeminência de uma alteridade, em uma relação semiótica, na composição de eventos delirantes. Isso vai ao encontro da proposta de alguns autores da Linguística Cognitiva:

There are other kinds of imagery that might lay claim to something like the importance of the image-schema already mentioned, though they may lack the element of physical embodiment through repetitive experience. Perhaps animacy itself, or animate being, should also be regarded as a fundamental image-schema. Certainly the animacy of person and animal around them is something that all humans encounter in earliest infancy (PALMER, 1996, p. 67).

Esse tipo de descrição corrobora a hipótese de muitos autores da psicologia e da linguística, ao considerar a interação na linguagem e na sociedade como um aspecto fundamental para constituição da subjetividade:

É assim que se pode afirmar, com Mead, que a construção do sujeito se daria como efeito da interação. Sem o tu, sem o outro, não se teria a noção de *eu*. Esta é também a posição de Vygotsky, para quem primeiro temos as representações coletivas que depois se tornam representações individuais. [...] Com isto, tanto Bakhtin como Vygotsky, Mead e os etnólogos, por caminhos e visões diversos entre si, retiram a reflexão sobre a linguagem do campo da estrutura para situá-lo no campo do discurso em seu contexto sociointerativo (MARCUSCHI, 2009, p.20-21).

O tipo de análise proposta por Brandt (2007), corroborado por esta pesquisa, representa um passo importante para as teorias cognitivas esclarecerem como a experiência semiótica tem impactos na estruturação da cognição humana. Este é um ponto central para o reconhecimento de que a cognição não é apenas corporificada, mas igualmente social, na medida em que se constitui a partir de um sistema de interações comunicativas.

Claramente, um tipo de análise como esta não esgota a complexidade dos fenômenos delirantes e da esquizofrenia e não compõe uma análise da situação comunicativa propriamente, mas apenas dos efeitos dessas interações para a formação do sistema conceptual. Em uma análise do contexto comunicativo propriamente dito, sem dúvida, também estão em jogo fatores discursivos que são relevantes para a compreensão dessa psicopatologia. A situação comunicativa em que são produzidos tais discursos parece mostrar que há um desencontro entre as representações do paciente sobre a situação comunicativa e as representações da comunidade em que ele se insere. Tal desencontro parece ser um ponto importante tanto para aquele que realiza o diagnóstico, quando para o paciente que produz o

discurso. Uma análise deste tipo requer um estudo específico e pode nos auxiliar bastante na compreensão de como se dão as relações sociais e as de produção linguística, delirantes ou não, de tais pacientes.

Outras pesquisas, envolvendo um número maior de casos clínicos, são necessárias para que possam ser feitas generalizações a respeito da esquizofrenia e para se definir, de forma mais ampla, a relação entre eventos delirantes, esquemas cognitivos e formas sintáticas. Pesquisas futuras podem ainda realizar análises como esta envolvendo diferentes quadros clínicos e outros tipos de delírios, assim como propor o estudo das implicações terapêuticas de uma descrição como esta.

É importante ressaltar que foram analisadas as formas como alguns eventos delirantes são expressos no português do Brasil e é possível que os achados não se estendam, *strictu sensu*, a qualquer língua. Qualquer replicação de um estudo como este deve levar em conta as formas de codificação sintática dos valores semânticos que parecem ser relevantes na esquizofrenia, para se verificar se, de fato, um esquema como o proposto aqui é recorrente em outros casos.

No que se refere à compreensão dos fenômenos linguísticos, a noção de Cenário de Consciência, entendida como uma integração dos Domínios Semânticos, pode auxiliar nas pesquisas a respeito da distribuição temática na medida em que define conjuntos de estruturas de significado que são importantes para o nosso sistema conceptual. Por exemplo, é curiosa a observação de que existe um paralelismo sintático entre os papéis temáticos de Agente e Experienciador no português e que a principal motivação para Perini (em fase de elaboração) analisá-los como papéis temáticos distintos é o grau elevado de divergência semântica entre eles. A tendência dos dois papéis temáticos serem codificados como sujeito sintático poderia ser explicada pela natureza do nosso sistema conceptual, que conceberia, inicialmente, no Cenário de Consciência, o mesmo objeto como agente e experienciador. É claro que uma hipótese como essa precisaria ser testada.

Nesse sentido, conjuntos de papéis temáticos podem estar relacionados aos Domínios Semânticos ou Experienciais de Brandt (2004b), em uma abordagem bastante semelhante à adotada por Radden e Dirven (2007). Por exemplo, papéis temáticos de Experienciador e Causador de Experiência, normalmente ligados a verbos psicológicos, podem ser relacionados às experiências de um Domínio Mental (D3) e os papéis temáticos de trocas simbólicas, ligados a verbos *dicendi*, podem ser relacionados às experiências em um Domínio Social

(D2). A relação entre Domínios Semânticos, Cenário de Consciência e estrutura argumental merece um estudo detalhado.

As pesquisas sobre a relação entre esquemas cognitivos e estrutura argumental precisam levar em conta aspectos dos esquemas imagéticos, em uma perspectiva *coporificada*, especificamente. A descrição em termos de esquemas imagéticos ainda permanece bastante preliminar e precisamos avançar na representação e modelagem dessas estruturas conceptuais, considerando, especialmente, os tipos de interações semióticas. Ainda assim, este tipo de descrição se mostra importante na caracterização e compreensão do processamento cognitivo e da construção de significado neste caso de esquizofrenia.

## Referências

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Texto Revisado. DSM IV-TR. 4. ed. Artmed, 2003.

BLEULER, Eugen. (1916). **Psiquiatria**. 15 ed. Rio de Janeiro: Guannabara Koogan, 1985. Edição revisada e atualizada por Manfred Bleuler. Traduzido por Eva Nick.

BRANDT, Line; BRANDT, Per Aage. Make sense of a blend: A cognitive-semiotic approach to metaphor, **Annual Review of Cognitive Linguistics**, n. 3, p. 216-249, 2005.

BRANDT, Per Aage. On Consciousness and Semiosis. **Cognitive Semiotics**, Issue 1, 2007, p. 46-64. Disponível em: <[www.fflch.usp.br/dl/semiotica/cursos/brandt/brandt1a.doc](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/cursos/brandt/brandt1a.doc)>.

Acesso em: 10 de janeiro de 2011

BRANDT, Per Aage. **Dynamic schematism and the cognitive semantics of language**, Case Western Reserve University, 2004. Disponível em: <<http://www.case.edu/artsci/dmll/larcs/documents/Dynamicschematismandthecognitivesemanticsoflanguage.pdf>>.

Acesso em: 31 de jan. 2011.

BRANDT, Per Aage. **Letting, Making, and the Dynamics of Causation: a brief note**. 2009. Aarhus Universitet. Disponível em: <[http://www.hum.au.dk/semiotics/docs2/pdf/brandt\\_paab/dynamics\\_of\\_causation.pdf](http://www.hum.au.dk/semiotics/docs2/pdf/brandt_paab/dynamics_of_causation.pdf)>. Acesso em: 26 de jan. 2012.

BRANDT, Per Aage. The Architecture os Semantic Domains. A grounding hypothesis in Cognitive Semiotics. In: BRANDT, P. A. **Sapces, Domains, and Meaning. Essays in Cognitive Semiotics**. Peter Lang AG, 2004b, p. 33 a 68 disponível em: <[www.fflch.usp.br/dl/semiotica/cursos/brandt/brandt2a](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/cursos/brandt/brandt2a)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2011

CANÇADO, Márcia. 2002. Uma Aplicação da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos: Verbos Psicológicos. **Revista do GEL**. Número Especial: Em Memória de Carlo Franchi. Eds. Altman C., M. Hackerott e E. Viotti. São Paulo: Humanitas/Contexto

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **O fenômeno da intertextualidade em uma perspectiva cognitiva**. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heliana Ribeiro Mello. 239 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CHAIKA, Elaine.; LAMBE, Richard. Is Schizophrenia a Semiotic Disorder?. **Schizophrenia Bulletin**, v. 12, n. 1, p.14-15, 1986.

CIENKI, Alan Frames. Idealized cognitive models, and domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Ed.) **Handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 170-187.

DALGALARRONDO, Paulo et al. Delírio: características psicopatológicas e dimensões comportamentais em amostras clínicas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 52, n. 3, p.191-199, 2003.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DELISI, Lynn E. Speech Disorder in Schizophrenia: Review of the Literature and Exploration of Its Relation to the Uniquely Human Capacity for Language, **Schizophrenia Bulletin**, v. 27, n. 3, p. 481-496, 2001

DODDS, Eri Robertson. **Os gregos e o irracional**. Portugal: Gradiva, 1988

ENYON, Terri. Cognitive linguistics. **Advances in Psychiatric Treatment**, vol. 8, p. 399–407, 2002.

ESTAMIRA. Direção de Marcos Prado. Produção de Marcos Prado e José Padilha. **Estamira**. Documentário. Rio de Janeiro: Zazen Produções, 2005. DVD.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Blending as a central process of grammar. In: A. GOLDBERG (Ed.) **Conceptual structure, discourse and language**. Stanford: CSLI. Distributed by Cambridge University Press, 1996, p. 113-129.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Conceptual Integration Network. **Cognitive Science**, v. 22(2), p.133-187, 1998.

FRAMENET. FrameNet project. Disponível em <<https://framenet.icsi.berkeley.edu>>. Acesso em janeiro de 2012

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia**. Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Freud. Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. 1911. p. 95-201.

FREUD, Sigmund. **O Caso de Schreber**. Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA. 1911. p. 23-104.

FREUD, Sigmund. **Os instintos e suas vicissitudes**. Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1915. p. 23-104.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1905. p. 129-238.

HARROD, James B. Schizophrenia as a Semiotic Disorder, **Schizophrenia Bulletin**, v. 12, n. 1, p. 12-13, 1986.

JACKENDOFF, Ray. Lexical Semantics, In: JACKENDOFF, R. **Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution**. Oxford: Oxford University Press, p. 333-375, 2002.

JOHNSON, M. **The body in the mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason**. Chicago and London: University of Chicago Press, 1987.

KELLY, J.; MURRAY, R. M. Um século de Esquizofrenia é Suficiente. In: MAJ, M. & SARTORIUS, N. (org). **Esquizofrenia**, 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 62-65.

KIANG, Michael. Conceptual blending theory and psychiatry. **Cognitive Science Online**, v. 3, issue 1, p. 13-24, 2005. Disponível em: <<http://cogsci-online.ucsd.edu>>. Acesso em: 30 de jan. 2012.

KIRAN, Chandra; CHAUDHURY, Suprakash. Understanding delusions. **Industrial Psychiatry Journal**; v. 18, n. 1, p. 3-18, 2009.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor in culture: Universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário: as Psicoses**. Livro 3, 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1981/2002. Versão brasileira de Aluisio Menezes.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the Flesh**. New York: Basic Books, 1999

MORICE, Rodney; MCNICOL, Don. Language Changes in Schizophrenia: A Limited Replication. **Schizophrenia Bulletin**. v. 12, n. 2, p. 239-251, 1986.

MUSCARI, Paul G. Language, Reality, and Schizophrenia, **Schizophrenia Bulletin**. v, 5, n. 2, p. 334-340, 1979

OAKLEY, Tedd. Image schemas. In: GEERAERTS, D; CUYCKENS, H. (Ed.) **Handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. P. 214-235.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. CID-10. 10 ed. rev. São Paulo: EDusp. 2003.

PALMER, Gary B. **Toward a theory of cultural linguistics**. University of Texas Press, Austin, 1996.

PARNAS, J. Da definição de Esquizofrenia. In: MAJ, M. & SARTORIUS, N. (org). **Esquizofrenia**, 2 ed, Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 45-47

PERINI, Mário Alberto. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola, 2008.

PERINI, Mário Alberto. **O papel temático: relação cognitiva e instrumento de descrição**. 78 f. em fase de elaboração.

RADDEN, Gunter e DIRVEN, René. **Cognitive English Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007.

RODRIGUES, Adriano C. T; BANZATO, Claudio E. M. Construct Representation and Definitions in Psychopathology: The Case of Delusion. **Philosophy, Ethics, and Humanities in Medicine**, vol. 5, no. 5, p. 1-6, 2010.

RUMELHART, D.E.; ORTONY, A. Therepresentationofknowledgeinmemory. In R. C. ANDERSON; R. J. SOPIRO; W.E. MONTAGUE (EDS.), **Schooling and the Acquisition of knowledge**. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates. 1976.

TALMY, Leonard (2000) Force Dynamics in Language and Cognition. In: TALMY, L. **Toward a cognitive semantics: Concept structuring systems**. Vol. 1. Cambridge: MIT Press.

TENUTA, Adriana Maria. **Estrutura narrativa e espaços mentais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente corpórea**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Pós-modernidade, complexidade e estratégias epistemológicas para práticas interdisciplinares e interparadigmáticas. In\_\_\_\_\_: **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2007. P. 36-101

WIERZBICKA, Anna. **Semantics: primes and universals**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

APÊNDICE A - Unidades oracionais relacionadas a eventos  
delirantes, separadas por estrutura argumental

H	V	...
Agente (Entidade delirante)		Paciente (Estamira ou outros semelhantes)
É <u>cegar</u> <sub>AGENTE</sub>	<u>o cérebro... o gravador sanguino... de vocês.</u> <sub>PACIENTE</sub>	<sup>109</sup>
E <u>o meu</u> <sub>PACIENTE</sub>	<u>eles não conseguio</u> , conse- <sub>AGENTE</sub>	<sup>110</sup>
<u>soduzir os</u> <sub>PACIENTE</sub>	<u>homem</u> ,	<sup>111</sup>
<u>cegar os</u> <sub>PACIENTE</sub>	<u>homem</u> , é	<sup>112</sup>
<u>soduzir os</u> <sub>PACIENTE</sub>	<u>homem</u> ,	<sup>113</sup>
<u>infetivár</u> <sub>PACIENTE</sub>	<u>os homem</u> ,	<sup>114</sup>
<u>Agora os deuses</u> , que são os cientistas, técnico... eles <u>controla</u> .	<sub>AGENTE</sub>	<sup>115</sup>
mas depois <u>voltou a atacar</u> .	<sub>AGENTE</sub>	<sup>116</sup>
<u>Torce</u> assim.		<sup>117</sup>
<u>A câmara artifici-</u> é... <u>natural</u> , não <u>me faz mal</u>	<sub>AGENTE</sub>	<sub>PACIENTE</sub> <sup>118</sup>
<u>O controle do remoto</u> <u>atacou</u> .	<sub>AGENTE</sub>	<sup>119</sup>
A noite inteira <u>perturbando</u> . <u>Os astros negativo, ofensível</u>	<sub>AGENTE</sub>	<sup>120</sup>
<u>Eles tá pelejando pra ver se atinge</u> <u>uma coisa que se chamam de coração</u> , <u>meu</u>	<sub>AGENTE</sub>	<sub>PACIENTE</sub> <sup>121</sup>
<u>O hipócrita, o safado, traidor, mentiroso, manjado, desmascarado</u> <u>que se mete com a minha carne visível,</u> <u>com a minha camisa sanguina, carnífica</u>	<sub>PACIENTE</sub>	<sup>122</sup>

<sup>109</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 107.

<sup>110</sup> Recuperação anafórica do evento *cegar*. (Trecho localizado em Apêndice E, p. 107.)

<sup>111</sup> Agente (o trocadilo) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 107.)

<sup>112</sup> Agente (o trocadilo) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 107.) Estrutura enfática.

<sup>113</sup> Agente (o trocadilo) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 107.) Estrutura enfática .

<sup>114</sup> Ainda que *infetivá* seja um aparente neologismo, ele apresenta o mesmo tipo de construção das transcrições anteriores, sendo provavelmente um par Agente (“o trocadilo”) recuperado anaforicamente / paciente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 107.)

<sup>115</sup> Paciente (*os nervos*) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 112.)

<sup>116</sup> Paciente (Estamira) recuperado no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.)

<sup>117</sup> Paciente (Estamira) recuperado no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.) (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.)

<sup>119</sup> Paciente (Estamira) inferido no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 107.)

<sup>120</sup> Paciente (Estamira) inferido no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 124.)

<sup>121</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 124.

<sup>122</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 124.

Era os astros que atentava ela.<sup>123</sup>  
AGENTE PACIENTE

Os astros... ofensível, negativo que atentava ela.<sup>124</sup>  
AGENTE PACIENTE

As doutrina errada, trocada... ridicularizou os homem.<sup>125</sup>  
AGENTE PACIENTE

Porque eles, os astros negativo, ofensível suja os espaço.<sup>126</sup>  
AGENTE PACIENTE

e suja tudo.<sup>127</sup>  
PACIENTE

que ele não deveria procurar uma carcaça como a minha.<sup>128</sup>  
AGENTE PACIENTE

Ele entra...<sup>129</sup>  
AGENTE

pra cegar os home...<sup>130</sup>  
PACIENTE

É a artificial que faz mal pra carne.<sup>131</sup>  
AGENTE PACIENTE

Aí, ó, foi na cabeça!<sup>132</sup>  
PACIENTE

ele mandou.<sup>133</sup>  
AGENTE

o da quadrilha dele manda.<sup>134</sup>  
AGENTE

Quer me desafiar?<sup>135</sup>  
AGENTE PACIENTE

H	V	Ø
<b>Agente</b> (Entidade delirante)		<b>Paciente</b>

ele conseguiu.<sup>136</sup>  
AGENTE

os cientistas, determinados trocadilos, ele consegue...<sup>137</sup>  
AGENTE

<sup>123</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 141.

<sup>124</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 141.

<sup>125</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 116.

<sup>126</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 110.

<sup>127</sup> Agente (astros negativos) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 110.)

<sup>128</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 133.

<sup>129</sup> Apesar de *entrar* não possuir em sua valência o argumento de paciente, no contexto discursivo em questão, refere-se ao “controle remoto” que entra provocando uma mudança fisiológica em Estamira. Este caso em particular será analisado mais adiante, à luz da teoria da integração conceptual. Ver sessão 5.3.1 (Trecho localizado em Apêndice E , p. 120.)

<sup>130</sup> Agente (Quadrilha da armação) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 130.)

<sup>131</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.

<sup>132</sup> Não é claro qual o que “foi na cabeça”. Foi considerado na análise o evento *fez mal* recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.)

<sup>133</sup> Foi considerado uma estrutura argumental de “Mandar em alguém”, com o Paciente (“alguém”) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 122.)

<sup>134</sup> Idem.

<sup>135</sup> O evento analisado foi *querer desafiar*. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.)

<sup>136</sup> Recuperação anafórica do evento (controlar) e paciente esquemático. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 112.)

porque o controle remoto não **queima**,<sup>138</sup>  
AGENTE

**torce**.<sup>139</sup>  
AGENTE

**É o controle remoto**<sup>140</sup>  
AGENTE

**é a força...**<sup>141</sup>  
AGENTE

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>
<b>Experienciador</b>		<b>Causador de Experiência.</b>
<b>(Entidade delirante)</b>		<b>(Estamira ou outros semelhantes)</b>

que eu, até depois de a carne, venha desse jeito, feia desse jeito, boba desse jeito, ele ainda **quer** mais.<sup>142</sup>  
CAUSADOR DE EXP. EXPERIENCIADOR

**e quer-me...**<sup>143</sup>  
CAUSADOR DE EXP.

**Quer-me**<sup>144</sup>  
CAUSADOR DE EXP.

ele, ele **vê** aonde ele conseguiu...<sup>145</sup>  
EXP. CIRCUNSTÂNCIA\*

Trocadilo que não **respeita** mãe<sup>146</sup>  
EXPERIENCIADOR CAUSADOR DE EXP.

que não **respeita** pai?<sup>147</sup>  
CAUSADOR DE EXP.

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>	<b>...</b>
<b>Agente</b>		<b>Paciente</b>	<b>Meta</b>

e depois **jogar** no abismo!<sup>148</sup>  
META

**Fez** do homem pior do que um quadrúpos.<sup>149</sup>  
AGENTE PACIENTE META

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>	<b>...</b>
<b>Agente</b>		<b>Paciente</b>	<b>Fonte</b>

Então que **deixaste** os homens [como fosse antes de ser revelado o único condicional]<sup>150</sup>  
AGENTE PACIENTE FONTE

<sup>137</sup> Recuperação anafórica do evento (controlar) e paciente esquemático. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 112.)

<sup>138</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 112.

<sup>139</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p.112.

<sup>140</sup> Estrutura enfática: “é o controle remoto que torce” (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.)

<sup>141</sup> Estrutura enfática: “é a força que torce” (Trecho localizado em Apêndice E , p. 113.)

<sup>142</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.

<sup>143</sup> Recuperação anafórica do Experienciador (astros negativos) ( Trecho localizado em Apêndice E , p. 110)

<sup>144</sup> Recuperação anafórica do Experienciador (astros negativos) ( Trecho localizado em Apêndice E , p. 110)

<sup>145</sup> Causador de Experiência inferido ( Trecho localizado em Apêndice E , p. 112)

<sup>146</sup> Cançado (2002) classifica o verbo “respeitar” como um tipos de verbos psicológicos que possui sujeito experienciador. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 138.)

<sup>147</sup> Agente (o trocadilo) recuperado anaforicamente Trecho localizado em Apêndice E , p. 138)

<sup>148</sup> Paciente (os homens) recuperado anaforicamente. Caso analisado como uma expressão metafórica. ( Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.)

<sup>149</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 116.

<sup>150</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 116.

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>
<b>Agente</b>		<b>Efeito*</b>

Ah! Tá (?) Foi isso que ele fez<sup>151</sup>

EFEITO\*      AGENTE

O trocadilo amaldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente, sabe o que que ele fez?<sup>152</sup>

EFEITO\*      AGENTE

Mas o trocadilo fez [com que me separasse até dos meus parentes ]<sup>EFEITO\* 153</sup>

AGENTE

PACIENTE 1

paciente 2

Fez [o homem expor ao ridículo pra eles]<sup>EFEITO 154</sup>

AGENTE      PACIENTE

O trocadilo fez duma tal maneira

AGENTE      MODO\*

[que quanto menos as pessoas têm, mais eles menosprezam, mais eles jogam fora]<sup>EFEITO\*155</sup>

POSSUIDOR

AGENTE

AGENTE

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>	<b>...</b>
<b>Agente</b>		<b>Efeito*</b>	<b>Paciente</b>

É o Trocadilo que fez isso com as pessoas.<sup>156</sup>

AGENTE

EFEITO\*

PACIENTE

<sup>151</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.

<sup>152</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 107.

<sup>153</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 144.

<sup>154</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 116.

<sup>155</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 109.

<sup>156</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 135.

APÊNDICE B - Unidades oracionais relacionadas a actantes  
semânticos imaginários que não compõem delírios persecutórios  
ou de influência, separadas por estrutura argumental

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>	<b>...</b>
<b>Agente</b>		<b>Meta/beneficiário</b>	<b>Habilidade</b>

Quem revelou o homem como único condicional ensinou ele conservar as coisas.<sup>157</sup>

AGENTE

META/BENEFICIÁRIO

HABILIDADE\*

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>	<b>Ø</b>
<b>Agente</b>		<b>Habilidade*</b>	<b>Meta/beneficiário</b>

Quem revelou o homem como único condicional... não ensinou a trair.<sup>158</sup>

AGENTE

HABILIDADE\*

Não ensinou homilhar.<sup>159</sup>

HABILIDADE\*

Não ensinou tirar.<sup>160</sup>

HABILIDADE\*

Ensinou ajudar.<sup>161</sup>

HABILIDADE\*

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>	<b>Ø</b>
<b>Agente</b>		<b>Tema</b>	<b>Meta/beneficiário</b>
<b>(Entidade Imaginária)</b>			

Mas a igualdade é a ordenança que deu quem revelou o homem o único condicional.<sup>162</sup>

TEMA

AGENTE

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>Ø</b>
<b>Agente</b>		<b>Mensagem*</b>

A Terra disse -<sup>163</sup>

AGENTE

ela falava,<sup>164</sup>

AGENTE

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>	<b>...</b>
<b>Agente</b>		<b>Destinatário*</b>	<b>Mensagem*</b>

e falei pra ela que até que ela provasse o contrário.<sup>165</sup>

AGENTE DESTINATÁRIO

MESSAGEM\*

<sup>157</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 109.

<sup>158</sup> Beneficiário (homem) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 109.)

<sup>159</sup> Agente (quem revelou o homem como único condicional) recuperado anaforicamente e Beneficiário esquemático. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 109.)

<sup>160</sup> Idem.

<sup>161</sup> Idem.

<sup>162</sup> Beneficiário esquemático. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 136.)

<sup>163</sup> Estrutura abandonada. (Trecho localizado em Apêndice E, p. 144.)

<sup>164</sup> Mensagem esquemática (Trecho localizado em Apêndice E , p. 144.)

<sup>165</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 145.

Ela disse que então ela não seria... testemunha de nada.<sup>166</sup>  
AGENTE MENSAGEM\*

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>	<b>...</b>
<b>Agente</b>		<b>Destinatário*</b>	<b>Conteúdo*</b>
<b>(Entidade Imaginária)</b>		<b>(Estamira)</b>	

até que ela provasse o contrário.<sup>167</sup>  
AGENTE CONTEÚDO\*

Ela me provou o contrário. A Terra<sup>168</sup>  
AGENTE DESTINATÁRIO\* CONTEÚDO\*

Ela me provou o contrário<sup>169</sup>  
AGENTE DESTINATÁRIO\* CONTEÚDO\*

<b>H</b>	<b>V</b>	<b>...</b>
<b>PRS</b>		<b>PRS</b>
<b>(Estamira)</b>		<b>(Entidade Imaginária)</b>

Do qual, antes de ontem, eu dei uma briga com meu próprio pai... astral!<sup>170</sup>  
PRS / AGENTE PRS

Eu estava brigando!<sup>171</sup>  
AGENTE/PRS

Eu! Estava brigando com meu pai astral!<sup>172</sup>  
Agente/PRS PRS

Eu fiquei de mal com ela uma porção de tempo<sup>173</sup>  
PRS/AGENTE PRS

<sup>166</sup> Destinatário (Estamira) inferido no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 145.)

<sup>167</sup> Destinatário (Estamira) inferido no contexto discursivo. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 145.)

<sup>168</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 145.

<sup>169</sup> Idem

<sup>170</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 120.

<sup>171</sup> Participante de Relação Social (Pai astral) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 120.)

<sup>172</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 120.

<sup>173</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 120.

## APÊNDICE C - Casos de inversão dos actantes semânticos em delírios de influência

H	V	SN
<b>Agente</b> <b>(Estamira)</b>		<b>Paciente</b> <b>(Entidade delirante)</b>

**Desmascarar** ele com a quadrilha dele todinha!<sup>174</sup>

PACIENTE

**E dirrubo!**<sup>175</sup>

AGENTE

**! Dirrubo!**<sup>176</sup>

AGENTE

falo que eu dirrubo!<sup>177</sup>

AGENTE

porque eu dirrubo mesmo!<sup>178</sup>

AGENTE

H	V	SN
<b>Exp.</b> <b>(Estamira)</b>		<b>Caus. Exp.</b> <b>(Entidade delirante)</b>

Eu tenho raiva sabe do quê? Do Trocadilo, do esperto ao contrário, do mentiroso, do traidor.<sup>179</sup>

EXPERIENCIADOR

CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA

Desse é que eu tenho raiva, ódio, nojo!<sup>180</sup>

CAUSADOR DE EXP. EXPERIENCIADOR

pra querer Deus, Deus farsário!<sup>181</sup>

CAUSADOR DE EXP.

<sup>174</sup> Agente (Estamira) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.)

<sup>175</sup> Paciente (Trocadilo) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 108.)

<sup>176</sup> *Idem.*

<sup>177</sup> *Idem.*

<sup>178</sup> *Idem.*

<sup>179</sup> Trecho localizado em Apêndice E , p. 114.

<sup>180</sup> *Idem.*

<sup>181</sup> Experienciador (Os homens) recuperado anaforicamente. (Trecho localizado em Apêndice E , p. 130.)



APÊNDICE D – Tabela de *Frames* específicos retirados do FrameNet e utilizados na análise temática

Tabela 1 – Tabela de *Frames* e *Frame elements* utilizados

<b>Elemento verbal</b>	<b><i>Frames</i></b>	<b><i>Frame elements</i></b>
Aceitar	Respond_to_proposal	Proposal (Proposta)
Achar	Opinion	Opinion (Opinião)
Acreditar Conhecer Entender Pensar Saber	Awareness	Cognizer (Cognocente) Content (Conteúdo) Topic (Tópico)
Avisar Dizer Falar	Statement	Message (Mensagem) Addressee (Destinatário) Topic (Tópico) Manner (Modo)
Chamar	Contacting	Addressee (Destinatário)
Contar	Telling	Addressee (Destinatário)
Copiar	Duplication	Original
Dar Sentir	Feeling  Sensation	Emotion (Emoção)  Source (Fonte de percepção) Percept (Percepto)
Deixar	Grant_permission	Action (Ação)
Ensinar Aprender	Education_teaching	Skill (Habilidade) Subject (Assunto) Fact (Fato) Manner (Modo)
Explicar	Statement	Addressee (Destinatário)
Fazer	Causation  Cause_change  Make_noise  Sensation	Effect (Efeito)  Final_category (Categoria final)  Sound_source (Fonte de som) Sound (Som) Manner (Modo)  Source (Fonte de percepção) Percept (Percepto)
Feder	Chemical-sense_description	Source (Fonte de percepção)

		Sensory_attribute (Atributo sensorial)
Formar	Coming_to_be	Entity (Entidade)
Mostrar	Cause_to_perceive	Phenomenon (Fenômeno)
Nascer	being_born	Time (Tempo)
Pedir	Request	Addressee (Destinatário) Message (Mensagem)
Perguntar	Questioning	Addressee (Destinatário)
Poder	Possibility	Possible_event (Evento possível)
	Capability	Entity (Entidade)
Precisar Depender	Needing	Requirement (Requisito) Dependent (Dependente)
Preferir	Preference	Event (Evento)
Provar	Reasoning	Content (Conteúdo)
Querer	Desiring	Event (Evento)
		Focal_participant (Participante em foco)
Revelar	Reveal_secret	Information (Informação)
Saber	Capability	Event (Evento)
Servir	Function	Activity (Atividade)
Trabalhar	Being_employed	Type (Tipo)
Transbordar	Filling	Theme (Tema)
Visitar	Visiting	Entity (Entidade)

## APÊNDICE E – Transcrição dos dados

A minha missão, [além de d'eu ser a Estamira] é [revelar... é a verdade, somente a verdade].  
ALFA REF. 1      ALFA REF. 2      ALFA REF. 2      ALFA REF. 1      INFORMAÇÃO\*

Seja mentira, seja capturar a mentira  
PACIENTE

e tacar na cara,  
META

ou então... ensinar [a mostrar {o que eles não sabem...}] FENÔMENO\* HABILIDADE\* os inocente  
COGNOCENTE\*

Não tem mais inocente,  
APRESENTANDO

não tem.

Tem esperto ao contrário,  
APRESENTANDO

esperto ao contrário que tem,  
APRESENTANDO

mas inocente não tem não.  
APRESENTANDO

[...]

(?)

Vocês é comum...  
QUALIFICANDO      QUALIDADE

Eu não sou comum...  
QUALIFICANDO      QUALIDADE

Joga água ni mim...  
AGENTE      TEMA      META

só o formato que é comum.  
QUALIFICANDO      QUALIDADE

Vou explicar pra vocês tudinho agora, pro mundo inteiro.  
AGENTE      DESTINATÁRIO\*      MENSAGEM\*

É cegaram o cérebro... o gravador sanguino... de vocês.  
AGENTE      PACIENTE

E o meu eles não conseguiro, conse-  
PACIENTE      AGENTE

porque eu tô formato gente, carne, sangue, formato homem, par  
QUALIFICANDO      QUALIDADE

eles não conseguiram.  
AGENTE

É a bronca deles é essa! Do trocadilo! Do trocadilo!  
ALFA REF.      ALFA REF.

O trocadilo amaldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente,  
sabe [o que que ele fez?] CONTEÚDO\*  
COGNOCENTE\*      EFEITO\*      AGENTE

Mentir pros homem,  
DESTINATÁRIO\*

soduzir os homem,  
PACIENTE

cegar os homem, é  
PACIENTE

soduzir os homem,  
PACIENTE

infetivár os homem,  
NEOLOGISMO(?)      PACIENTE(?)

e depois **jogar no abismo!**

META

Ah! Tá (?)

Foi **isso** que **ele** fez.

EFEITO\*

AGENTE

**Entendeu?**

COGNOCENTE

Por isso que **eu** **tô** **na carne!**

LOCALIZANDO

LUGAR

Pra... **sabe** pra quê?

COGNOCENTE

**Desmascarar ele com a quadrilha dele todinha!**

PACIENTE

E **dirrubo!**

AGENTE

**Dirrubo**

AGENTE

**falo** [que **eu** **dirrubo**] MENSAGEM\*

AGENTE

AGENTE

porque **eu** **dirrubo** mesmo.

AGENTE

**Quer** **me** **desafiar?** É ruim, hein!

AGENTE

PACIENTE

EXP.

**Ele** **é** **tão poderoso ao contrário,**

QUALIFICANDO

QUALIDADE

que **eu** CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA, até depois de a carne, vinha desse jeito, feia desse jeito, boba desse jeito,

**ele** ainda **quer** mais.

EXPERIENCIADOR

ah! Ai, ai! **É mole?**

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

**Você** **é** **bobo**, rapaz.

QUALIFICANDO

QUALIDADE

[...]

A lá os morros, as serras, as montanhas... paisage e Estamira... estamar... esta... serra...

**Estamira** **está** **em tudo quanto é canto... tudo quanto é lado...**

LOCALIZANDO

LUGAR

até meu sentimento mermo (?).

**Todo mundo vê a Estamira!**

EXPERIENCIADOR

CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA

[...]

Felizmente... nesse período que **eu** **comecei a revelar e cobrar... a verdade...**

AGENTE

INFORMAÇÃO\*

**sabe** **o que que acontece?**

COGNOCENTE\*

CONTEÚDO\*

Felizmente **tá quase todo mundo** **alerta.**

QUALIFICANDO

QUALIDADE

**Erra só quem quer.**

AGENTE

[...]

**Isso aqui... é um depósito... dos restos.**

ALFA REF.

ALFA REF.

Às vezes... **é só resto...**

ALFA REF.(?)

e às vezes... **vem** também... descuido. Resto e descuido...

TEMA

Quem **revelou** o homem como único condicional

AGENTE QUALIFICANDO QUALIDADE

**ensinou** ele [**conservar as coisas**].<sup>HABILIDADE\* 182</sup>

META/BENEFICIÁRIO PACIENTE

E conservar as coisas... **é** proteger, lavar, limpar e usar mais. O quanto pode.

ALFA REF. ALFA REF.

**Você** **tem** sua camisa.

POSSUIDOR POSSUIDO

**Você** **está** vestido,

QUALIFICANDO QUALIDADE

**you** **está** suado.

QUALIFICANDO QUALIDADE

**Você** **não vai tirar** sua camisa.

AGENTE PACIENTE

e **jogar** fora

**Você** **não pode fazer** isso.

AGENTE EFEITO\*

Quem **revelou** o homem como único condicional... **não ensinou** a trair.

AGENTE QUALIFICANDO QUALIDADE HABILIDADE\*

**Não ensinou** homilhar.

HABILIDADE\*

**Não ensinou** tirar.

HABILIDADE\*

**Ensinou** ajudar.

HABILIDADE\*

[...]

Miséria não, mas as regras sim.

Economizar as coisas **é** maravilhoso.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Porque quem **economiza**

AGENTE

**tem**.

Então as pessoas... **têm** que **prestar atenção** [no que eles usam... no que eles têm].<sup>CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA</sup>

AGENTE PACIENTE AGENTE POSSUIDO POSSUIDOR

EXPERIENCIADOR

Porque ficar sem **é** muito ruim.

QUALIFICANDO QUALIDADE

O trocadilo **fez** duma tal maneira

AGENTE MODO\*

[que quanto menos as pessoas têm, mais eles menosprezam, mais eles jogam fora]<sup>EFEITO\*</sup>

POSSUIDOR AGENTE AGENTE

Quanto menos eles têm.

POSSUIDOR

Eu, Estamira, **sou** a visão de cada um.

ALFA REF. ALFA REF.

Ninguém **pode viver** sem mim...

AGENTE COMPANHIA

Ninguém **pode viver** sem Estamira.

AGENTE COMPANHIA

<sup>182</sup> Em casos como este, o sintagma nominal que aparece depois do verbo foi marcado como Meta/Beneficiário. Note que este possui um comportamento sintático distinto de argumentos marcados por Paciente. Neste caso específico, *ele* pode aparecer com a preposição *para* (“ensinou para ele”), o que não ocorre em nenhuma outra construção de papel temático Paciente. Além disso, é possível a inversão (ensinou a conservar as coisas para ele), em uma posição mais prototipicamente do papel temático de Meta.

Eu me sinto orgulho e tristeza. Por isso.  
EXPERIENCIADOR EMOÇÃO\*

Porque eles, os astros negativo, ofensivo suja os espaço  
AGENTE PACIENTE

e quer-me...  
CAUSADOR DE EXP.

quer-me  
CAUSADOR DE EXP.

e suja tudo.  
PACIENTE

A criação toda é abstrata,  
QUALIFICANDO QUALIDADE

os espaços inteiro é abstrato,  
QUALIFICANDO QUALIDADE

a água é abstrato,  
QUALIFICANDO QUALIDADE

o fogo é abstrato,  
QUALIFICANDO QUALIDADE

tudo é abstrato.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Estamira também é abstrato.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

[...]

Visivelmente, naturalmente... se eu me desencarnar  
PACIENTE

eu tenho a impressão [que eu serei muito feliz] CONTEÚDO\*  
EXPERIENCIADOR QUALIFICANDO QUALIDADE

E talvez eu poderia ajudar alguém.  
AGENTE PACIENTE

Porque o meu prazer sempre foi esse:  
ALFA REF. ALFA REF.

Ajudar alguém  
PACIENTE

Ajudar um bichinho.  
PACIENTE

Tem 20 anos que eu trabalho aqui.  
AGENTE

Eu adoro isso aqui.  
EXP. CAUSADOR DE EXP.

[A coisa que eu mais adoro] ALFA REF é trabalhar.  
CAUSADOR DE EXP EXP ALFA REF

[...]

Tem o eterno,  
APRESENTANDO

tem o infinito  
APRESENTANDO

tem o além  
APRESENTANDO

tem o além dos além.  
APRESENTANDO

O além dos além vocês ainda não viram.  
CAUSADOR DE EXP. EXPERIENCIADOR

Cientista nenhum ainda viu o além dos além.  
EXPERIENCIADOR CAUSADOR DE EXP

**Sabe** de uma coisa?  
COGNOCENTE\*      CONTEUDO\*

O homem, depois que ele fica visível  
QUALIFICANDO      QUALIDADE

depois que nasce,  
PACIENTE

ele, depois que ele desencarna,  
PACIENTE

a carne, se for pro chão...  
TEMA      META

dissolve,  
PACIENTE

derrete,  
PACIENTE

fica só os osso e os raios, os cabelos.  
TEMA

E aí, ele fica formato a merma coisa,  
QUALIFICANDO      QUALIDADE

mas só acontece que fica transparente, perto da gente.  
QUALIDADE

Meu pai tá perto de mim, minha mãe, os amigos.  
LOCALIZANDO      LUGAR

Ó... eu tô vendo.  
EXPERIENCIADOR

A gente fica formato transparente  
QUALIFICANDO      QUALIDADE

e vai.  
TEMA

Vai  
TEMA

como se fosse um pássaro,  
ALFA REF.

voando.  
 Ó, lá em casa eu vejo é muito,  
EXPERIENCIADOR

vai muito lá em casa.  
TEMA      META

[...]

{glossolalia}

Bem, mas então agora vamos.  
TEMA

Eu nasci no sete do quatro do 41. A carne e o sangue, o formato. Formato homem par, mãe e avó.  
PACIENTE      TEMPO\*

E aí então, sabe o que que aconteceu?  
COGNOCENTE\*      CONTEUDO\*

Eles levaram meu pai no 43.  
AGENTE      PACIENTE

TEMA

Aí nunca mais meu pai voltou,  
TEMA

entendeu?  
COGNOCENTE\*

Meu pai chamava eu de tanto nomezinho...  
AGENTE      DESIGNADO      DESIGNAÇÃO

Chamava eu duns nome engraçado... Merdinha... Neném... Fiiinha do pai...  
AGENTE      DESIGNADO      DESIGNAÇÃO

Tem nada, não. É comigo.

Aí então, depois, **sabe** [o que que **eles falaram?**] CONTEÚDO\*  
COGNOCENTE AGENTE

Depois **eles falaram** [que **meu pai morreu.**] MENSAGEM\*  
AGENTE PACIENTE

Aí então... **minha mãe ficou pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo** comigo.  
AGENTE

Judiação, não é? Coitada da minha mãe.

Mais perturbada do que eu. Bem, **eu sou perturbada**, mas lúcido  
QUALIFICANDO QUALIDADE

e **sei** [**distinguir a perturbação.**] EVENTO\*  
COGNOCENTE\* CAUSADOR DE EXP.

EXPERIENCIADOR

**Entendeu** como é que é?  
COGNOCENTE\*

E a coitada da minha mãe não **conseguiu**.  
AGENTE

Mas também pudera, **eu sou Estamira**.  
ALFA REF. ALFA REF.

Se **eu não der conta de distinguir a perturbação**,  
AGENTE CAUSADOR DE EXP.

EXPERIENCIADOR

**eu não sou a Estamira**,  
ALFA REF. ALFA REF.

**eu não era**,  
ALFA REF.

**eu não seria**.  
ALFA REF.

E ainda **teve** — {tosse}

**Intervenção no real radar**,  
PACIENTE

**verificar...**

[...]

Ah, o controle remoto. Ó... **Tem o controle remoto superior, natural**.  
APRESENTANDO

e **tem o controle remoto artificial**.  
APRESENTANDO

**O controle remoto é uma força quase igual assim, mais ou menos igual à luz, à força elétrica, a eletricidade**.  
ALFA REF. ALFA REF.

**sabe?**  
COGNOCENTE

Agora é o seguinte,

**no homem... na carne e no sangue tem os nervos**.  
LUGAR LOCALIZANDO

**Os nervos da carne sanguínea... vêm a ser... os fios elétrico**.  
ALFA REF. ALFA REF.

**Agora os deuses, que são os cientistas, técnico... eles controla**.  
AGENTE

ele, **ele vê** [aonde **ele conseguiu**] CIRCUNSTÂNCIA\*  
EXPERIENCIADO AGENTE

**os cientistas, determinados trocadilos, ele consegue...**  
AGENTE

porque **o controle remoto não queima**,  
AGENTE

**torce**.  
AGENTE



Lá em casa ele sai de debaixo da cama.  
TEMA FONTE

Aí faz baam! Baam!  
SOM\*

Aí o relâmpago faz praaa!  
FONTE DE SOM\* SOM\*

Ô trem danado de bom! Ah... Tempestade...

[...]

Natal, pra mim, tudo que nasce é natal.  
ALFA REF. ALFA REF.

E ainda mais essa confusão misturado com o sofrimento de Jesus.

Eu não tenho nada contra o homem que nasceu  
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

entendeu?  
COGNOCENTE

É, pra eles, o que era bom era o Deus,  
ALFA REF. ALFA REF.

depois eu revelei quem é Deus,  
AGENTE INFORMAÇÃO\*

porque eu posso, felizmente... sem prevação, sem repugnância, com muito orgulho, com muita honra.  
AGENTE

Estamira, eu.

Posso revelar,  
AGENTE

revelei porque posso...  
AGENTE

porque sei, consciente, lúcido e ciente, quem é Deus... o que que é Deus, o que significa Deus e a outros mais.  
COGNOCENTE\* CONTEUDO\*

Você quer saber?  
COGNOCENTE\*

Eu não tenho raiva de homem nenhum.  
EXPERIENCIADOR CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA

Eu tenho é dó.  
EXPERIENCIADOR

Eu tenho raiva sabe do quê? Do Trocadilo, do esperto ao contrário, do mentiroso, do traidor.  
EXPERIENCIADOR CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA

Desse é que eu tenho raiva, ódio, nojo!  
CAUSADOR DE EXP. EXPERIENCIADOR

[...]

Jesus correu  
AGENTE

e escondeu inté desde antes de nascer.  
AGENTE

O Jesus que eu conheço como Jesus, filho de Maria, filho de irrael... filho de rua.  
DESIGNANDO COGNOCENTE\* DESIGNAÇÃO

Eu já tive dó de Jesus,  
EXPERIENCIADOR CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA

agora não tenho mais dó.  
EXPERIENCIADOR

Não tenho mais dó de Jesus mais, não.  
EXPERIENCIADOR CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA

Eu já tive dó de escravo.  
EXPERIENCIADOR CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA

Não tenho mais dó de escravo também, não.  
EXPERIENCIADOR CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA

Se eu sou atarantada por Jesus.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Me chamam de Jesus...  
DESIGNADO DESIGNAÇÃO

me chamaram de sangue de barata,  
DESIGNADO DESIGNAÇÃO

me chamam de sangue de cazuza...  
DESIGNADO DESIGNAÇÃO

me chama de... de Maria que é a mãe de Jesus.  
DESIGNADO DESIGNAÇÃO  
ALFA REF. ALFA REF.

Me- que Deus é esse?  
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

Que Jesus é esse?  
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

Que que é isso?  
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

Se eles acham que eu sou feiticeira  
COGNOCENTE\* QUALIFICANDO QUALIDADE

eu sou feiticeira...  
QUALIFICANDO QUALIDADE

mas não sou feiticeira farsária e nem perversa, não.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Mas eu sou ruim.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Perversa eu não sou,  
QUALIDADE QUALIFICANDO

mas ruim eu sou.  
QUALIDADE QUALIFICANDO

Sou mesmo  
QUALIFICANDO

e não vou deixar de ser ruim. Sem perversidade. Na cobrança, na cobrança.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Mas eu conto até três,  
AGENTE MEDIDA

eu conto até dez,  
AGENTE MEDIDA

eu tenho o controle superior.  
POSSUIDOR POSSUÍDO

[...]

O além dos além é um transbordo.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Você sabe o que que é um transbordo?  
COGNOCENTE\* CONTEÚDO\*

Bem, é... toda coisa que enche,  
PACIENTE

transborda.

Então, o... poder superior real, a natureza superior contorna tudo pra lá, praquele lugar, assim como as reservas.  
LOCALIZANDO LUGAR

Tem as reservas... nas beirada,  
APRESENTANDO

entendeu como é que é?  
COGNOCENTE

Nas beiradas ninguém pode ir...

META TEMA

homem **pode ir lá**.

TEMA META

E aqueles astros horroroso, irrecuperável, vai tudo pra lá.

TEMA META

Não **sai lá** mais nunca.

TEMA FONTE

Pra esse lugar que **tô falando**. Além dos além. Lá pras beirada, muito longe, muito de- muito longe, muito longe.

AGENTE

Sanguíno nenhum pode ir lá.

TEMA META

Vocês não vai entendendo de uma só vez,

COGNOCENTE\*

que eu sei.

COGNOCENTE\*

Por isso que ainda **estou aqui** visível, formato homem par. Homem par.

LOCALIZANDO LUGAR

Não **tô formato homem ímpar**.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Formato homem ímpar é vocês.

QUALIDADE QUALIFICANDO

Formato par é os... mãe.

QUALIDADE QUALIFICANDO

As mãe é formato par

QUALIFICANDO QUALIDADE

e os ímpar é o pai.

QUALIDADE QUALIFICANDO

[...]

Eu transbordei de raiva.

PACIENTE TEMA\*

Eu transbordei de ficar invisível com tanta hipocrisia, com tanta mentira, com tanta perversidade...com tanto trocadilo.

PACIENTE TEMA\*

Eu, Estamira!

As doutrina errada, trocada... ridicularizou os homem.

AGENTE PACIENTE

**Ridicularizou** mesmo, é isso mesmo.

(?) **Entendeu?**

COGNOCENTE

**Fez** [o homem expor ao ridículo pra eles] EFEITO\*

AGENTE PACIENTE

**Fez** do homem pior do que um quadrúpulos.

AGENTE PACIENTE

TEMA META

Então que **deixaste os homens** [como fosse antes de ser revelado o único condicional.] FONTE

AGENTE PACIENTE QUALIDADE

TEMA

[...]

Ah! Daqui a dois dias isso aqui já tá cheio, igual ali.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu não gosto [de falar lixo] CAUSADOR DE EXPERIENCIA, não, né?

EXPERIENCIADOR TÓPICO\*

Mas **vamos falar lixo**.

AGENTE TÓPICO\*

É cisco, né?  
APRESENTANDO

É calquinho disso.  
APRESENTANDO

É fruta,  
APRESENTANDO

é carne,  
APRESENTANDO

é plástico fino,  
APRESENTANDO

é plástico grosso,  
APRESENTANDO

é não sei o que lá mais...  
APRESENTANDO

E aí vai azedando,  
é laranja,  
APRESENTANDO

é isso tudo.  
APRESENTANDO

E aí faz esse puquê,<sup>183</sup>  
CATEGORIA FINAL\*

sabe?  
COGNOCENTE

É... aí, imprensa,  
azeda,  
fica tudo danado  
QUALIFICANDO QUALIDADE

e faz a pressão também.  
EFEITO\*

E aí vem o sol e esquenta e mais o fogo de baixo...  
TEMA  
AGENTE

aí, forma o gás, o gás carbônico,  
ENTIDADE\*

entendeu?  
COGNOCENTE\*

Do qual o gás carbônico serve pra... até pra cozinha, pra qualquer coisa.  
ENTIDADE\* ATIVIDADE\*

Mas ele é forte.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

ele é bravo.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Quem... não consegue a- tem gente que não se habitoa com ele.  
APRESENTANDO ?

Não dá conta...  
é tóxico.  
QUALIDADE

[...]

Felizmente, graças aqui, eu tenho aquela casinha lá, aquele barraco.  
POSSUIDOR POSSUIDO

Eu acho sagrado o meu barraco. Abençoado.  
OPINADOR QUALIDADE QUALIFICANDO

E eu tenho raiva [de quem falar que aqui é ruim] CAUSADOR DE EXP.  
EXPERIENCIADOR AGENTE MENSAGEM\*

<sup>183</sup> Aqui parece um esquema causal sem agente. (note que não há agente) (Marcus, me parece que o agente é o lixo)

**Saio daqui.**

TEMA FONTE

e eu **tenho** pra onde descansar

POSSUIDOR POSSUÍDO

**Isso é que é a minha felicidade!**

ALFA REF ALFA REF

[...]

**Entendeu?**

COGNOCENTE

**Ela é igualzinha ao pai dela.** A cara.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Carolina – *Meu pai era... era grosso, temperamental, mas...*

Estamira – **O que que é isso** aí, hein?

ALFA REF. ALFA REF.

**Olha** o pé... o pé no prego.

AGENTE CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA

EXP.

Carolina – *Era bom... Gostava muito dela, mas eles brigavam muito. Apesar de parecer gostar muito dela, mas tinha outros casos, outras mulheres. Era uma vida, né? Uma vida de verdade. Aqui a gente tem de se esforçar, vendo essa vida, a gente tem de se esforçar pra... pra dar força pra ela continuar vivendo, porque eu não acredito que ela esqueceu tudo. Acho que ela vive nesse mundo pra esquecer o que nós já vivemos. Errou muito ele. Mas, como ele não está aqui pra se defender a gente não pode tá malhando, falando nada, né?*

Estamira – Enquanto **você estiver**,

LOCALIZADO

{o lugar e “aqui” é recuperado anaforicamente}

**ele está.**

LOCALIZADO

{o lugar e “aqui” é recuperado anaforicamente}

Carolina – *Mas, mesmo assim, né... sangue é sangue, pai é pai... eu... ele morreu eu gostando dele. Gostava muito dele.*

Estamira – Bem, quando **eu fui no Goiás**,

TEMA META

**sabe** o que que aconteceu?

COGNOCENTE\* CONTEÚDO\*

Foi **dois PM** pra **bater** ni mim.

AGENTE PACIENTE

Uai, porque **queria** [que **eu aceitasse Jesus** no peito e na raça.]<sup>EVENTO\*</sup>

EXPERIENCIADOR AGENTE PROPOSTA\*

É... E **Deus** no peito e na raça... então...

PROPOSTA\*

{‘aceitar’ é recuperado anaforicamente}

Carolina – *Ela é contra Jesus e contra Deus.*

Estamira – E você? **Eu não sou contra**,

QUALIFICANDO QUALIDADE

presta atenção.

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

Carolina – *Mãe, cada um tem um ponto de vista.*

Estamira – Que ponto de vista, porra nenhuma! **Deixa de ser otária!**

QUALIFICANDO QUALIDADE

AGENTE

Ainda **está** com isso ainda?

POSSUIDOR POSSUÍDO

**Olha** essa porra aí, ó.

EXP. CAUSADOR DE EXP.

Carolina – Cada um tem um ponto de vista.

Estamira – **Deixa de ser otária...**

QUALIFICANDO QUALIDADE

AGENTE

**deixa de ser abestalhada!**

QUALIFICANDO QUALIDADE

AGENTE

**Deixa de ser abestalhada...**

QUALIFICANDO QUALIDADE

AGENTE

**Deixa de ser otária.** Jesus, nem filho-

QUALIFICANDO QUALIDADE

AGENTE

**Eu não sou contra ele...**

QUALIFICANDO QUALIDADE

eu tenho- pelo contrário, **eu tenho dó.**

EXP.

**Eu tenho dó dele,**

EXP. CAUSADOR DE EXPERIÊNCIA

entendeu?

COGNOSCENTE

**Eu conheço ele** desde antes de nascer.

COGNOSCENTE CONTEÚDO\*

Desgraça de tanta burrice! Tanta coisa teimosa, pô!

**Eu não falei procês** lá no hospital? **Tudo**, tu-

AGENTE DESTINATÁRIO\* TÓPICO\*

Carolina – Mãe, eu só tô falando que eu tenho meu ponto de vista, a senhora tem o seu, ué!

Estamira – Que ponto de vista o quê? Ponto de vista errado!

Carolina – A senhora gosta do rosa, eu gosto do amarelo... e aí?

Estamira – Que gosta do rosa, gosta do amarelo o quê!

Carolina – Eu sou obrigada a gostar do rosa igual à senhora?

Estamira – Cor não **tem nada a ver** com isso!

EXPRESSION IDIOMÁTICA

Quem **foi que falou** [que **eu** não gosto **dele**?] MENSAGEM\*

AGENTE EXP. CAUSADOR DE EXP.

Só não é [isso que **vocês pensam**!] APRESENTANDO

CONTEÚDO\* COGNOSCENTE\*

Carolina – Mas a senhora sabe o que eu penso por acaso?

Estamira – Não é [isso que **vocês pensam**!] APRESENTANDO

CONTEÚDO\* COGNOSCENTE\*

Carolina – A senhora não sabe o que eu penso.

Hernani – Mas este livro é Testemunha de Jeová.

Estamira – **Ele** já **leu um bocadinho**, já, tá...

AGENTE MEDIDA

Hernani – Não, mas eu leio muito livro... eu leio, eu leio de todas as igrejas... todas as religiões pra poder eu ter um parecer. Eu faço um estudo, entendeu?

Estamira – Não, de cada um ele... de **cada um ele tira um ponto.**

FONTE AGENTE TEMA

Hernani – Eu aprendo assim, de acordo com a fé que Deus me deu.

Carolina – Bem faz ele... Já começou, caiu.

Estamira – Aí, **caiu, caiu, caiu!**

TEMA

Carolina – Caiu em contradição.

Estamira – É! **Tá seviciado...**

QUALIDADE

**Caiu...**  
TEMA

*Hernani – A Bíblia fala que...*

Estamira – Que Bíblia? Papel aceita até [levar no banheiro] PROPOSTA\*.  
AGENTE META

Papel é indefeso!  
QUALIFICANDO QUALIDADE

*Carolina – Tá pior que eu, isso aí, ó...*

Estamira – Eu, hein...

*Hernani – Mas, é quando a pessoa usa o nome de Deus pra fazer piada... pra... enganar os outros, entendeu?*

Estamira – E pra debochar.

*Carolina – Estopa, estopa, que, senão, a gente fica aqui até amanhã de manhã.*

*Ela não é louca, mas não é completamente 100%, entendeu? Cadê ela? Ficou lá fora?*

*Hernani – Tá na cozinha.*

*Carolina – Deus que me livre... mas ela morrerá mais feliz se for no meio da rua do que numa clínica. Ela sabe... Ela prefere viver dois anos livre do que viver cinco anos bem, trancada num lugar, você sabe disso.*

*Hernani – Você não está me entendendo. Isso aí não vou dizer que ela vai ficar a vida, o resto da vida, ou pouco ou, sei lá, o muito que ela tiver. Ela vai ficar até pelo menos ela... entendeu? Ela... ela... eu acho mais o*

*problema dela é sistema nervoso.*

*Carolina – Mas só que pra ficar lá, teria que ser dopada, amarrada. Pra mim... ele é mais forte que eu nesse caso, se precisar de amarrar e dopar é com ele mesmo. Eu já não... Eu acho judiação, não tenho coragem de deixar, entendeu?*

[...]

Estamira – Depois eu falo contigo...  
AGENTE DESTINATÁRIO

Estamira – Tá dando controle remoto aqui... (aroto)  
APRESENTANDO {?}

Aí, tá vendo  
EXPERIENCIADOR

Ele entra... (aroto)  
AGENTE

[...]

A culpa é do hipócrita, mentiroso, esperto ao contrário,

POSSUÍDO POSSUIDOR

entendeu?

COGNOCENTE\*

Que joga a pedra e esconde a mão!

EXPRESSION IDIOMÁTICA

Do qual, antes de ontem, eu dei uma briga com meu próprio pai... astral!

PRS

PRS

AGENTE

O senhor ouviu?

EXP.

O senhor ouviu o toró?

EXP

CAUSADIR DE EXP.

O senhor sabe o que que é um toró?

COGNOCENTE\*

CONTEÚDO\*

Eu estava brigando!

AGENTE/PRS

Eu! Estava brigando com meu pai astral!

AGENTE

PRS

PRS

[...]

Estamira – Se... eu não fosse casada  
QUALIFICANDO QUALIDADE

e esse senhor não fosse casado,  
QUALIFICANDO QUALIDADE

eu casava com esse senhor.

PRS PRS

AGENTE

João – E se eu não fosse casado, eu casava com ela!

Estamira – Ôpa!

João – É a mesma coisa que eu falei...

Estamira – Épa...

Pingueleto – Casei muitas vezes já... Tô separado e não quero saber mais de mulher, não. Prefiro ficar sozinho e teso-

Estamira – A punheta?

Pingueleto – Tocá uma punheta que é melhor, pô.

Estamira – (risos) Colombina, olha lá você,

EXP. CAUSADOR DE EXP.

GENTE

eu vou dançar o iê-iê. {cantando}

AGENTE

Eu te avisei, cabra safado!

AGENTE DESTINATÁRIO\*

Me respeita, cabra safado!

CAUSA. EXP EXPERIENCIADOR

Já era, matou todo mundo.

AGENTE PACIENTE

Pingueleto – Minha namorada é ela. Eu vou casar com essa pinguela... vou mesmo... com a Estamira. Quando ela quiser, pô. Passar o cerol. Porque a idade que ela tem eu também tenho quase a idade dela. É um bom casamento, né? E não tá bom, pô? Tá bom direito, né?

[...]

(glossolalia)

Eu te amo...

EXP. CAUSADOR DE EXP.

mas você é indigno, incompetente,

QUALIFICANDO QUALIDADE

e eu não te quero nunca mais!

EXP. CAUSADOR DE EXP.

Eu lamento.

AGENTE

eu te amava.

EXP. CAUSADOR DE EXP.

Eu te queria.

EXP. CAUSADOR DE EXP.

Mas você é indigno, incompetente, otário. Pior do que um porco sujo!

QUALIFICANDO QUALIDADE

Advirta-se,

PACIENTE

faça bom trato.

?

Deixa-me!

PACIENTE

Eu prefiro o destrezo.  
EXP. EVENTO\*

Anda-se!  
?

(glossolalia)

Nunca mais encostarás... em mim.  
AGENTE PACIENTE

[glossolalia]

[...]

Trocadilho safado... canalha... assaltante de poder... manjado, desmascarado. (cospe no chão)

[...]

Me trata com meu trato  
PACIENTE AGENTE INSTRUMENTO(?)

que eu te trato!  
AGENTE PACIENTE

Me trata com o teu trato  
PACIENTE AGENTE INSTRUMENTO(?)

que eu te devolvo o teu trato.  
AGENTE META TEMA

FONTE

E faço questão de devolver em tripulo.  
AGENTE MEDIDA

Onde já se viu uma coisa dessa?  
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

A pessoa não pode andar nem na rua que mora!  
AGENTE

Nem trabalhar dentro de casa!

{agente recuperado anaforicamente}

E nem em trabalho nenhum, em lugar nenhum!

Aonde o senhor se-

Que Deus é esse?

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

Que Jesus é esse.

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

Que só fala em guerra e não sei quê?

TÓPICO\*

Não é, não é ele que é o próprio trocadilo? Só pra otário, pra esperto ao contrário, bobado, bestaiado.

ALF REF. ALFA REF.

Quem já teve medo [de dizer a verdade]<sup>CAUSADOR DE EXP.</sup>  
EXP. TÓPICO\*

largou de morrer?  
PACIENTE

Largou?  
PACIENTE

Quem anda com Deus dia e noite, noite e dia na boca, ainda mais com os deboche,  
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

largou de morrer?  
PACIENTE

Quem fez o que ele mandou,  
AGENTE AGENTE

o que o da quadrilha dele manda,  
AGENTE

**largou de morrer?**

PACIENTE

**Largou de passar fome?**

EXPERIENCIADOR

**Largou de miséria? Ah, não dá! Não adianta!**

PACIENTE

**Ninguém, nada vai mudar meu ser!**

AGENTE

PACIENTE

E **eu sou Estamira** aqui, ali e lá... no inferno, nos inferno, no céu, no caralho.

ALFA REF. ALFA REF.

Ni tudo quanto é lugar!

EXPRESSION IDIOMÁTICA

**Não adianta!**

**Quanto mais essa desgraça, esses piolho de terra suja, amaldiçoada, excomungada, que **renegou os homens como único****

AGENTE

QUALIFICANDO

QUALIDADE

**condicional,**

**mais ruim eu fico,**

QUALIDADE

QUALIFICANDO

**mais pior eu sou!**

QUALIDADE

QUALIFICANDO

**Perversa eu não sou, não.**

QUALIDADE

QUALIFICANDO

**Mas ruim eu sou!**

QUALIDADE

QUALIFICANDO

**E não adianta!**

**Antes de eu nascer**

PACIENTE

**eu já sabia disso tudo!**

COGNOCENTE

CONTEÚDO\*

**Antes de eu tá com carne e sangue, é claro,**

POSSUIDOR

POSSUÍDO

**se eu sou a beira do mundo!**

ALFA REF.

ALFA REF.

**Eu sou Estamira.**

ALFA REF.

ALFA REF.

**Eu sou a beira,**

ALFA REF.

ALFA REF.

**eu tô lá,**

LOCALIZANDO

LUGAR

**eu tô cá,**

LOCALIZANDO

LUGAR

**eu tô em tudo quanto é lugar!**

LOCALIZANDO

LUGAR

**E todos depende de mim.**

DEPENDENTE\*

REQUISITO\*

**Todos depende de mim, de Estamira! Todos!**

DEPENDENTE\*

REQUISITO\*

E, quando desencarnar, **vou fazer** muito pior!

AGENTE

[...]

**A desgraçado da família Itália, juntamente com aquele meu filho... me pegaram** aqui dentro

AGENTE

PACIENTE

como eu se **eu fosse uma fera, um monstro.** Algemado!

QUALIFICANDO

QUALIDADE

E aquele meu filho ficou contaminado PACIENTE pela terra suja, pelo baixo nível, pelo insignificante, AGENTE

parecendo um palhaço ALFA REF lá, lá dentro do hospital! A coisa mais ridícula!

[...]

Eu não vivo por dinheiro.  
PACIENTE CAUSA

Eu faço dinheiro.  
AGENTE PACIENTE

Eu é que faço,  
AGENTE

é você que faz.  
AGENTE

Eu não vivo por- pra isso, por isso.  
PACIENTE CAUSA

Eu é que faço.  
AGENTE

Não tá vendo [eu fazer?] CAUSADOR DE EXP.  
EXP. AGENTE

Entendeu agora?  
COGNOCENTE

[...]

O controle remoto atacou. Em desde manhã.  
AGENTE

A noite inteira perturbando. Os astros negativo, ofensivo...  
AGENTE

Eles tá pelejando pra ver se atinge uma coisa que se chamam de coração, meu, ou então a cabeça.  
AGENTE PACIENTE

Eles tão fodido.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Tão poderoso ao contrário. O hipócrita, o safado, traidor, mentiroso, manjado, desmascarado AGENTE que se mete com a

minha carne visível, com a minha camisa sanguínea, carnífica. Estamira.  
PACIENTE

Eles tá fodido,  
QUALIFICANDO QUALIDADE

tá fodido comigo até pra lá dos es- quinto dos inferno!  
QUALIDADE CAUSA

[...]

Aí, que... a- é... descarregaram uma coisa muito importante aqui,  
PACIENTE

que é o de comer. Enlatados é... conservas.  
ALFA REF. 1

Amanhã, por causa disso, eu vou preparar uma bela duma macarronada,  
AGENTE PACIENTE

entendeu?  
COGNOCENTE\*

Macarrão lá eu já tenho.  
POSSUÍDO POSSUIDOR

Deixa eu ver o que que é isso.  
EXP. CAUSADOR DE EXPERIENCIA

Agora no momento eu não sei nem o nome desse aqui.  
COGNOCENTE\*                      CONTEÚDO\*

Mas é conserva.  
ALFA REF.

É preparado lá fora. E boa,  
sabe?  
COGNOCENTE

Aqui, ó. Isso aqui também eu ponho no-.  
TEMA                                      AGENTE

Isso aqui eu como purin. Palmito  
PACIENTE                      AGENTE

Veio uma carga muito boa.  
TEMA

Olha,  
AGENTE

EXP.

tá vendo?  
EXP.

Eu ponho no molho do macarrão também ,  
AGENTE                      META

tá vendo?  
EXP.

E às vezes fica até melhor do que lá no restaurante.  
QUALIDADE

Pra quem sabe preparar, né?  
COGNOCENTE\*                      EVENTO\*

[...]

Tem o lúcido.  
APRESENTANDO

Daquele que eu escrevi lá.  
AGENTE

O lúcido é isso aqui.  
ALFA REF.                      ALFA REF.

Tem o ciente.  
APRESENTANDO

O ciente é o saber,  
ALFA REF.                      ALFA REF.

do qual Jesus não sabe ler nem escrever.  
COGNOCENTE\*                      EVENTO\*

mas ele aprendeu toda coisa  
AGENTE                      ASSUNTO\*

de tanto ele ver o lucidar.  
EXP.                      CAUSADOR DE EXP.

A tua lucidez não te deixa ver.  
AGENTE                      PACIENTE

EXP

A ilucidez e a lucidez. A lucidez e a ilucidez. Tá bom. E o sentimento, né? Consciente, lúcido e ciente.

E tem o sentimento. Tá bom.  
APRESENTANDO

O que fica... pegando, acolhendo, gravano é o sentimento.  
ALFA REF.                                      ALFA REF.

Agora, por exemplo. Sentimentalmente, visivelmente, invisivelmente, formato transparente, conforme eu já lá te disse,  
AGENTE                      DESTINATÁRIO\*

eu estou num lugar bem longe, num espaço bem longe.  
LOCALIZANDO                      LUGAR

Estamira **tá** longe.  
LOCALIZANDO LUGAR

Estamira **está** em todo lugar.  
LOCALIZANDO LUGAR

Estamira **podia ser irmã ou filha ou esposar de espaço,**  
ALFA REF. ALFA REF.

mas não é.

**Espera** aí  
AGENTE

que eu **tô** descendo.  
AGENTE

A lá. Aondé que eu **estou**.  
LUGAR LOCALIZANDO

Eu **estou** aqui  
LOCALIZANDO LUGAR

e **estou** lá.  
LOCALIZANDO LUGAR

Vocês não **aprendem** na escola,  
PACIENTE

vocês **copeam**.  
AGENTE

Vocês **aprendem** é com as ocorrências.  
AGENTE MODO\*

Eu **tem** neto com dois anos  
POSSUIDOR POSSUÍDO

que já **sabe** disso.  
COGNOCENTE CONTEÚDO

**Tem** de dois anos  
MEDIDA

e ainda não **foi** na escola  
TEMA META

**copiar** hipocrisias e mentiras charlatais!  
ORIGINAL\*

Ó, **tá** escutando? BTGPT14059! Câmbio, exu!  
EXP.

**Fala**, Mageté,  
AGENTE

**fala!** Ah... 19, 3, pois! 19, 3, pois!  
AGENTE

(glossolalia) Tchau.

[...]

A doutora **me** perguntou [se eu ainda **tava** escutano as voz que eu **escutava**.] MENSAGEM\*  
AGENTE DESTINATÁRIO\* EXP. CAUSADOR DE EXP. EXP.

E eu **escuto** os astros, é... as coisas, os pressentimento das coisa  
EXP. CAUSADOR DE EXP.

e tem hora que eu **fico** pensando [como é que eu **sou** lúcida.] CONTEÚDO\*  
AGENTE QUALIFICANDO QUALIDADE  
COGNOCENTE\*

[...]

Estamira **sem carne...** Estamira **invisível, vê**.  
EXP.

**Vê** e **sente** as coisa tudinho.  
CAUSADOR DE EXP.

Por isso que eu **sou** Estamira mermo, né?  
ALFA REF. ALFA REF.

Tem vez que eu fico pensando...

AGENTE

COGNOCENTE\*

mas eu não sou um robô sanguíno,

ALFA REF.

ALFA REF.

eu não sou um robô.

ALFA REF.

ALFA REF.

Eu falei pra Dra. Alice,

AGENTE

DESTINATÁRIO\*

minha cabeça tem hora que faz até choque assim, tium... tium...

FONTE DE PERCEÇÃO\*

PERCEPTO\*

Não dói não.

Dá agonia,

EMOÇÃO\*

dá choque.

PERCEPTO\*

**Bate** assim igual onda do mar... cham... cham... Igualzinho a onda do mar.

[...]

(risos)

A doutora passou remédio pra raiva.

AGENTE

TEMA

(risos)

Eu fiquei muito decepcionada, muito triste.

EXP.

Muito... muito profundamente com raiva dela falar uma coisa daquela.

AGENTE

MENSAGEM\*

É... e aí ela disse ainda

AGENTE

sabe o quê?

COGNOCENTE CONTEÚDO\*

Que Deus que livrasse ela,

AGENTE

PACIENTE

que isso é magia, telepatia, a mídia e o caralho... Pô... pô... pô... pra quê, pô?

ALFA REF.

ALFA REF.

Ela me ofendeu demais da quantia.

AGENTE PACIENTE

Aquí, ó... ó o retorno, quarenta dias. **Presta atenção** nisso.

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

**Olha,**

EXPERIENCIADOR

e ainda mais, eu conheço médico, médico, médico, médico, médico mermo! Direito,

COGNOCENTE\*

CONTEÚDO\*

entendeu?

COGNOCENTE\*

Ela é copiadora.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu sou amigo dela.

QUALIFICANDO

QUALIDADE

Eu gosto dela,

EXP.

CAUSADOR DE EXP

eu quero bem a ela.

EXP.

EVENTO\*

PARTICIPANTE EM FOCO\*

**Quero bem a todos,**

EXP.

EVENTO\*

PARTICIPANTE EM FOCO\*

mas ela é copiadora.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Eles estão, sabe, fazendo o quê?

AGENTE EFEITO\*

**Dopando**, quem quer que seja, com um só remédio!

PACIENTE INSTRUMENTO

Não **pode**,

o remédio, **quer saber** mais do que Estamira?

COGNOCENTE\* COGNOCENTE\*

**Presta atenção**,

EXPRESSO IDIOMÁTICA

o remédio é o seguinte:

ALFA REF. ALFA REF.

se **fez bem**,

CAUSADOR DE EXP.

**pára**.

AGENTE

**Dá um tempo!**

EXPRESSO IDIOMÁTICA

Se **fez mal**,

CAUSADOR DE EXP.

**vai lá**,

TEMA FONTE

**reclama**,

AGENTE

como eu fui três vezes.

AGENTE

TEMA

Na quarta vez é que eu fui atendida,

PACIENTE

**entendeu?**

COGNOCENTE\*

Mas eu não quero o mal deles, não!

EXP. EVENTO\* PARTICIPANTE EM FOCO\*

Eles estão copiando! O tal de Diazepam, então!

AGENTE

**Entendeu?**

COGNOCENTE

Se eu beber diazepam,

AGENTE

PACIENTE

se eu sou louca, visivelmente, naturalmente...

QUALIFICANDO

QUALIDADE

eu fico mais louca!

QUALIFICANDO QUALIDADE

**Entendeu agora?**

COGNOCENTE

O tal do diazepam. Não, eles vai lá só copeia.

AGENTE

Uma conversinha qualquer e só copeia e tom...!

AGENTE

Ah, que que há, rapaz?

MARCADOR DISCURSIVO

**Isso não pode**, não, senhor!

EVENTO POSSIVEL\*

Como é que eu vou ficar todo dia, todo mês, cada marca...

AGENTE

e eu vou lá

AGENTE

TEMA META

**apanhar o mesmo remédio!**

PACIENTE

Não **pode!**

EVENTO POSSÍVEL\*

**É proibido!**

QUALIDADE

Ai... Harém... (gritando)

Não **pode!**

EVENTO POSSÍVEL\*

**Entendeu** agora?

COGNOCENTE

E **eu** não **estou brincando**.

AGENTE

**Eu** **estou falando sério!**

AGENTE

MODO\*

Aqui, ó, **será como é que é o remédio**.

QUALIFICANDO

**Eu ia devolver a ela,**

AGENTE

META

FONTE

porque **ela, os seviciados deles...** porque não **sou eu...** às vezes **pode precisar**

DEPENDENTE\*

ALFA REF.

ALFA REF.

e **está aqui**.

LUGAR

Porque, na faculdade do Exército, quando **eu fui operada**

PACIENTE

aqui, ó... **Tá enxergando?** Aqui, ó!

EXP.

Em-**Entendeu?**

COGNOCENTE\*

**Eles me deram remédio**.

AGENTE

META

TEMA

FONTE

**eu fui lá na faculdade de Botafogo**, faculdade do Exército em Botafogo

TEMA

META

e **devolvi na farmácia**.

AGENTE META

**Falei com o médico**

AGENTE

DESTINATÁRIO\*

e **devolvi!**

AGENTE

Porque **eu** não **estava precisando desse remédio**, porra.

DEPENDENTE\*

REQUISITO\*

**Quem sabe sou eu!**

ALFA REF.

ALFA REF.

**Quem sabe é o cliente**.

ALFA REF.

ALFA REF.

**Fica seviciando, dopando, vadiano** pra terra suja maldita, excomungada, desgraçada.

Mais ainda, que que é? Manjado, desmascarado, desgraçado! Porra!

Aí, ó, **tudo quanto é remédio que ela passou pra mim**

TEMA

FONTE

META

AGENTE

**eu bebi**.

AGENTE

As quantia, os limite. Toda coisa tem limite!

QUALIFICANDO QUALIDADE

Esses remédio são da quadrilha... da armação... do dopante,

POSSUIDO POSSUIDOR

pra **cegar os home...**

PACIENTE

pra **querer Deus. Deus farsário!**

CAUSADOR DE EXP.

Entendeu?

COGNOCENTE

Esses remédio são dopante

QUALIFICANDO. QUALIDADE

pra **querer Deus farsário,**

CAUSADOR DE EXP.

**entendeu?**

COGNOCENTE\*

Ela falou [que Deus que livrasse ela], MENSAGEM\*

AGENTE AGENTE PACIENTE

o trocadilo é ela.

ALFA REF. ALFA REF.

[...]

Estamira – Maria Rita, entra aqui!

AGENTE

TEMA

META

*Maria Rita – Boa tarde.*

Estamira – Boa tarde, cara do pai. Trem bonito.

*Maria Rita – Tudo bem?*Estamira – Mas pra que **demorou** desse tanto?

AGENTE(?)

*Maria Rita – Ah, o carro que enguiçou. A senhora está bem, mãe?*Estamira – **Tô.**

QUALIFICANDO

*Maria Rita – Olha, pra mim, que vivi lá. O Jardim Gramacho é um local de trabalho... sei lá, eu tenho uma imagem um pouco... um pouco macabra daquele lugar onde eu vivi porque eu vivi muita coisa. A maioria da parte que eu vi lá foi ruim. Eu era uma que catava entre os lixo, ai e- eu tinha acho que uns seis anos... que eu fui morar com essa minha madrasta eu tinha sete pra oito, já estava fazendo oito. E era horrível, tinha que pedir... pedir muito, trabalhar muito pra conseguir um sanduíche, eu lembro. É muito... é muito triste, sabe, porque? Eu, eu saí de perto da minha mãe, meu irmão me tirou e eu já com a cabeça, já cresci pensando em ajudar ela. Mas ela é um pouco difícil de querer se ajudar. Eu, sinceramente, se eu pudesse eu não tinha saído de perto da minha mãe. Não tinha mesmo. Mas, se aquele Gramacho continuar, pode contar que ela vai morrer lá. Pode ter certeza.*

Estamira – **Vamos preparar o macarrão?**

AGENTE

PACIENTE

*Maria Rita – Vamos preparar o macarrão.*Estamira – Então **vamos.**

AGENTE

*Maria Rita – Eu vou ser sincera, eu queria cozinhar igual minha mãe, tá? Eu queria cozinhar igual minha mãe, porque minha mãe cozinha bem.*

Estamira – Não chega a tanto.

EXPRESSION IDIOMÁTICA

[...]

*Hernani – E depois que, né, o que ela entende como esse real poder, supremo, né... no caso né... que Deus é a posição, né, que é supremo... Entendeu?*

Estamira – Que Deus, porra nenhuma! Não **sabe** nem o que que é Deus!

COGNOCENTE\*      CONTEÚDO\*

*Hernani – Ai, no livro de Gênesis, ele fala, né... aí, pro final, ele fala... façamos o homem à nossa imagem segundo a nossa semelhança. E, no Apocalipse, que é o livro final da Bíblia, do Novo Testamento.*

*Maria Rita – Isso aqui eu não dispense por nada. Tem que experimentar.*

*Hernani – “Enganoso é o coração mais do que todas as coisas e perverso quem o conhecerá?”. Jeremias, 17, 9.*

Estamira – Que tristeza, hein?

*Hernani – “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas. Cada um se desviava pelo seu caminho, mas o Senhor fez cair sobre eles a iniquidade de todos nós”.*

Estamira – Credo em cruz, credo em cruz...

Estamira – Entendeu? O meu ouvido não é privada, otário!

ALFA REF.      ALFA REF.

Otário tem não sei nem o quê!

POSSUIDOR      POSSUÍDO

Não **sei** o que que otário tem que fa- acontecer na minha casa.

COGNOCENTE\*      CONTEÚDO\*

*Menino – Voinha!*

*Estamira – Entendeu?*

*Hernani – “Há caminho que ao homem parece direito, mas ao fim dele são os caminhos da morte”.*

*Provérbios, 14, 12.*

Estamira – Que que há... **vai** tomar no cú!

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

*Hernani – “Porque qualquer que guarda toda a lei, se deslizar em um só ponto (?)*

*Estamira – Bestaiado, bobado!*

Estamira – Inferno... **vai** pro céu,

TEMA      META

**vai** pro caralho! Bestaiado, bobado!

TEMA      META

**Vai** pra desgraça do caralho!

TEMA      META

**Vai** tomar no cú! Bestaiado, bobado!

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

Meu ouvido não é privada!

ALFA REF.      ALFA REF.

Dentro da minha casa? Dentro da minha casa, porra!

Eu não caguei essa casa, não.

AGENTE      PACIENTE

Não **foi cagado**, não...

**Foi trabalhado**, suado! Dia e noite no sol e na lama...

**Vai** pro inferno!

TEMA      META

**Vai** pro céu,

TEMA      META

**vai** pro caralho,

TEMA      META

**vai** tomar no cú!

EXPRESSÃO idiomática

**Vai** pro caralho, desgraça!

TEMA      META

**Vai** pro inferno!

TEMA      META

**Vai** pro céu,

TEMA      META

**vai** pro caralho!

TEMA      META

**Entra dentro do cú da sua desgraça!**

META

**Vai pro céu,**

TEMA META

**vai pro inferno,**

TEMA META

**vai pro caralho!**

TEMA META

*Hernani – Isso aí é o resultado de coisa, né?*

Estamira – **Vai** tomar no cú! Baixo nível imundo!

EXPRESSION IDIOMÁTICA

*Hernani – Bom, shalom, Adonai.*

Estamira – **Vai** tomar no rabo! **Vai** tomar no seu cú!

EXPRESSION IDIOMÁTICA

**Entra dentro do cú da desgraça, da sua desgraça!**

META

[...]

**Esse pastor todinho é vigarista, vadio e vagabundo.**

QUALIFICANDO.

QUALIDADE

Todos eles! Pior do que os padre! Pior do que... Absoluta! Consciente, lúcido e ciente. Absoluto!

[...]

**Sou louca,**

QUALIFICANDO

QUALIDADE

**sou doida,**

QUALIFICANDO

QUALIDADE

**sou maluca.**

QUALIFICANDO

QUALIDADE

**Eu sou azougada.**

QUALIFICANDO

QUALIDADE

**Sou esses quatro coisa.**

QUALIFICANDO

QUALIDADE

Mas, porém, consciente, lúcido e ciente, sentimentalmente.

Só **comecei revelar** em 86.

AGENTE

**Revelar** de verdade mesmo,

porque **era muito abuso.**

APRESENTANDO

Por isso é que **eu tô revelando** [que **o cometa tá dentro da minha cabeça.**] <sup>INFORMAÇÃO\*</sup>

AGENTE

LOCALIZANDO

LUGAR

**Sabe** o que que **significa** a palavra cometa?

COGNOCENTE\*

CONTEÚDO\*

Comandante. Comandante natural. Comandante.

E, então, conforme eu tav- (glossolalia)

A constelação... Todo o meio... **eles ficou com raiva do cometa.**

EXP

CAUSADOR DE EXP.

**Eles tá com raiva do cometa.**

EXP.

CAUSADOR DE EXP.

**Há determinados astros perversos,**

APRESENTADO

**astros negativo está com raiva do cometa,**

EXP.

CAUSADOR DE EXP.

porque **o cometa achava** [que **ele não deveria procurar uma carcaça como a minha**] <sup>OPINIÃO\*</sup>

COGNOCENTE\*

AGENTE

PACIENTE

Aí, volta lá.

**Procurar uma carcaça** como, sabe?

PACIENTE

Maria relense, mãe de Jesus! Que concedeu Jesus! Jesus filho de Davi carvalhense!

AGENTE

PACIENTE

(glossolalia)

Ái... Mantenha o controle,

AGENTE

mantenha o controle.

AGENTE

[...]

O cometa é grande.

QUALIFICANDO QUALIDADE

É por isso que eu passo mal, a carcaça, a carne.

EXP.

Porque ele é muito grande.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Ele não é do tamanho que vocês vê.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Daqui, ele não é lá no alto espaço, não

(?)

Lá no alto espaço é o reflexo.

ALFA REF.

ALFA REF.

Ele é aqui embaixo.

APRESENTANDO(?)

Ele não é lá em cima, não,

APRESENTANDO(?)

é aqui embaixo.

APRESENTANDO(?)

Lá o que vocês vê é o reflexo.

EXP.

CAUSADOR DE EXP.

A lua é lá no morro acolá, ó...

APRESENTANDO(?)

Não é lá, não,

assim não é o reflexo,

APRESENTANDO

é o contorno

APRESENTANDO

Ái... Mantenha o controle (?).

AGENTE

Mantenha o controle (?). Ái... ái...

AGENTE

[...]

Isso aqui é um disfarce de escravo.

ALFA REF.

ALFA REF.

Escravo disfarçado de liberto. De libertado.

ALFA REF.

ALFA REF.

Olha, a Isabel, ela de- ela soltou eles, né?

AGENTE

PACIENTE

E não deu emprego pros escravo,

AGENTE

TEMA

META

FONTE

passam fome...

EXP.

comem qualquer coisa, igual aos animais...

AGENTE

PACIENTE

Não têm educação.

POSSUIDOR POSSUÍDO

É, então... é muito triste.  
QUALIDADE

[...]

**Foi combinado,**  
**alimentai-vo** o corpo com o suor do próprio rosto.  
AGENTE PACIENTE INSTRUMENTO(?)

Não **foi com sacrifício!**  
INSTRUMENTO

Sacrifício é uma coisa,  
ALFA REF. ALFA REF.

agora, trabalhar é outra coisa. Absoluto. Absoluto!  
ALFA REF. ALFA REF.

Eu, Estamira que vos digo ao mundo inteiro. A todos! Trabalhar, não sacrificar!  
AGENTE DESTINATÁRIO\* DESTINATÁRIO\* MENSAGEM\*

[...]

João – *Olha só, eu não abuso dela, não, tá? Né, Estamira, eu abuso da senhora?*

Estamira – Não, não.

João – *Nunca abusei dela.*

Estamira – Só teve um dia que me estranhou, né?  
CAUSADOR DE EXP EXP

João – *Quem? Eu estranhei a senhora?*

Estamira – **Teve um dia**.  
APRESENTADO

**ele me estranhou**  
EXP. CAUSADOR DE EXP.

João – *Então eu tava bebo, né, só?*

Estamira – **Eu vou falar um negócio** aqui.  
AGENTE TÓPICO\*

João – *Pode falar. A hora que ela passar mal aqui...*

Estamira – **Espera** aí,  
AGENTE

**calma!**  
AGENTE

**Calma**, já chega.  
AGENTE

**Espera**,  
AGENTE

**espera** aí um pouquinho.  
AGENTE

**Deixa eu falar um coisa séria** aqui.  
AGENTE TÓPICO\*

João – *Pode falar, não tem problema, não.*

Estamira – **Eu tava verificando uma coisa**...  
AGENTE PACIENTE

João – *Pode falar, não tem problema, não.*

Estamira – Ô, João, por favor, **calma**.  
AGENTE

João – *Pode falar, pode falar, Estamira.*

Estamira – **Uma coisa séria** que **eu vou falar**.  
TÓPICO\* AGENTE

João – *Tá legal.*

Estamira – Não é por mim.

João – *Uai... eu não tô falando nada.*

Estamira – **Eu tô falando** aqui, João, por favor.  
AGENTE

João – *Eu vou sair fora, seu Marcos, eu vou sair fora.*

Estamira – Se TEMA retira, por favor.

João – *Eu vou sair fora, tá, Marcos?*

Estamira – Pois eu, eu AGENTE não **tô orientando** ninguém, PACIENTE

nem **quero orientar** ninguém. AGENTE PACIENTE

Eu tô alertando, AGENTE

Porque eu EXP. **tenho a impressão**...

João – *Entendeu só? Tô bêbado demais. Eu bom, eu não sou ninguém, não. Eu bom é outra coisa. Entendeu? Mas eu considero todo mundo, respeito todo mundo, entendeu, cara? Sou respeitador, sabe?*

[...]

Todo dia ele AGENTE **deita** é lá.

E, quando não **deixa** [ele AGENTE **deitar** lá] ACÇÃO\*

com medo de ele PACIENTE **queimar**,

ele OPINADOR **acha ruim**. QUALIDADE

Eu EXP. **fico com dó** demais,

ele QUALIFICANDO **é muito bom**, o João, QUALIDADE

Entendeu? COGNOCENTE

Eu EXP. **tenho dó** muito dele, CAUSADOR DE EXP.

ele QUALIFICANDO **é muito bom**. QUALIDADE

Ele COGNOCENTE\* **sabe ler e escrever** muito. EVENTO\*

E mesmo assim **acontece** essas coisa. APRESENTANDO

É o Trocadilo AGENTE que **fez** isso EFEITO\* com as pessoas.

O homem QUALIFICANDO não **pode ser** incivilizado. QUALIDADE

Todos os homens QUALIFICANDO **têm de ser** iguais, QUALIDADE

**têm que ser** comunistas, QUALIDADE comunismo.

Comunismo ALFA REF. **é** igualdade. ALFA REF.

Não é **obrigado** todos AGENTE **trabalhar** num serviço só. TIPO\*

Num é **obrigado** todos AGENTE **comer** uma coisa só. PACIENTE

Mas [a igualdade ALFA REF. **é** a ordenança] TEMA ALFA REF.

que deu AGENTE **quem revelou** o homem, QUALIFICANDO o único condicional. QUALIDADE

E o homem QUALIFICANDO **é** o único condicional QUALIDADE seja que cor for.

Eu sou Estamira.  
ALFA REF ALFA REF

eu não importo,  
EXP.

eu podia ser da cor que fosse.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu re- é... formato homem, par, mas eu sou Estamira, eu não...  
ALFA REF ALFA REF

mas eu não admito,  
AGENTE

eu não gosto [que ninguém rep- é... ofende cores e nem formosura.] CAUSADOR DE EXP.  
EXP. AGENTE PACIENTE

O que importa, bonito é o que fez e o que faz.  
ALFA REF. ALFA REF.

Feio é o que fez e o que faz.  
ALFA REF. ALFA REF.

Isso é que é feio.  
ALFA REF. ALFA REF.

A incivilização que é feio.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Comunismo superior. O único comunismo.

[...]

Eu, Estamira, visíve e invisíve. Eu tenho muitos sobrenomes.  
POSSUIDOR POSSUÍDO

E esses sobrenomes vêm de todo lugar.  
TEMA FONTE

Lamentavelmente, o pai da minha mãe é famílias de Ribeiro.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Tudo polícia, tudo general, tudo não sei o quê, né?

Ele é estрупador.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Ele estrupou a minha mãe.  
AGENTE PACIENTE

E fez coisa comigo também.  
AGENTE PACIENTE

A minha depressão é imensa.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

A minha depressão não tem cura.  
QUALIFICANDO QUALIDADE(?)

É e quando eu tinha nove anos  
LOCALIZANDO MEDIDA

eu pedi ele [pra comprar uma sandália pra mim] MENSAGEM\*,  
AGENTE DESTINATÁRIO\* TEMA META

pra mim ir na festa  
TEMA META

que eu queria a sandália.  
EXP. CAUSADOR DE EXP.

Ele falou [que só comprava se eu deitasse com ele.] MENSAGEM\*  
AGENTE AGENTE COMPANHIA

É, eu não gosto do pai da minha mãe,  
EXP. CAUSADOR EXP.

porque ele me pegou com 12 anos  
AGENTE PACIENTE

e me trouxe pra Goiás Velho  
TEMA META

e... lá era um... era um bordel.  
ALFA REF. ALFA REF.

É. Era um bordel,  
ALFA REF.

sabe,  
COGNOCENTE\*

e eu prostituí lá.  
AGENTE

Era da da filha dele.  
POSSUIDOR

Aí, o pai do Hernani, ele me conheceu lá  
COGNOCENTE\* CONTEUDO\*

aonde meu avô me deixou, lá no bordel,  
AGENTE TEMA FONTE

aí eu já tinha 17 anos.  
LOCALIZANDO MEDIDA

E gostou demais de mim  
EXP. CAUSADOR DE EXP.

e deu no meu pé  
{EXPRESSÃO IDIOMÁTICA}

e arrumou uma casa  
AGENTE PACIENTE

e pôs eu dentro da casa.  
AGENTE TEMA META

Mas o pai do Hernani, ele era muito cheio de mulher.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu peguei  
AGENTE

e não aguentei.  
EXP.

Larguei tudo dentro da casa  
AGENTE TEMA FONTE

e só apanhei o menino.  
AGENTE PACIENTE

Apanhei o menino  
AGENTE PACIENTE

e vim embora pra Brasília.  
TEMA META

Eu tava lá na casa da tia, lá em Brasília.  
LOCALIZANDO LUGAR

E apareceu o pai da Carolina lá, o italiano.  
PACIENTE

E levou eu na casa dele.  
AGENTE TEMA META

Aí deu certo  
{EXPRESSÃO IDIOMÁTICA}

e depois nós foi morar junto.  
AGENTE

E ele também é cheio de mulher.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu vivi com ele 12 anos.  
PRS PRS

Tive a Carolina  
AGENTE PACIENTE

e tive esse que fez o cesário.  
PACIENTE

esse que **fez o cesário**

PACIENTE

**nasceu** invisível.

PACIENTE

E eu acho que o que mais me ajuda é esse que nasceu invisível

OPINADOR

ALFA REF.

ALFA REF.

[...]

Eu, hein, que Deus é esse?

EXPRESSIONS IDIOMÁTICA

Deus estropador, Deus traidor...

Trocadilo que não **respeita mãe**,

EXPERIENCIADOR

CAUSADOR DE EXP.

que não **respeita pai?** Eu hein?

CAUSADOR DE EXP.

Ó, cadê sua tia Maria Rita?

Cadê o Hernani que mora bem ali na casa da sua mãe? Eu, hein?

LOCALIZANDO

LUGAR

Não adianta, não adianta nem **tentar me esquecer**,

CAUSADOR DE EXP.

{cantando}

porque (?) muito tempo em tua vida eu vou viver

PACIENTE

{cantando}

*João – Se você pretende saber quem eu sou,*

{cantando}

Estamira – Eu **posso lhe contar**.

DESTINATÁRIO\*

{cantando}

*João – E agora?*

Estamira – Nas curvas da estrada de santos...

{cantando}

*João – Você vai me conhecer... por acaso numa curva... você me lembra do meu mundo.*

*Neto – Ô, vô, por que que tem tanta assim, raiva assim de Deus? O que que ele fez pra senhora?*

Estamira – O que que **você sabe de Deus?**

COGNOCENTE\*

TÓPICO\*

O que que **você sabe de Deus?**

COGNOCENTE\*

TÓPICO\*

**Você que tá ca- fedendo a ovo!**

CAUSADOR DE EXP.

ATRIBUTO SENSORIAL\*

Eu achava que você fosse mais inteligente.

OPINADOR

QUALIFICANDO

QUALIDADE

Você tem apenas dez anos.

LOCALIZANDO

MEDIDA

Hora que você ficar grande,

QUALIFICANDO

QUALIDADE

**você vai ver!**

EXP.

Tomara que você fica grande!

QUALIFICANDO QUALIDADE

Tomara que você fica grande!

QUALIFICANDO QUALIDADE

*Neto – Mas sem ele você não podia estar aqui agora, também.*

Estamira – o quê?

*Neto – Mas sem ele você não poderia estar aqui agora.*

Estamira – É ruim? **Você me respeita!**

AGENTE PACIENTE

Eu não quero perder a paciência!

{EXPRESSIONS IDIOMÁTICA}

Eu não quero perder a paciência,

{EXPRESSIONS IDIOMÁTICA}

porque você é meu neto.  
ALFA REF ALFA REF.

Você tá com Deus enfiado no seu cú?  
QUALIFICANDO LOCALIZANDO LUGAR

Deus tá enfiado no seu cú  
LOCALIZANDO LUGAR

pra falar isso pra mim?  
MENSAGEM\* DESTINATÁRIO\*

Você quer saber -  
AGENTE

Eu tenho 62 anos!  
LOCALIZANDO MEDIDA

Você quer saber mais de Deus do que eu?  
COGNOCENTE\* TÓPICO\*

Eu vou na tua casa  
TEMA META

porque eu tenho dó de sua mãe!  
EXP. CAUSADOR DE EXP.

Eu tenho dó de sua mãe,  
EXP. CAUSADOR DE EXP.

porque fui eu que pari ela.  
AGENTE PACIENTE

Não foi Deus que pariu sua mãe, não!  
AGENTE PACIENTE

**Foi eu!**  
AGENTE

**Foi eu que pari!**  
AGENTE

Aqui, ó! Aqui, ó!  
Aqui que eu pari,  
AGENTE

**foi aqui que eu pari a sua mãe.**  
AGENTE PACIENTE

Aqui, ó!

**Foi aqui, ó!**

Eu vou na sua casa por causa disso!  
TEMA META

Se não, eu não ia, não!  
TEMA

Eu tô aqui, nessa (?), por causa disso!  
LOCALIZANDO LUGAR

**Fui eu que pari o seu deus,**  
AGENTE PACIENTE

que pariu sua mãe não.  
PACIENTE

Quem foi que pariu sua mãe fui eu!  
PACIENTE AGENTE

Você pega teu Deus  
AGENTE PACIENTE

e vai pro caralho!  
TEMA META

Vai pro inferno,  
TEMA META

vai pro céu,  
TEMA META

vai pro caralho!  
TEMA META

[...]

Estamira – Eu hoje estou tão triste.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu queria tanto conversar com o capeta

PRS

PRS

{cantando}

you é doida demais,

QUALIFICANDO QUALIDADE

you é doida demais.

QUALIFICANDO QUALIDADE

(?)

Eu sou perfeita.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu sou perfeita.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Meus filhos são comum.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu sou perfeita!

QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu sou melhor do que Jesus!

QUALIFICANDO QUALIDADE

Me orgulho por isso!

EXP. CAUSADOR DE EXP.

Se quiser fazer comigo

PACIENTE

pior do que fez com o tal de Jesus,

PACIENTE

pode fazer!

A morte é maravilhosa.

QUALIFICANDO QUALIDADE

A morte é dona de tudo.

POSSUIDOR POSSUIDO

A morte é dona de tudo.

POSSUIDOR POSSUIDO

Deus... Quem fez Deus foi os home!

PACIENTE AGENTE

Carolina – Ô, mãe, como é que faz pra fazer um cafezinho rapidinho?

Estamira – Pinga em mim, pinga em mim...

Eu tô vendo menino-rã!

EXP. CAUSADOR DE EXP.

Eu tô vendo menino-rã!

EXP. CAUSADOR DE EXP.

[...]

Engraçado. Eu não sei se é por incrível que pareça a palavra certa,

COGNOCENTE\*

CONTEÚDO\*

o que eu mais sinto falta na minha vida é a minha mãe.

EXP.

CAUSADOR DE EXP.

O que eu mais lembro na minha vida, minuto por minuto, é a minha mãe.

EXP.

CAUSADOR DE EXP.

Um dia a minha mãe me perguntou assim:

AGENTE DESTINATÁRIO\*

“Nené, you já viu eles?”

EXP.

CAUSADOR DE EXP.

Eu falei: “Que eles?”

AGENTE MENSAGEM\*

Ela falou: “Eles, é uma porção deles”.

AGENTE MENSAGEM\*

Era os astros que atentava ela.

AGENTE PACIENTE

Os astros... ofensível, negativo que atentava ela.

AGENTE PACIENTE

E eu sou do astro positivo,<sup>184</sup>

POSSUÍDO(?) POSSUIDOR(?)

eu não sou do astro negativo.

POSSUÍDO(?) POSSUIDOR(?)

Eu sou do astro positivo, útil.

POSSUÍDO(?) POSSUIDOR(?)

*Carolina – O meu pai judiou muito dela. Disse pra minha mãe assim: “ou você interna a sua mãe ou a gente não vive junto”.*

Estamira – Primeiro, ele chamou a ambulância

AGENTE DESTINATÁRIO\*

pra levar minha mãe.

PACIENTE

Chamou médico com camisa-de-força.

AGENTE DESTINATÁRIO\*

Aí, o médico falou: “Não, essa daí não é camisa-de-força, essa daí não precisa”.

AGENTE MENSAGEM\*

Tá bom. Aí ele ficou me atentando,

AGENTE PACIENTE

me atentando,

PACIENTE

me atentando,

PACIENTE

até que fez eu levar a minha mãe lá no Engenho de Dentro.

AGENTE PACIENTE TEMA META

Nós fomo de trem.

TEMA

Coitada da minha mãe, inocente.

Tá bom, aí deixei ela lá no hospício.

AGENTE TEMA FONTE

Quando foi na quinta-feira, eu fui lá

TEMA META

visitar ela,

ENTIDADE\*

ela tava com o braço todo roxo.

POSSUIDOR PORSSUIDO

QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu falei: “o que que foi isso, mãe?”,

AGENTE MENSAGEM

Ela falou: “Foi o desgraçado”.

AGENTE MENSAGEM

Deu choque nela,

AGENTE PACIENTE

bateu nela,

AGENTE PACIENTE

ela tava com o braço tudo roxo.

POSSUIDOR PORSSUIDO

<sup>184</sup> Construção permanece ambígua mesmo no contexto, pois os argumentos podem ser tanto o par Possuidor-Possuido quanto Qualificando-Qualidade (como seria em “Eu sou do tipo astro positivo”).

Carolina – *Minha avó falava assim... chamava ela de “Estamira”. “Estamira! Tenha dó de mim. Me tira daqui, Estamira!”.*

Estamira – Aí eu fiquei com dó demais dela,  
EXP. CAUSADOR DE EXP.

mas deixei ela lá assim mesmo.  
AGENTE TEMA FONTE

Falei: [“Depois eu venho, mãe...”] MENSAGEM\*  
AGENTE AGENTE

venho ver a senhora,  
AGENTE

EXP. CAUSADOR DE EXP.

buscar a senhora”.  
PACIENTE

Carolina – *A partir do momento que ela largou meu pai... a primeira coisa que ela fez... deixou nós na casa não sei de quem, no morro lá e foi buscar minha avó no dia seguinte. E minha avó sempre seguiu com a gente até morrer. Então pra que eu nunca carregasse isso que ela carrega até hoje, eu já sabendo dessa história, eu jamais tentei fazer isso. Até hoje ela carrega isso com ela, ela chora até hoje por isso.*

[...]

Oi, ai... como é que a vida é dura, né, gente?  
QUALIFICANDO QUALIDADE

A vida é dura, dura, dura, dura.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

A vida não tem dó, não.  
EXP.

Ela é mau.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Mais que a gente peleja,  
AGENTE

que a gente quer bem,  
EXP.

que a gente quer o bem,  
EXP. EVENTO\*

mais... fica... destraviado.

Aí, ó, tem coisa  
APRESENTANDO

zoando aqui, ó, no meu ouvido.  
LUGAR

Faz assim: timmm...  
MODO\*

E eu acho que é os remédio, entendeu?  
OPINADOR CAUSA

Porque, eu bebo muito remédio, mas muito remédio...  
AGENTE PACIENTE

e eles tudo é dopante, esses remédio.  
QUALIFICANDO QUALIDADE

Eu acho que é por isso que eu tô com a língua assim.  
OPINADOR POSSUIDOR POSSUÍDO

QUALIFICANDO QUALIDADE

Desgovernada, eu tô desgovernada.  
QUALIF. QUALIDADE

Sabe o que que é uma pessoa desgovernada?  
COGNOCENTE\* CONTEÚDO\*

Uma pessoa nervosa assim, querendo falar sem poder, agoniada.

AGENTE  
 E eu não sei [o que que eu **faço**] <sup>CONTEÚDO\*</sup>  
 COGNOCENTE\* AGENTE

Eu já **tive** pensando [em parar um ano sem **beber o remédio**] <sup>CONTEÚDO\*</sup>  
 COGNOCENTE\* PACIENTE

Porque tem vez que a minha cabeça tá **parecendo** sabe o quê? Um copo cheio de sorrisal, fervendo assim, ó.  
 ALFA REF. ALFA REF.

[...]

Estamira – “Atesto que... Estamira Gomes de Souza portadora de quadro é... psicótico de evolução é... crônica... alucinações auditivas... idéias de... influ- influências, discurso místico... deverá permanecer em tratamento psiquiátrico continuando... continuando”. {Lendo um atestado médico}

Estamira – Bem, a deficiência mental... eu **acho** que **tem** é quem, é imprestável, né?  
 OPINADOR QUALIFICANDO QUALIFICANDO

Ora, eles que **têm** problema mental...  
 QUALIFICANDO QUALIDADE

bem, perturbação também **é**, né?  
 Perturbação, depois eu **tive** pensando,  
 AGENTE

perturbação também **é**... mas não **é** deficiência, né?  
 ALFA REF. ALFA REF.

Perturbação **é** perturbação.  
 ALFA REF. ALFA REF.

Qualquer um **pode** **ficar** perturbado.  
 QUALIFICANDO QUALIDADE

[...]

[Os homens tá **pior** do que os quadrúpos.] <sup>ALFA REF.1</sup>  
 QUALIFICANDO QUALIDADE

**É** a decepção de todos os espaços.  
 ALFA REF.1

A decepção de quem **revelou** o homem **como** único condicional. **É** mole?  
 AGENTE QUALIFICANDO QUALIDADE

Me dá **tristeza**,  
 EXP.

me dá **vergonha**,  
 EXP.

me dá **nojo**!  
 EXP.

Que que eu **faço**?  
 AGENTE

Olha, eu já **tive** **vontade** de **desencarnar**!  
 EXP.

Eu **falei**: [“Mas, se eu **desencarnar**, eu não **cumpro a minha missão**”] <sup>MENSAGEM</sup>.  
 AGENTE PACIENTE AGENTE

A minha missão **é** **revelar**, seja lá a quem for  
 ALFA REF. ALFA REF.

doa a quem doer.  
 {EXPRESSÃO IDIOMÁTICA}

A minha cabeça **trabalha** muito.  
 AGENTE

Mas o trocadilo **fez** [com que me **separasse** até dos meus **parentes**] <sup>EFEITO\*</sup>  
 AGENTE PACIENTE 1 PACIENTE 2

Eles não tão **vendo** também, não.

EXP

Eles **estão igual** Pilstras... **fez** com Jesus.

ALFA REF

ALFA REF.

AGENTE

PACIENTE

Já me bateram com pau pra mim aceitar Deus...

PACIENTE

AGENTE

INSTRUMENTO

mas esse Deus desse jeito... esse Deus deles, esse Deus sujo, esse Deus estrupador, esse Deus assaltante, de qualquer lugar... de tudo quanto é lugar... esse Deus arrombador de casa...

Com esse Deus eu não **aceito!**

PROPOSTA\* AGENTE

Nem picadinha a carne, nem a minha carne picadinha de faca, de facão, de qualquer coisa.

Eu não **aceito**, não adianta.

AGENTE

Eu **sou a verdade**,

ALFA REF

ALFA REF

eu **sou da verdade**.

QUALIFICANDO

QUALIDADE

Os home **é o superior na terra**, o bicho superior.

ALFA REF

ALFA REF

Home também **é bicho**, mas **é superior**.

QUALIFICANDO

QUALIDADE

QUALIDADE

Trocadilo **fez isso**.

AGENTE

EFETO\*

Agora **vou revelar**.

AGENTE

Quem **quiser me matar** pode **matar**.

AGENTE

PACIENTE

Não **mataram Jesus?**

AGENTE PACIENTE

Jesus não **é bom demais** agora,

QUALIFICANDO

QUALIDADE

depois que ele **morreu?**

PACIENTE

Mas eu não, comigo **é** esquisito.

QUALIFICANDO(?)

QUALIDADE(?)

[...]

A solução **é... fogo**.

ALFA REF

ALFA REF

A única solução **é o fogo**.

ALFA REF

ALFA REF

**Queimar** tudo os espaços, os seres

PACIENTE

e **pôr** outros seres nos espaços.

TEMA

META

A Terra **disse-**

AGENTE

ela **falava**,

AGENTE

ela agora que já **tá morta**.

QUALIFICANDO

QUALIDADE

Ela **disse** [que então ela não **seria**... testemunha de nada.]<sup>MENSAGEM\*</sup>

AGENTE

QUALIFICANDO

QUALIDADE

Olha o que que **aconteceu** com ela.

PACIENTE

Eu **fiquei de mal** com ela uma porção de tempo

PRS

PRS

AGENTE

e falei pra ela que

AGENTE DESTINATÁRIO

até que ela provasse o contrário.

AGENTE CONTEÚDO\*

Ela me provou o contrário. A Terra.

AGENTE DESTINATÁRIO CONTEÚDO\*

Ela me provou o contrário,

AGENTE DESTINATÁRIO CONTEÚDO\*

porque ela é indefesa.

QUALIFICANDO QUALIDADE

A Terra é indefesa.

QUALIFICANDO QUALIDADE

A minha carne, o sangue, é indefesa como a Terra.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Mas eu, a minha áurea não é indefesa, não.

QUALIFICANDO QUALIDADE

Se queimar os espaço todinho,

PACIENTE

e eu tô no meio.

LOCALIZANDO LUGAR

Pode queimar.

AGENTE

Eu tô no meio, invisível.

LOCALIZANDO LUGAR

Se queimar meu sentimento, minha carne, meu sangue...

PACIENTE

se for pra o bem, se for pra verdade, pra o bem, pela lucidez de todos os seres,  
pra mim pode ser agora, nesse segundo.Eu agradeço ainda.

AGENTE

[...]

Eu, Estamira, eu não concordo com a vida.

AGENTE (??)

Eu não vou mudar o meu ser,

AGENTE PACIENTE

eu fui visada assim.

PACIENTE

Eu nasci assim

PACIENTE

e eu não admito as ocorrência que existe,

AGENTE (??)

que têm existido com os seres sanguíneo, carnífos, terrestre.Não gosto de erros,

EXP CAUSADOR DE EXP.

não gosto de suspeitas,

EXP CAUSADOR DE EXP

não gosto de judiação, de perversidade.

EXP CAUSADOR DE EXP

Não gosto de homilhação,

EXP CAUSADOR DE EXP

não gosto de imoralidade.

EXP CAUSADOR DE EXP

O fogo, ele está comigo agora,

LOCALIZANDO LUGAR

ele está me queimando.

AGENTE      PACIENTE

Ele tá me testano.

AGENTE      PACIENTE

Sentimento, todos astros têm sentimento.

POSSUIDOR      POSSUÍDO

Este astro aqui, Estamira, não **vai mudar o ser.**

AGENTE      PACIENTE

Não **vou ceder o meu ser** a nada.

AGENTE      PACIENTE

Eu sou Estamira

ALFA REF      ALFA REF

e **tá acabado,**

é Estamira mesmo.

ALFA REF

[...]

Eu nunca tive sorte.

POSSUIDOR      POSSUÍDO

A única sorte que eu tive foi de conhecer o Sr. Jardim Gramacho, o lixão.

POSSUÍDO      POSSUIDOR

O Sr. cisco (?) que eu amo.

EXP.

Eu adoro.

EXP.

Como eu quero bem os meus filhos

EXP      CAUSADOR DE EXP.

e como eu quero bem meus amigos.

EXP      CAUSADOR DE EXP.

Eu nunca tive aquela coisa que eu sou: sorte boa.

POSSUIDOR      POSSUÍDO

[...]

Sirene, ô sirene, ô sirene, pô! Eu não vou agora, não.

TEMA

Não **posso**, não.

ENTIDADE\*

**Posso** não.

ENTIDADE\*

Sirene, Sirene, eu não posso ir agora, não, Sirene!

TEMA

Não **posso ir** agora, não, Sirene!

TEMA

Puxa vida, Sirene! Dejanir, submergir! Dejanir, submergir! Dejanir, a outra filha minha, filha marítima.

**São filhas marítimas.**

QUALIDADE

[...]

Tudo que é imaginário tem, existe, é.

APRESENTANDO

Sabia [que tudo que é imaginário existe e é e tem?]<sup>CONTEÚDO\*</sup>

COGNOCENTE\*      APRESENTANDO

Pois é...